

128

# CADERNOS *de teresina*

BIBLIOTECA PÚBLICA  
MUN. DA COSTA E SILVA

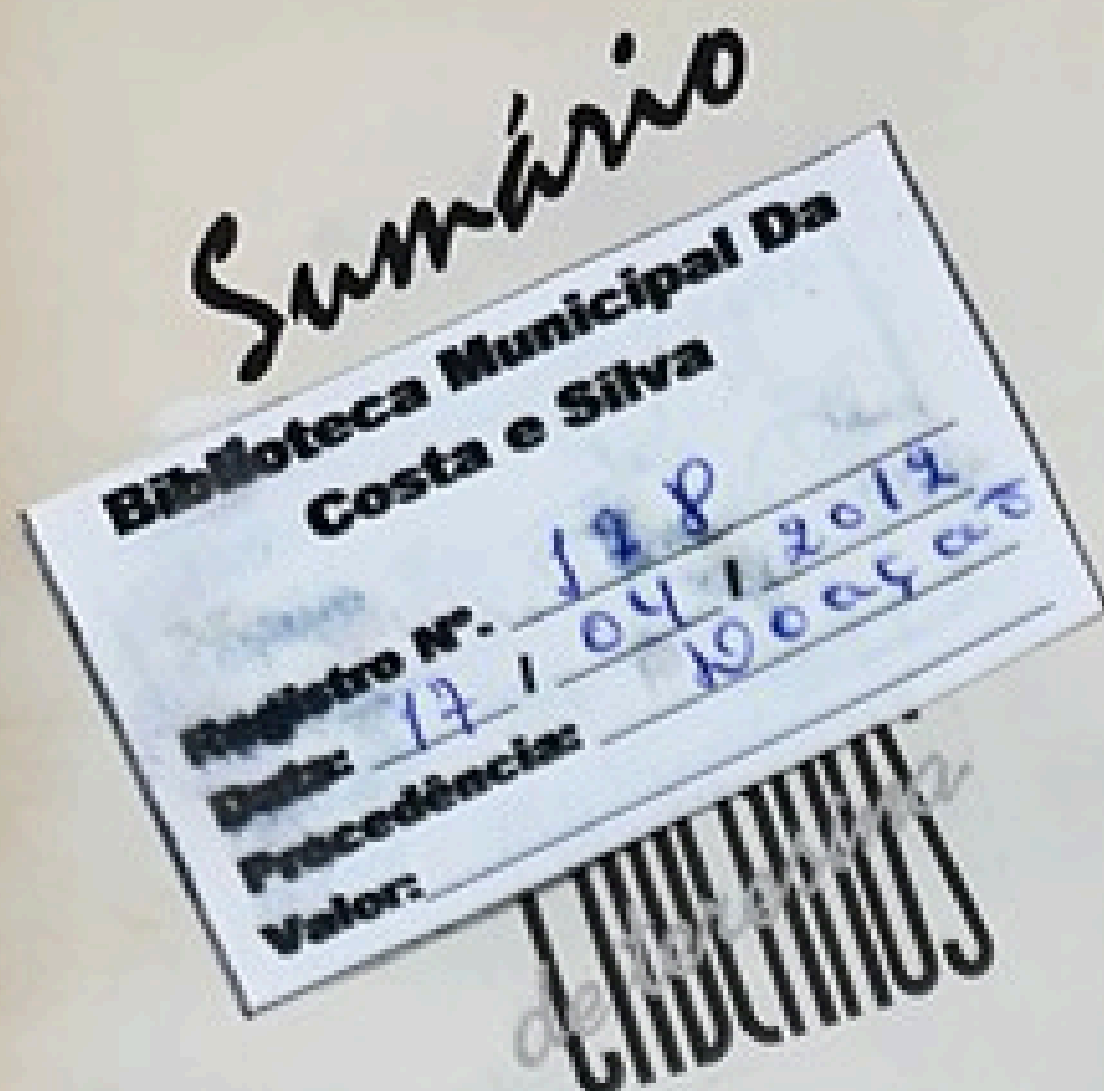
ANO VIII - nº 17 - Agosto de 1994

TERESINA, 17

128

Prat. 7

PARQUE DA FLORESTA FÓSSIL DO RIO POTI



Ano VIII - nº 17 - agosto de 1994  
Revista Informativa  
da Fundação Cultural Monsenhor Chaves  
Publicação quadrimestral

**PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA**  
Raimundo Wall Ferraz

**PRES. DA FUNDAÇÃO CULTURAL MONS. CHAVES**  
Eugênia Maria Parentes Fortes Ferraz

**SUPERINTENDENTE**  
Amália Maria Lages Teles

**DIRETOR DO DEPTO. DE ARTES**  
Francisco Ací Gomes Campelo

**COORDENADOR DE LITERATURA E EDITORAÇÃO**  
José Elmar de Melo Carvalho

**CONSELHO EDITORIAL**  
Francisco Hardi Filho, Francisco Miguel de Moura,  
José Airton Ferreira de Sousa, José Elmar de Melo  
Carvalho, Marcelino Leal Barroso de Carvalho,  
Rubervam Maciel do Nascimento e Silvana Maria  
Santana de Oliveira

**PLANEJAMENTO GRÁFICO  
E PROGRAMAÇÃO VISUAL**  
Marcos Carocas

**REDAÇÃO**  
Adrião Neto

**REVISÃO**  
Adrião Neto e Maria Elizabeth Paiva Sousa Medeiros

**ILUSTRAÇÃO**  
Hélio Ferreira de S. Filho, Dim Dsampo  
e Radamês

**FOTO DA CAPA**  
Aureliano Müller

**CONTRACAPA**  
Antônio Amaral

**FOTOS**  
Arquivo - Claire Anne, Jairo Cezar, Kleyton Marinho e  
Totó Barbosa

**COMPOSIÇÃO E PAGINAÇÃO**  
Alinea Publicações Editora

**ARTE FINAL**  
Marcos Carocas

**FOTOLITO E IMPRESSÃO**  
Gráfica Mendes

**COLABORADORES**  
Pollyanna Jericó, Airton Sampalo, Francisco Miguel  
de Moura, Elmar Carvalho, Felipe Andreas Friedric  
Hoffmann, Alcebiades Costa Filho, Anna Kelma  
Gallas, Claire Anne Viana de Sousa, Silvana  
Santana, Vilma Teles Veras, Paulo Gutemberg,  
Francisco Alcides do Nascimento, Arnaldo  
Albuquerque, Rubervam du Nascimento, Waldemir  
Miranda, Geraldo Brito, Antonio Francisco P. Fortes,  
Flávio Mário de Alcântara Calazans, Edinólia  
Fontinelle, Adail Coelho Maia, Lucídio Freitas,  
Radamês A. Silva, Ací Campelo, Edison Gayoso  
Castelo Branco Barbosa, Adrião Neto.

## 2 EDITORIAL

3 ARTES PLÁSTICAS  
ESTÊNIO - A VIDA DO BARRO  
Pollyanna Jericó

5 CANTO DO CONTO  
O SEGREDO DE SÁ BINA  
Airton Sampalo

7 CRÔNICA SEMPRE  
A VIDA DO VIZINHO  
Francisco Miguel de Moura

9 CRÍTICA LITERÁRIA  
ASPECTOS DA LITERATURA PIAUIENSE  
Elmar Carvalho

12 ENSAIO PARA UM DOMADOR DE POTROS  
Felipe Andreas Frieddrick Hoffmann

14 DOCUMENTO  
PIAUI PROVINCIAL - UMA VISÃO DOS CÓDICES DE PASSAPORTE  
Alcebiades Costa Filho

20 ENTREVISTA  
CELSE BARROS COELHO  
Anna Kelma Gallas e Elmar carvalho

25 ECOLOGIA  
O PARQUE MUNICIPAL DA FLORESTA FÓSSIL DO RIO POTI  
Claire Anne Viana de Sousa

29 EM FOCO  
NOVAS EDIÇÕES  
Silvana Santana e Vilma Teles Veras

33 FOTOGRAFIA  
VINTE ANOS DEPOIS  
Paulo Gutemberg

37 HISTÓRIA  
HISTÓRIA ORAL: TEORIA E PRÁTICA  
Francisco Alcides do Nascimento

45 HUMOR  
Arnaldo Albuquerque

47 LITERATURA  
APOCALIPSE DE MÁRIO QUINTANA  
Rubervam du Nascimento

50 LEONARDO DE N. S. DAS DORES CASTELO BRANCO  
Waldemir Miranda

54 MÚSICA  
MÚSICA NO PIAUI ANOS 60  
Geraldo Brito

58 PERFIL  
PROFESSOR CLEMENTE FORTES, EDUCADOR E CRÍTICO DO  
DIREITO CÍVICO BRASILEIRO  
Antonio Francisco P. Fortes

62 QUADRINHOS  
O QUADRINHO DE ARTE DE AMARAL  
Flávio Mário de Alcântara Calazans

64 SÓ POESIA

66 TEATRO  
TARCISO PRADO - UM GRITO PARADO NO AR  
Ací Campelo

69 URBANISMO  
CONSIDERAÇÕES SOBRE O PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO DE  
TERESINA  
Edison Gayoso Castelo Branco Barbosa

74 AGENDA  
Adrião Neto

128

# Editorial

Cadernos de Teresina é um espaço informativo e cultural democrático, aberto.

Não é reduto de grupinhos - políticos ou literários. Jamais exigimos declaração de credo ou certidão ideológica de nossos colaboradores. As únicas coisas de que fazemos questão são a competência, o talento e a inteligência. São esses ingredientes o passaporte ideal para nossa revista.

No presente número é contada a saga do poeta e patriota Leonardo de N. Sra. das Dores Castelo Branco. Misto de literato, herói e inventor, pois passou boa parte de sua vida à procura do moto contínuo.

Outra matéria não menos importante é a que se reporta à Floresta Petrificada do Poti. Sua autora, não obstante a escassez de fontes a respeito, não mediu esforços no sentido de conseguir o máximo de informações possíveis.

A seção Em Foco distingue desta vez o arrojado projeto editorial da Fundação Cultural Monsenhor Chaves, que mesmo em face das dificuldades financeiras que assolam nosso país vem cumprindo fielmente seu desiderato, publicando obras de capital importância para a cultura do Piauí.

Com o prof. Edison Gaioso, mediante suas fotos e texto, fazemos uma "viagem" no tempo e no espaço, pela nossa Teresina de ontem, de hoje e de sempre.

Mas essas são apenas algumas das excelentes matérias que permeiam a revista, e que contribuem para a manutenção do seu elevado nível e conceito.

Conselho Editorial

PARQUE DA FLORESTA FÓSSIL DO RIO POTI

2 - CADERNOS DE TERESINA-AGOSTO/94



# Artes Plásticas

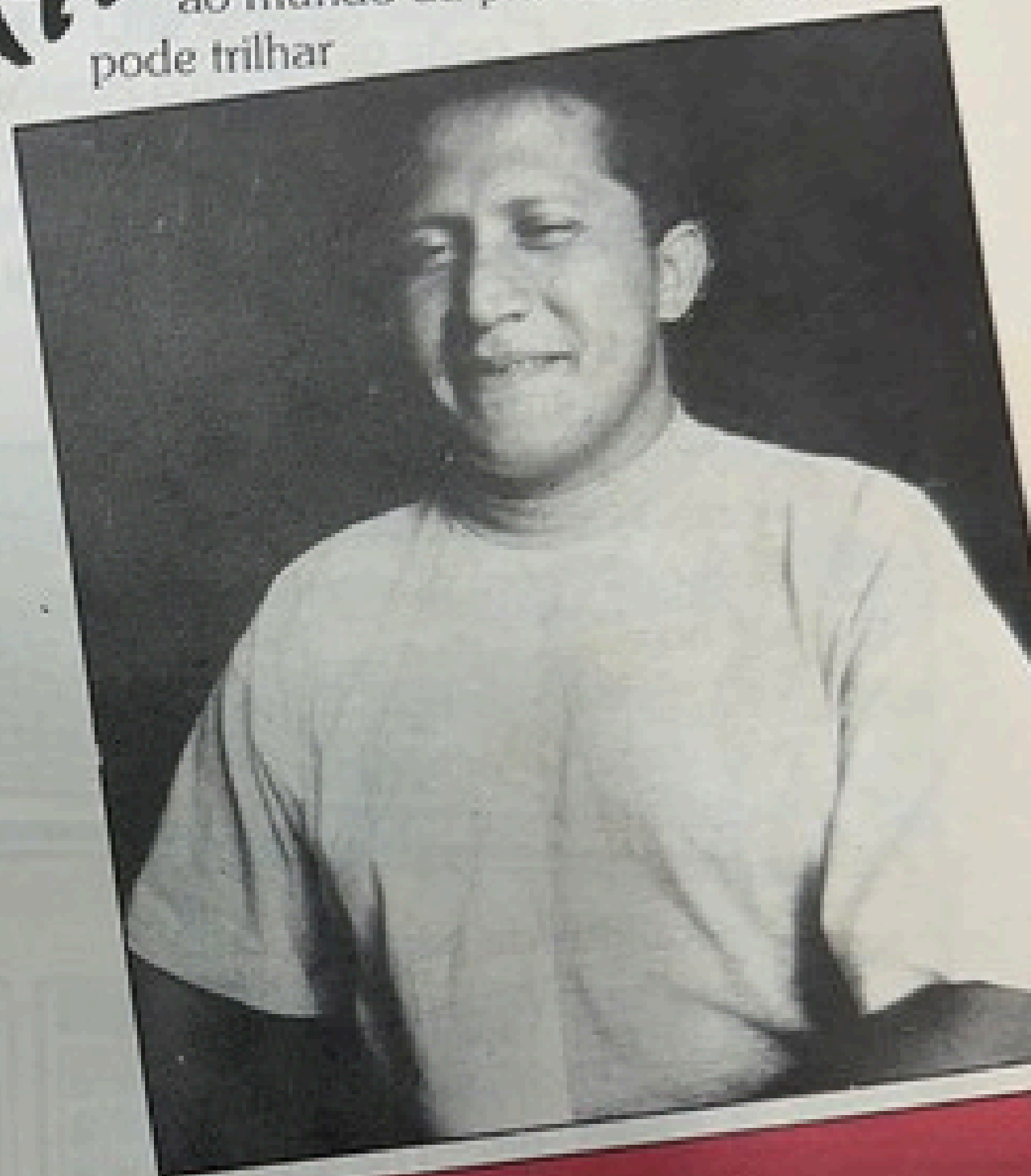
maneiras de se trabalhar as formas tridimensionais. A argila, como matéria plasmável, favorece a um íntimo entrosamento entre autor/emoção e obra/mensagem, além de se materializar como a concreção dos sentimentos enquanto forma, cor e textura.

Estênio segue tranquilo por esta trilha, compondo na temática universalista do figurativismo humano. Imita, na maioria das vezes, o Criador no Sexto Dia da Criação, modelando do barro o homem, marca registrada do contraste, do dual, da perfeição/imperfeição, concreto/abstrato, etc.

aquece esta idéia em pedra-cerâmica para depois apresentá-la ao mundo da plástica. Entretanto, pode trilhar

## ESTÊNIO A Vida do Bazzo

Pollyanna



FOTOS: JAIRÓ CÉZAR

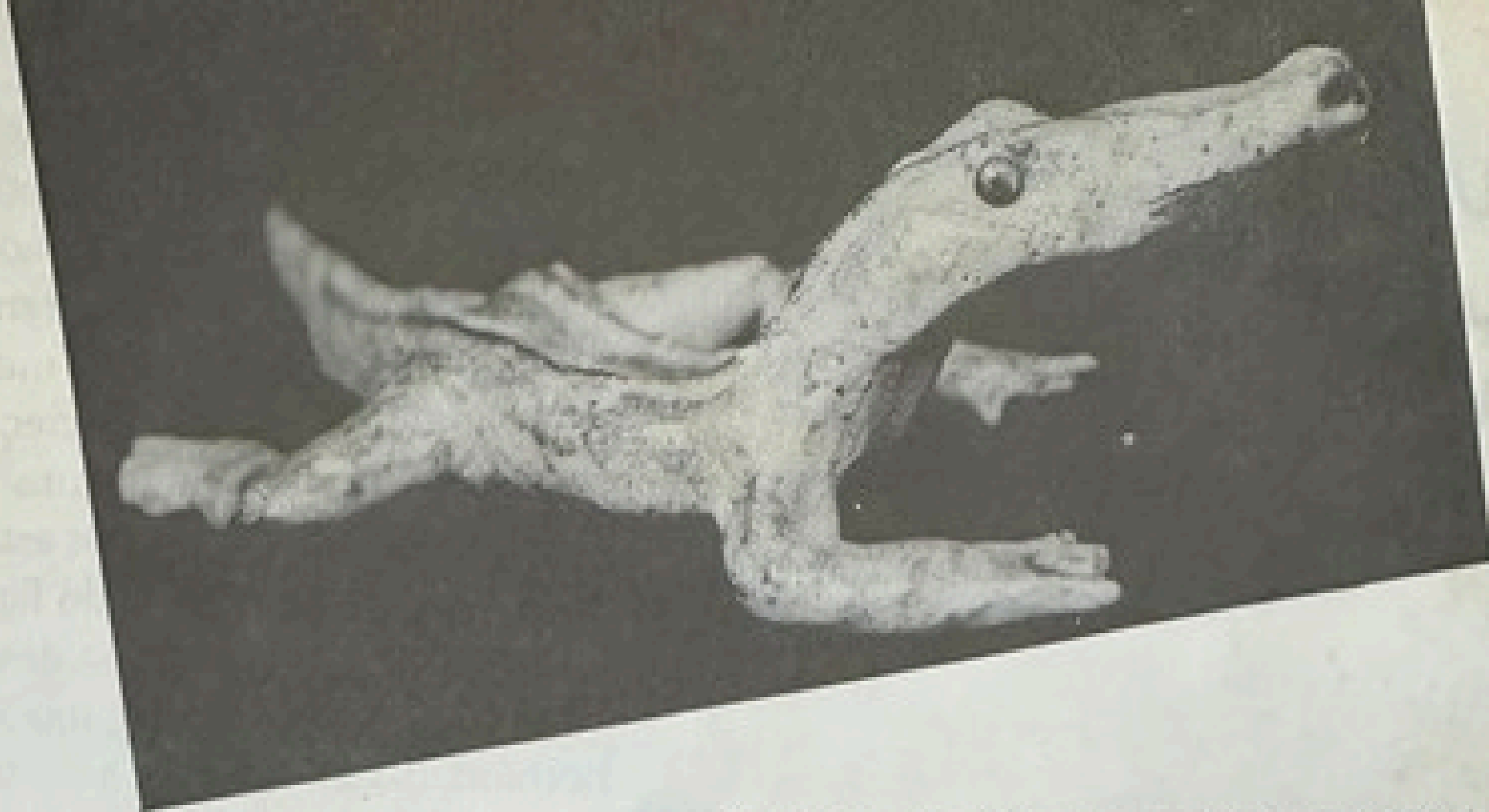
E

m sendo a escultura a relação viva entre massa e espaço, a possibilidade de sugerir presenças vivas é a razão principal porque os escultores sempre se preocuparam com a figura humana, daí ser este o tema mais antigo dos escultores.

A modelagem ou método escultórico de "construção", ou ainda método aditivo, compõe, ao lado dos métodos glíptico ou subtrativo e de montagem, as diferentes







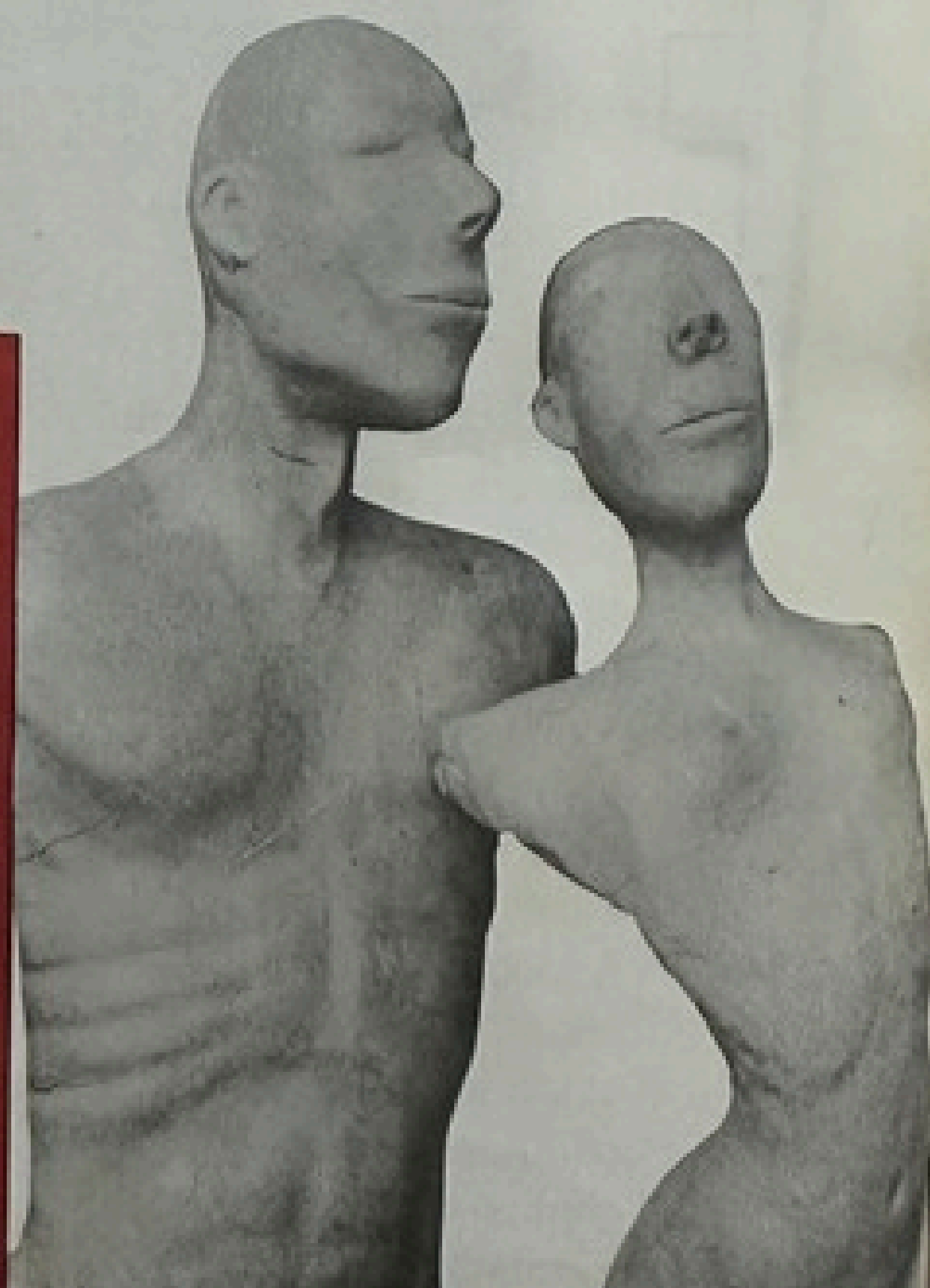
pela temática religiosa com anjos e santos, enveredar pela arte bestial, onde os répteis são seu tema predileto; ou ainda trabalhar objetos utilitários.

Iniciou seu trabalho em modelagem com pedra cerâmica em 1988, tendo como mestra a artista plástica Fátima Campos, renomada ceramista, com quem trabalha até hoje.

Os torsos ou troncos humanos perfazem o objeto de interesse de seu trabalho, ainda que desprovidos de pernas e braços, apresentam a

dinâmica das formas curvas e ritmo suave. A leitura plástica desta poesia de formas estilizadas, movimento potencial, colorido sóbrio e de contrastes texturais, colorísticos, tonais e formais, revelam-se em movimentado convite ao observador para passear em torno da peça. Em cada ângulo formas, cores e diferentes texturas se nos apresentam. Via de regra, há um tratamento diferenciado nas porções anterior e posterior em termos de cor (aplicação ou não de óxidos) e textura (emprego ou não de vernizes), fato que confere ao seu trabalho forte apelo tátil da mensagem plástica.

A arte de Estênio é uma fonte de vida latente na qual ele mergulha no intuito de desvendar os mistérios da alma humana.

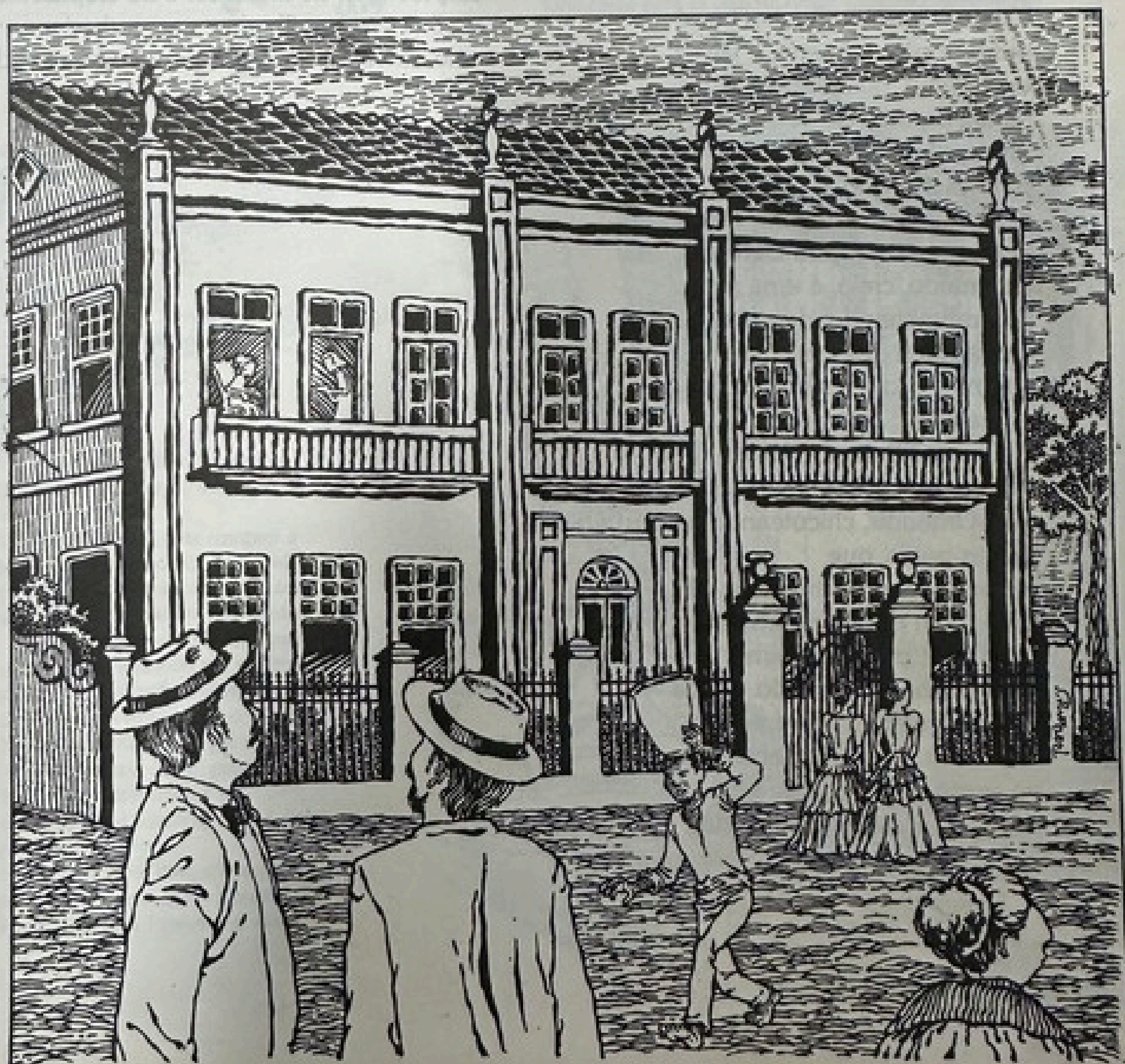


Canto ao  
Conto

# O Segredo de Sá Bina

Ailton Sampaio

Está, decerto, guardado ao revés daquela porta,  
fechada a sete chaves, defronte da qual ela senta,  
há uma centúria, com seus cabelos de neve. O  
ranger  
da cadeira de espaldar rasca as noites,  
quando a colonial cidade se recolhe do  
burburinho e ela aumenta o ritmo  
do balanço ininterrupto. A filha encarquilhada e  
corcunda só adentra  
o sótão para depor sobre o seu colo a bandeja  
com o café e a janta, e recolhê-la algum tempo  
depois. Nenhum mover de lábios. Há  
quanto ela não diz palavra? Há quanto  
a redondeza espia, sorrateira e  
espantada, aquele vulto balouçante no  
Sobrado? Que segredo segreda Sá Bina?  
As hipóteses controvergem. Inúmeros vararam  
anos com foros de verdade, para, ao depois,  
despencarem, substituídas. Todas, porém, até  
aqui, incompetentes para alcançar aquele velho



enigma na janela.

Que ela tenha ultrapassado os 130 anos, isso é fato assente.

O seu batistério, na Igrejinha do Ó, é eloquente. Que foi uma das mais severas escravocratas, também ninguém olvida - os

instrumentos de tortura carinhosamente expostos no taciturno terraço atestam. Que foi perigosamente amada pelo Major Selemério Santa Cruz é outro ponto unânime, e talvez esteja aqui, nos galardões do Major, a ponta do véu.

Principalmente porque, a essa simples menção, todos desconversam e fogem, como se diante do próprio Demo. Este medo, creio, é uma pista. Escarafunchando, descobri um rapto, o desaparecimento de um corpo e o sumiço de um retrato.

O Coronel Setembrino do Amaral Castello Branco ficou furo. Ordenou, chicoteando as longas botas, que encontrassem Selemério e Sá Bina, nem que tivessem de vasculhar, palmo a palmo, todo pedaço de mundo. E que os trouxessem a sua presença, intocados, para que sentissem na carne o S gótico de seu ferro em brasa. E, depois de

marcados, ela, com sete dias de fome, comeria o pênis decepado do Major defronte da sua cabeça numa bandeja, sem olhos. Seria, então, agrilhoada a uma cadeira rangedeira frontal a uma porta, fechada a sete chaves.

Como o corpo do Major Selemério Santa Cruz nunca foi encontrado e o seu retrato, de corpo inteiro, que ornava a sua água-furtada, desapareceu sem deixar vestígios, imagino que, ao reverso daquela porta, fechada a sete chaves, estão, há um século, o corpo do Major e o seu garboso retrato. Mas esta é, sem dúvida, apenas mais uma sábia hipótese.

O certo, o espantosamente indubitável é que quem passa por aquele sobrado de oito janelas paralelas pode vislumbrar, no sótão, em constante penumbra, uma velha de cabelo de neve a balançar interminavelmente uma cadeira que range e a encarar uma pesada porta, fechada e sete chaves. Os menos medrosos, os que não passam voando diante do Sobrado, conseguem surpreender, ao alvorecer e ao crepúsculo, uma mulher encarquilhada e corcunda depor, sobre o colo da velha, algo que parece uma bandeja.



*Crônica  
Sempre*

## A Vida do Vizinho

Francisco Miguel de Moura

Vida boa é a do vizinho, me dizem. E me ponho a observar o meu, o da direita.

De manhã, passo para comprar o jornal na "Banca do Carioca", ali na praça, ou um remédio na farmácia do seu Agenor, e ele já está sentado - eu diria mesmo assentado - num cepo natural formado por um tronco de árvore decepada. Fumando, seu olhar segue a fumaça até o infinito. Na verdade, não sei o que nem pra onde olha. Seus olhos, pretos e fundos, me confundem na distância, pois nunca que os vi de pertinho.

Se lhe dou "bom dia", ele responde manso, de forma quase inaudível. Nada mais fala. Parece que não

gosta. Sabe-se que é policial. Sabe-se apenas. Uma vez perdida aparece o carro da polícia, vem pegá-lo na porta. Pouco depois o traz de volta. A pergunta que todos os vizinhos fazem, inclusive eu, é "o que é que ele vai fazer lá no Distrito?"

Logo mais estará sentado em seu velho cepo, fazendo o que sempre faz bem-feito: paciência. Basta esperar.

Quando o sol esquenta, o homem se esconde no seu casebre. Não tem calçada, não tem reboco, as portas sem tranca. Foi levantado em grande parte pelos filhos e a mulher - que trabalham, uns na cidade, outros vendendo produtos comerciais de porta em porta. E é bastante pequeno. Como cabe tanta gente?

Esquelético, meu vizinho não parece pessoa doente. Pelo menos não tosse, não escarra, não espirra. Nunca se ouviu falar em desintéria naquela casa, dor de barriga, coisa assim.

- Só se for por causa de fome que passam, replica a mulher lá de dentro, que, no seu modo esquisito de ser, o apelida de "Seco Velho".

Um dia, macambúzio, eu ia naqueles pensamentos abstratos e negativos, quando pisei em falso nas pedras do calçamento e me escapuliu o desabafo: "preguiçoso!" justo quando ele passava. Para onde? Exatamente para comprar cigarros na bodega da esquina. Só que eu fiz que não o via, falei como ele fala: baixinho.

- Mas a árvore não foi ele quem derrubou, para ficar bem sentado, ao sol da manhã, que não deixa de ser um fortificante para os velhos? Assim perguntou meu amigo.





Geraldinho, que o observava de longe, numa de suas costumeiras visitas à minha residência. Respondo ao meu interlocutor que o vizinho não é tão velho. Está maltratado pelo mau passado, emagrece por causa do fumo. Não cortou árvore nenhuma, foram os homens da CEPISA. Foi bom. Antes ele sentava no chão, num bico de pedra. Mesmo que tivesse cadeira, não teria coragem de apanhá-la de dentro de casa e trazer para a porta da rua, sabendo que depois, quando chegasse a hora da novela, teria que guardá-la. Seu cepo não precisa desses cuidados.

- E eu que pensei ...

Cortei o pensamento de meu visitante, ansioso para saber da vida de meu vizinho, embora eu nunca tenha querido saber da dele.

- Nem eu, que o conheço muito bem, posso pensar o que ele pensa. Muitas vezes tive pena dele, pode crer, Geraldinho. Depois, vi que era tolice. Ele é que deve ter pena de nós, nesse corre-corre. No fim, todos ficamos na mesma. Comer, beber, dormir, sonhar, morrer. Para que andar correndo, tentando acumular, se tudo isto é balela, tudo se reduz a pó, nada vale nada na hora da morte? De qualquer maneira, a vida passa.

Visita comprida é, muitas vezes, um abuso. Depois, eu tinha que escrever minha crônica do dia e entregar ao jornal. O tempo se escorregava, sem eu saber o que fazer. Fui desfiando outras palavras sem profundidade e apoio nos fatos, esperando que ele se mandasse.

- Bem, mas deve ser monótono viver sentado naquele toco de árvore, vendo os outros passarem, a vida passar, os cigarros se consumirem, os vizinhos se esbaldarem para ganhar mais uns tostões do que ele. Se ao menos dissesse uma palavra...

- Pode cair uma pessoa morta a seus pés, ele não se levanta daquele cepo. Digo mesmo que não tem coragem de acender uma vela.

Meu interlocutor ia colocando o carro em funcionamento mas logo parava, encantado com o meu vizinho, do qual eu tinha sabido dizer-lhe muito pouco. E aproveitou para uma das suas famosas frases de efeito:

- E ainda tem gente que acende um vela a Deus e outra ao Diabo.

Deu marcha à ré, depois a primeira, tirou-me do sufoco, se foi. Noutro horário, até poderíamos conversar sobre futebol, tomar mais uma cerveja, ou mesmo sair andando aí por perto, voltar, abordar o meu vizinho e, talvez, conseguir o que não tenho conseguido na vida inteira: o seu nome, saber quanto ganha, porque recebe sem trabalhar, que tarefa é a sua. Se já é reformado ainda tão em forma, o que fazia - se é que já fez alguma coisa na vida a não ser filhos. Tem dez, entre homens e mulheres. E estas já estão parindo os netos, que se acumulam uns por cima dos outros, naquela pobre casinha.

Depois fiquei pensando, sozinho, com o meu próprio quengo. Pra que acender uma vela, se o sol está aí para todos e de noite vêm a lua e as estrelas, inclusive e principalmente para ele, meu vizinho? Ele necessariamente não se perguntará nada. Nem pensará. Pra que pensar? Pensar é só pensar. E é coisa pra gente rica. Pensando tem que agir, agindo vai-se modificar o mundo. E o mundo está tão bom!

Para que o leitor não diga que estou contando lorotas, que não conheço meu vizinho e coisa e lousa, digo que fiquei satisfeito ultimamente por ter ouvido, num diálogo entre ele e seu irmão, que mora um pouco mais adiante, numa casa de tijolo e telha bem melhorzinha, a seguinte frase a propósito não sei bem de quê:

- Deixemos tudo isto por conta do governo; ele sabe mais do que nós.

Dizem que vida boa é a do vizinho, que todo o mundo tem o seu. Não sei, não. Se o vizinho é aquele sujeito com quem podemos contar nos momentos de aporreio, nem sei se possuo algum. Acho que o meu é o anti-vizinho.

*Crítica  
Literária*

Participou das seguintes obras coletivas: Poetas do Brasil, Aviso Prévio, Salada Seleta, Poemático, Poemático(i)mos e Andarilhos da Palavra II. Autor dos seguintes livros (publicados): Sombras entre Ruínas, Rosas e Pedras, Das Formas de Influência na Criação Poética, A Insônia da Cidade e Aspectos da Literatura Piauiense. Casado com Simone, com quem teve os filhos Dina, Diana e David. Nasceu em Parnaíba, em 10.12.47

# Aspectos da Literatura Piauiense

Elmar Carvalho

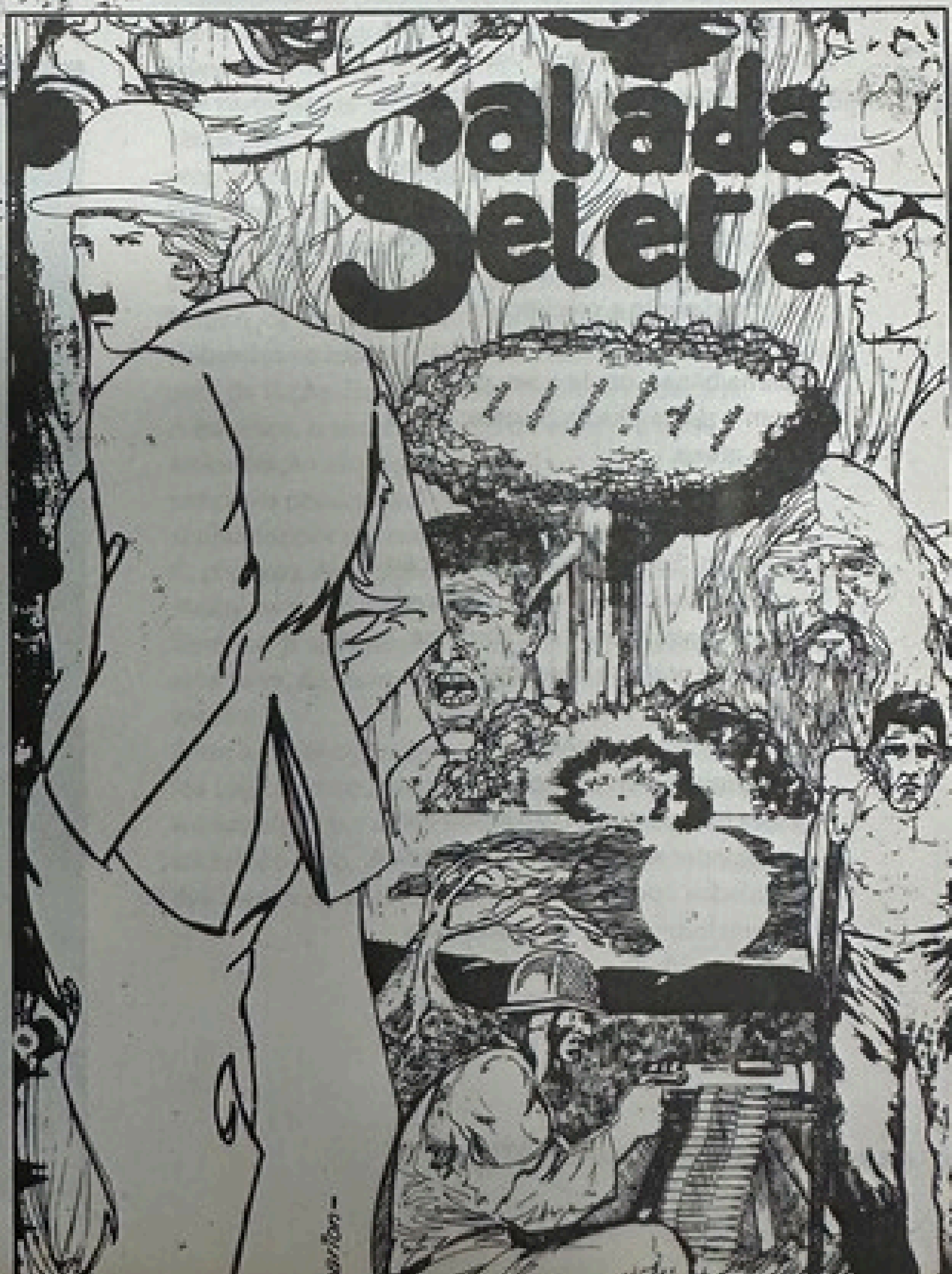
Traz uma bela capa de Flamarion Mesquita, artista plástico criativo e talentoso, que começou a se projetar na década de 70, ao fazer charges e outras ilustrações para as publicações alternativas ou marginais da época. A capa retrata de forma transfigurada, mas ao mesmo tempo realista, a curvatura da ponte Simplicio Dias e os velhos prédios do Porto das Barcas.

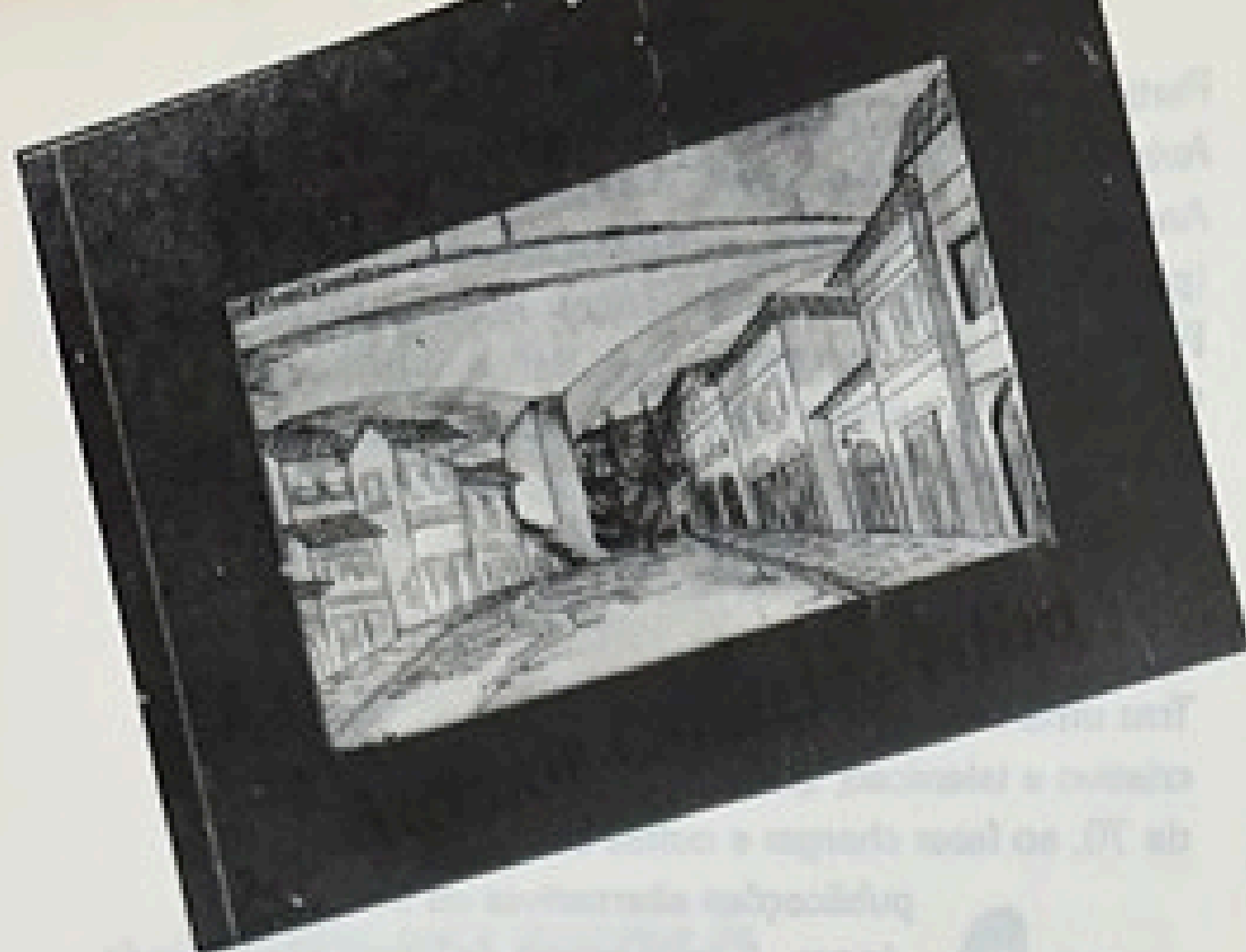
O projeto gráfico é de Alínea Publicações Editora, que optou pelo formato 16 deitado (mais comprido no sentido horizontal), duas colunas por página, com a finalidade de obter uma maior economia espacial e uma mais efetiva atenção do leitor. Esse livro, editado pela Universidade Federal do Piauí, será doravante imprescindível a todo e qualquer pesquisador que deseje estudar a Literatura Piauiense, com imparcialidade e sem omissão.

Alcenor Candeira Filho tem a teoria e a prática da

A

lcenor Rodrigues Candeira Filho. Poeta. Crítico e historiador literário. Ensaísta. Conferencista. Advogado. Procurador Autárquico do INSS. Agente da Previdência Social em Parnaíba, há mais de dez anos. Professor da Unidade Escolar Alcenor Candeira (O Coirão) e da Universidade Federal do Piauí - Campus Ministro Reis Veloso, ministrando, entre outras, as disciplinas Português, Literatura Brasileira e Direito Administrativo. Colaborador de vários jornais e revistas do Piauí, entre os quais: Inovação, Norte do Piauí, A Libertação, Presença, Almanaque da Parnaíba e Cadernos de Teresina.





Literatura, pois há vários anos milita na produção literária, na crítica e no ensino dessa disciplina.

Tem todo um arsenal teórico de quem exerce o magistério de Letras com competência e dedicação. De quem dedica suas horas livres a leituras de obras literárias e sobre literatura, no afã de melhor exercitar e compreender a atividade literária. É um apaixonado pela arte de escrever, sendo bastante organizado em seu arquivo pessoal sobre Literatura Piauiense, especialmente a feita em Parnaíba. É um dos mais atuantes escritores e poetas do Piauí, dos idos de 70 a esta parte, tendo participado dos principais eventos literários de Parnaíba.

Consequentemente, está municiado para falar com segurança, conhecimento e precisão da literatura produzida em terras parnaibanas, desde o seu primórdio, com o poeta Ovídio Saraiva, até os dias atuais.

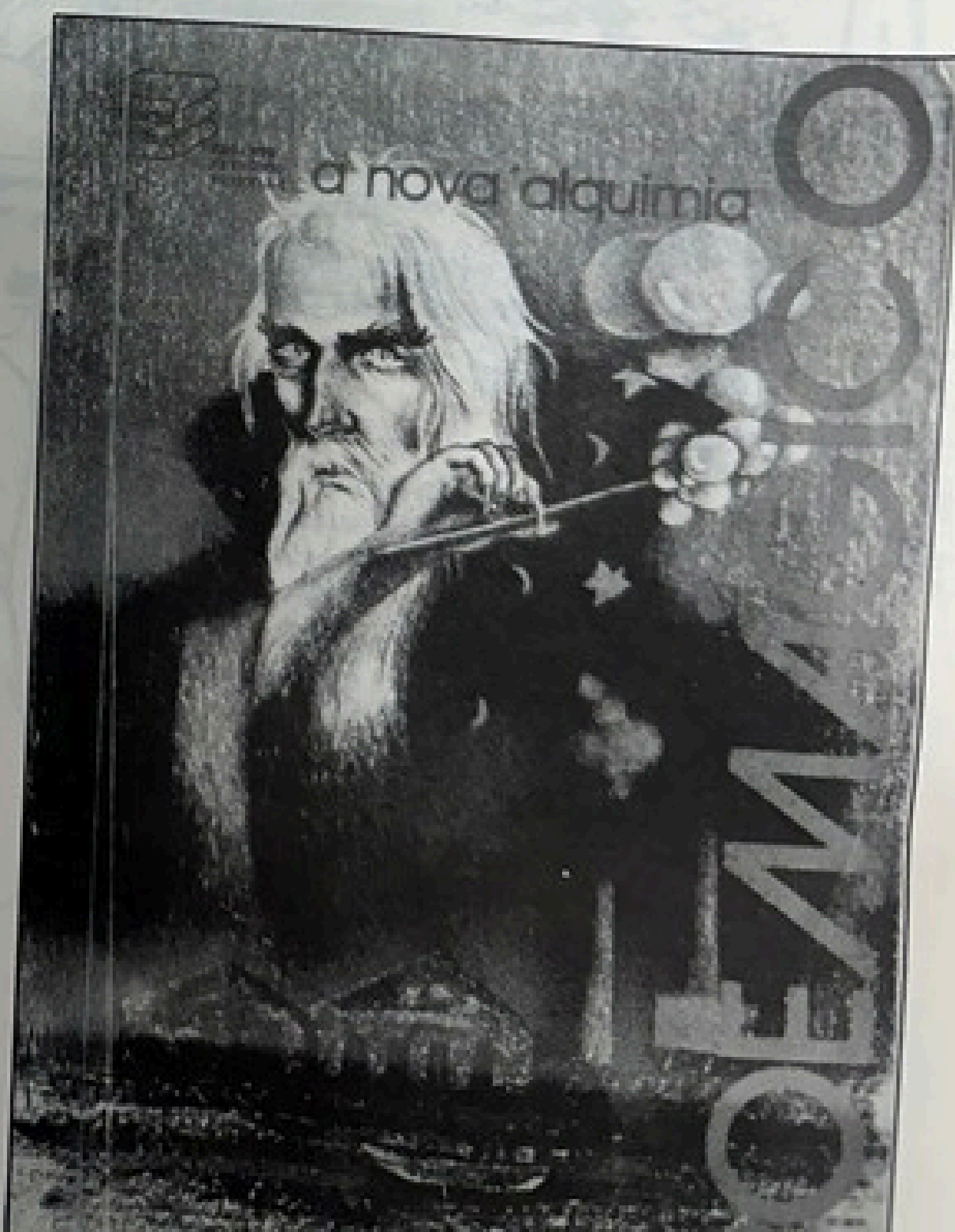
É um arguto observador das diferentes nuances e sutilezas literárias. Seu poder de observação e de análise, aliado ao seu notável instrumental teórico e prático, fez com que pudesse conceber uma obra que não é apenas histórica, mas também de análise e interpretação do fenômeno das letras parnaibanas, permitindo-lhe aprofundar-se em assuntos até agora estudados apenas perfunctoriamente, quando muito. Sua integridade e senso de justiça dão-lhe a devida credibilidade e fazem-no separar com perícia, mas

sem alarde e turbulência, o joio do trigo, dando a cada um o seu justo quinhão de mérito literário.

O livro é composto de vários trabalhos publicados por Alcenor, todos, com exceção de dois, direcionados para a arte literária produzida por parnaibanos - natos ou não. No primeiro, o autor demonstra a existência da Literatura Piauiense, com argumentos irrefutáveis, embasados em seu conhecimento teórico e no arrolamento analítico de importantes

obras da literatura do Estado. Põe por terra, de uma vez por todas, essa polêmica, que já não tem o menor cabimento nos dias de hoje.

Num artigo sobre Fontes Ibiapina, discorre sobre as principais peculiaridades e virtudes desse autor, mediante a análise concisa, conquanto pertinente e essencial, de suas principais obras. Em outro trabalho sobre esse ficcionista, detém-se exclusivamente na dissecação da linguagem de Sambaíba. E o faz com muita pertinência, detectando-lhe seus aspectos pitorescos, suas mais evidentes peculiaridades, suas principais figuras e recursos estilísticos, e checando o que afirma com citações. Ainda no referente a Fontes Ibiapina, um dos autores piauienses de sua predileção, enfeixou no livro uma entrevista que lhe foi concedida por esse contista, romancista e paremiógrafo. Nessa matéria, soube fazer perguntas adequadas a "puxar" do entrevistado uma maior quantidade de informações, bem como formulou indagações instigantes, quase sherlockianas, que o incitaram a expandir-se em suas respostas, não obstante ter sido um homem contido verbalmente, quase silencioso em sua modéstia.





Em *Suicídio do Tempo* investiga essa obra poética de Hardi Filho, situando-a primeiro dentro de um contexto da história literária brasileira. Depois, analisa-a, numa mescla de crítica estruturalistas, mas sem obscuridades de pedantismo árido, e impressionista, sem exageros e delírios, transcrevendo, como prova do que afirma, fragmentos poéticos do livro.

No ensaio denominado *Apresentação da Poesia Parnaibana* é enfocada a arte poética de Parnaíba, desde seu início, em 1808, com a publicação de *Poemas* de Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva, até os dias atuais. O trabalho é dividido em duas partes: *A Poesia Parnaibana Academicista* e *A Moderna Poesia Parnaibana*. O autor encontrou enormes dificuldades para escrever a 1ª parte, conforme ele próprio assinalou: "A absoluta falta de bibliografia sistematizada sobre o assunto, a enorme dificuldade - e em alguns casos a impossibilidade - de acesso a livros ou trabalhos esparsos de poetas nascidos ou radicados em Parnaíba no século passado e na primeira metade do atual, a inexistência de coleção de velhos jornais da cidade, nos quais era comum a publicação de poemas, - tudo isto concorria para

que o trabalho fosse adiado". Com relação à 2ª parte, por ter vivenciado intensamente a época de sua ocorrência, e por possuir invejável arquivo desse período, não lhe acarretou maiores dificuldades, e foi a primeira a ser escrita. Nesse ensaio, Alcenor aborda os principais poetas, dedicando-lhes, além de rápidas pinceladas biográficas, um compacto, mas denso, comentário sobre suas poéticas. Seu espírito de equidade faz com que dedique mais espaço aos mais representativos, pela atuação e principalmente pelo domínio artístico. Ao final de cada uma das partes, ilustra-a com uma pequena antologia, a que classificou de amostragem, sendo que ao longo do trabalho comprovou seus comentários com enxertos poéticos.

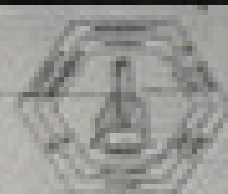
Em outro ensaio - *O Produto Cultural Alternativo dos Anos 70 em Parnaíba* - analisa com invejável acuidade e precisão o fenômeno literário eclodido nessa década, chamado de *Literatura Marginal*. E fala com absoluto conhecimento de causa porque foi um dos seus mais interessados participantes. Dessa época, por ele vivenciada e da qual coligiu livros, jornais, revistas, cartazes e outros artefatos, pintou um retrato vivo, nítido, verdadeiro e de dimensão real. Traçou um panorama de época, em nível nacional, e dentro desse contexto situou o movimento ocorrido em Parnaíba. Referiu-se à imprensa alternativa do período, nominando os jornais, mas dando o justo relevo e realce a cada um, conforme a importância e consistência que tiveram. Destaca *O Linguinha* pelo seu pioneirismo, irreverência e novidade, e a *Inovação* pela qualidade, persistência e independência. Em todos esses jornais militaram vários poetas e escritores, que hoje se firmam como importantes nomes da literatura de nosso Estado. Inventariou os principais livros, individuais e coletivos, de que participaram autores parnaibanos. Analisou a poesia de vários poetas dessa época de sufoco e rebeldia, com propriedade e conhecimento de causa.

Por último, o livro de Alcenor Candeira Filho traz uma apresentação, que é mais do que uma apresentação, pois é uma fundamentada crítica literária do romance *O Rio Mágico*, de Renato Castelo Branco. Nesse trabalho, são rastreados os aspectos mais interessantes e singulares dessa obra de ficção. Sua qualidade temática é avaliada.

A estrutura, o encadeamento do enredo e a sua ambientação são dissecados por um bisturi de mestre. As principais peculiaridades estilísticas são observadas e analisadas por um crítico hábil e preparado.

É, portanto, *Aspectos da Literatura Piauiense* a obra de um mestre da teoria e da prática literárias. É um trabalho de quem sabe ensinar e de quem sabe fazer, de quem é um excelente técnico e um ótimo jogador.

É um livro de quem foi às fontes, confrontou informações, leu muito e muito meditou, tinha todo um instrumental teórico e prático, e fez um belo trabalho, seguro, maduro, e sobretudo puro, isento das mesquinharias e parcialidades dos mediócrs e mistificadores.



## POEMARÍT(I)MOS

### Antologia Poética

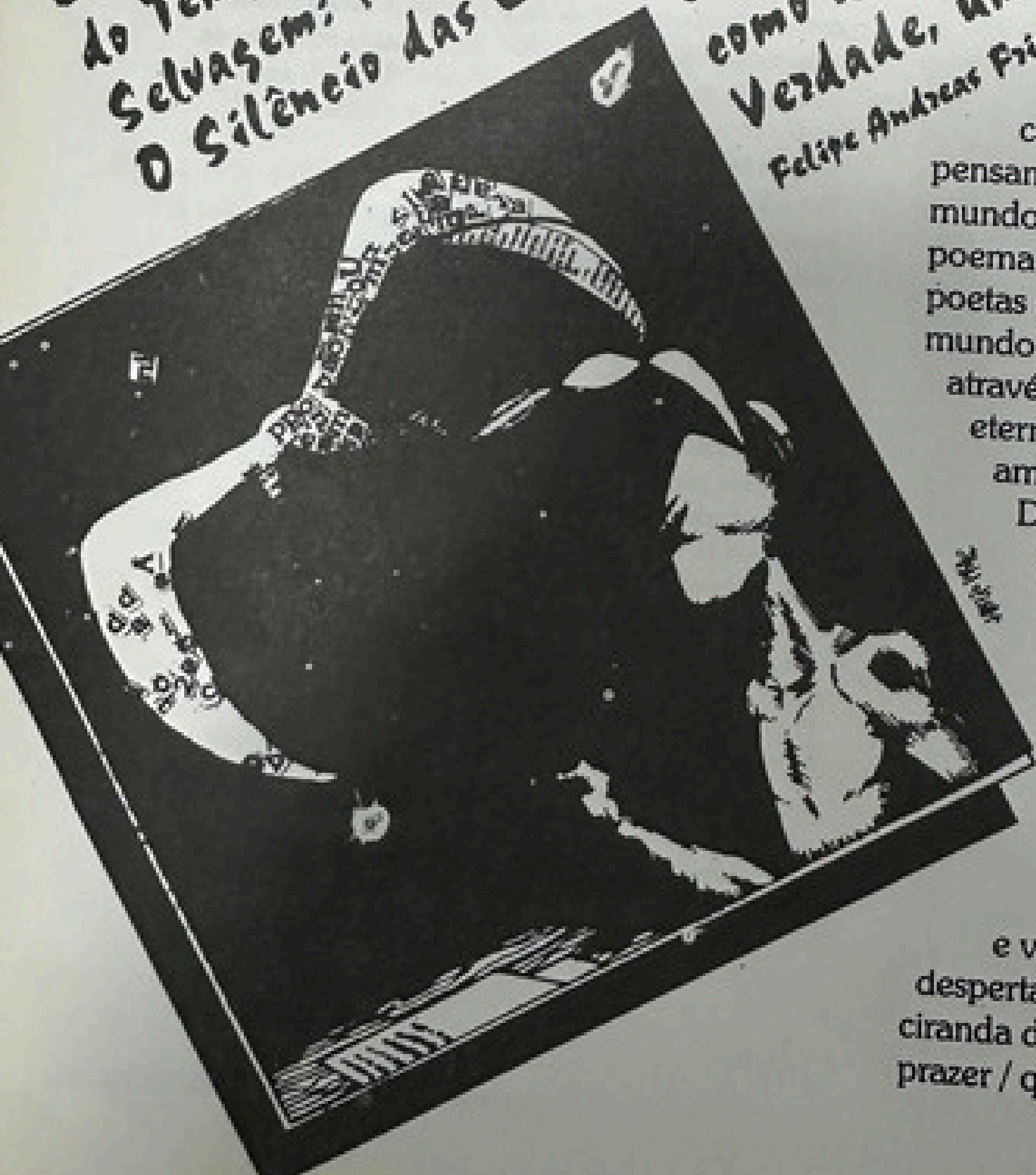
1ª Edição  
2ª Tiragem



*Crítica  
Literária*

**Ensaio para um Domador de Potros  
do Tempo ou O Tempo e sua Amêndoa  
Selvagem: Poesia ou O Sino, A Sina,  
O Silêncio das Coisas que se Cumprem  
Serenas e Rápidas  
como um Peixe, uma  
Verdade, uma Dor.**

Felipe Andreas Friedrich Hoffmann



**A**rdi Filho é um poeta maior. Compreende a dissolução do tempo como experiência renovadora do ser que, imerso no intrincado e revelador ciclo das configurações, engendra-se a partir do seu próprio mistério, de maneira singular como força de coisas divinas, divinizadas pela verdade do amor: "O silêncio / destruirá / de vez / o que não vale? / uma felicidade maior / do que amar e ser amado há-de / habitar o coração?"

O destino das coisas é de plena serenidade no alfabeto do tempo... bem o sabe esse poeta do tempo veloz.

Sua matéria prima

(do tempo e do homem) é

feita de dúvidas e certezas

incomensuráveis: "caminhar / e

caminhar / enquanto o ser se registra /

pensamento ato palavra / no imenso dia do

mundo", ou ainda em "Que Coisa é o Amor"

poema do amor desesperado, mineral amor dos

poetas convertido através do canto em Homem-

mundo-instante: "Que chama é o amor / que

através dos nossos olhos / acende um fulgor

eterno / na finitude do instante? "; ainda o

amor do poeta a maneira dos DERVIXES

DANÇARINOS (\*) que, ensandecidos pelo

afã do amor, a tudo compreendem de

compreensão que acalma, suaviza o

animal que há em todos e que salta

nas horas frias ( e há mistérios e

portas de universal seiva de vida,

giro de mundo, barco que

desaparece e reaparece na linha

do horizonte do mar infinito que

todo poeta traz no peito, e que é barco

e vela e chama e vento e símbolo e

despertar súbito, perene! e aceitar, aceitar-se na

ciranda do tudo): "Não quero esses disfarces de

prazer / que nos permitem suportar a vida / não



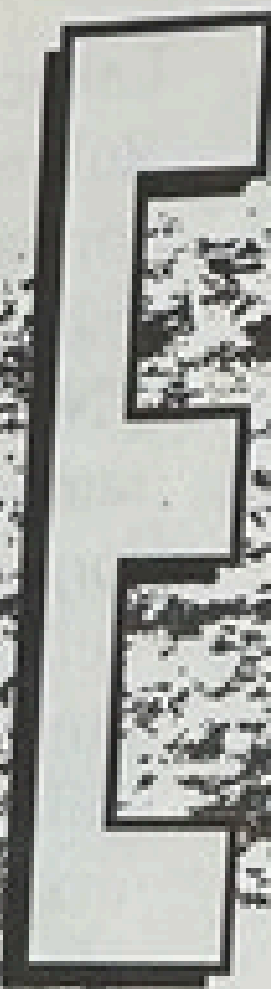
quero a glória que se  
sobrepe / aos mistérios da  
morte conhecida / Quero ir  
além / de todos os segredos  
do meu bem". Em "Nudez" o  
poeta revela o duplo  
movimento do tempo  
humano e sua realidade  
divina e a completa inutilidade  
do Homo (quanto sapiens!)  
diante desse altar de viente  
voluntad: "Estamos nus / e  
tentamos nos cobrir / com  
rezas regras e diários panos" e  
ainda: "Nossas mãos uma  
sobre a outra (ou sobre a  
Bíblia) / tentam uma proeza  
impossível..." e finalmente:  
"Estamos nus e imunes".  
Em "Suicídio do Tempo" o  
poeta Hardi Filho propõe um  
lance de dados na  
impossibilidade do pleno jogo  
humano, e, aceitando esse  
jogo, aceita-se como alguém  
na totalidade de suas  
emoções, seu amar, e mar  
nesse amar-se coração-  
mundo. O poeta cumpre  
cabalmente a fórmula de ser  
feliz (na medida exata da  
substância desse tempo veloz:  
"Parceiros do impossível entre  
a luz / e a sombra, em meio a  
cizânia dos ventos / que  
atordoam os nossos  
sentimentos / eis o combate  
que se reproduz (in  
"Parceiros", para Gioconda

Labecca, homenagem ao seu "Labaredas  
Rubras"), e ainda: "Na emoção deste dia me  
convenço / de que, nos braços de um amor  
imenso, / eu é que passo. O tempo não passou"  
("Nos Meus 50 Anos", pág. 75) . O poeta volta no  
tempo e recorda-se na revelação que toda poética  
forja nos homens desde a tenra idade, o rito de  
definitivo e inadiável tempo e ser divino na  
ampliação das miúdas coisas que explicam a  
infinitude das coisas do mundo e sua urgência em  
materializarem-se em algo palpável, e deixar de  
ser aquele bólido que a tudo originou e que  
provavelmente (contam as lendas, os salmos e os  
temores de uma humanidade criança) a tudo  
consumirá um dia em chama restauradora de  
uma nova ordem, paz, fênix cega, povoada terra:  
Recordo a bola de borracha e um trem / de  
papelão. Ah, esquecer quem há-de / um  
realejozinho de verdade"? (Brincos, pág. 85).  
Hardi Filho é mesmo um poeta maior. Sua  
matéria prima para edificar o verso vem desse  
insondável mistério que o vento, o tempo, o amor,  
a distância e a fatal proximidade das coisas forjam  
no dia-a-dia do poeta no carrossel da sua  
existência. Nessa ciranda de tentar compreender  
todas as coisas, na elementar fala da poesia, o  
homem, o poeta, de carne, osso, verdades e  
sonhos se substancia na própria poesia que dele  
nasce. "Suicídio do Tempo" é um livro para ser  
degustado como os antigos e graves vinhos que  
acompanham sinfonias súbitas e amores  
quixotescos. É um ler e sentir e silenciar, de um  
silêncio que se basta em si mesmo no coração das  
almas sensíveis, e se faz instante pleno, e  
revelador, quando é força de tempo, poesia, canto  
presente.

---

(\*) DERVIXES DANÇARINOS (Afeganistão). Ordem sufista merkevi  
(dançarinos que se utilizam de uma ou mais técnicas de dança e sons  
apropriados para elevar a consciência).

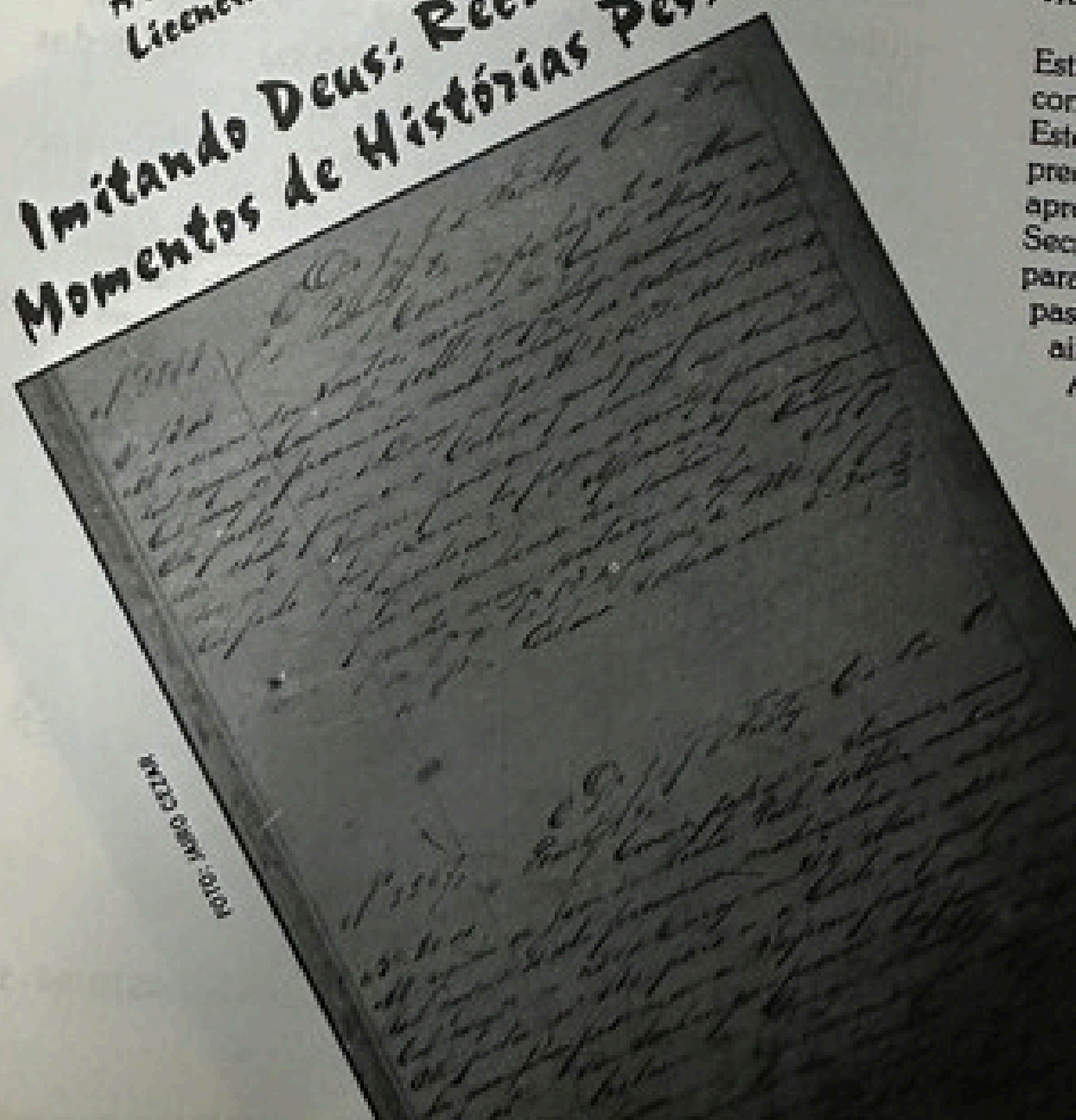
---



## Piauí Provincial: Uma Visão dos Códices de Passaportes

Aleciades Costa Filho  
Licenciado em História

Imitando Deus: Recriando  
Momentos de Histórias Pessoais



ra uma mulata escura, baixa, rosto redondo, cabelos cacheados, tinha entre 25 e 26 anos de idade quando fugiu com o "caboclo" Manoel; chamava-se Simplicia e era escrava do senhor Manoel Januário da Silva. Informaram ao senhor que a escrava fora vista na província do Maranhão, e, por isso, ele contratou Antônio da Paz Cabral para capturar a fugitiva. Esse caçador de escravos era piauiense, sabia ler e escrever, tinha 52 anos de idade, era baixo, rosto oval, cabelos crespos e claros, boca e nariz regular, olhos castanhos, cor morena e barba cerrada.

Uma história passiona! esta da escrava Simplicia? É bom que seja! Assim, contrariando a sociedade que nega sua condição humana, Simplicia afirma a independência do seu sentir. Afinal, era uma mulher e, naturalmente, amava. Henri Alfrid Quartier la Tait tinha rosto oval, olhos castanhos, nariz afilado, boca regular, barba cerrada, cabelos coridos e estatura regular. Era um homem branco, de nacionalidade suíça e tinha 30 anos de idade quando requereu, da Secretaria de Polícia da província do Piauí, passaporte para voltar à Suíça. Levava consigo um filho de três anos de idade, que se chamava Luis.

O que faria no norte do Império o suíço Henri? Sabe-se que casou com a maranhense, de Caxias, Phylomena Dias de Carvalho, com quem teve o menino Luis. A sra. Phylomena era filha de Joaquina Dias de Carvalho. No passaporte, expedido em 14 de julho de 1879, consta que Henri era viúvo.

Estas e tantas outras histórias pessoais podem ser recriadas com as informações constantes nos códigos de passaportes. Estes datam da segunda metade do século XIX, precisamente entre os anos de 1874 a 1889. São, aproximadamente, 1.640 passaportes expedidos pela Secretaria de Polícia da província, a pedido de proprietários, para que seus escravos deixassem o Piauí. Alguns passaportes foram requeridos por caçadores de escravos e, ainda, outros por viajantes nacionais ou estrangeiros. No Arquivo Público do Piauí, na sala destinada ao acervo documental do poder executivo, os passaportes são comuns. Muitos foram expedidos pelos governadores da capitania para que pessoas transitassem livremente.

Os códigos em análise podem ser importantes fontes para um estudo do tipo físico do escravo piauiense, apesar da falta de criteriosidade dos funcionários encarregados da expedição dos passaportes. Os dados mais assinalados foram: altura, formato do rosto e do nariz, tamanho da boca, cor dos olhos, tipo de cabelo e cor da pele. É impossível estabelecer a estatura exata predominante, pois registraram apenas baixa, regular, alta ou a crescer, quando refere-se a crianças.

Na maioria dos passaportes ficou registrado que o destino era "a corte, ou qualquer outra província do império com escala pelo Maranhão". Ficou a forte impressão de que os senhores piauienses preparavam a documentação necessária para uma eventual saída do escravo.

Lembramos o intenso tráfico provincial de escravos na segunda metade do século XIX. O Ceará, Maranhão e a Bahia abasteceram o mercado escravo no sul do país nos anos 50 e 60 (Malheiros, 1976). O Piauí não entra nesta estatística. Seriam os passaportes um indício de que na década de setenta o Piauí manteve esse horrendo tráfico do norte para o sul do Império! Fala-se na existência de um considerável tráfico de escravos no Piauí neste período (Knox, 1993). Quanto à informação "com escala pelo

Maranhão", constante na quase totalidade dos passaportes, parece uma indicação de que os piauienses utilizavam mais o porto do Maranhão, provavelmente São Luís, em detrimento do porto piauiense.

Os passaportes tinham validade de quatro meses, a contar a partir da data da expedição. Para obtê-los, os senhores desembolsavam o valor de cinco mil e duzentos réis com selo e emolumento, mais ainda, "os direitos provinciais de exportação".

Como a maioria dos passaportes foi concedida aos escravos a pedido dos seus senhores, as informações obtidas, principalmente, referem-se a estes dois grupos sociais: escravos e senhores.

## Um Aspecto em Destaque: Escravos e Senhores Os Escravos

Observa-se que em pelo menos vinte e dois municípios do Piauí provincial existiam escravos:

Amarante, Barras, Batalha, Bom Jesus, Campo Maior, Independência, Jerumenha, Jaicós, Marvão, Manga, Oeiras, Parnaíba, Pedro II, Príncipe Imperial, Picos, Parnaíba, Piracuruca, São Raimundo Nonato, São João do Piauí, Teresina, União e Valença. Tal afirmação toma como base a informação constante nos passaportes relativos às coletorias que fizeram matrícula de escravos. As coletorias existiam em cada município e eram repartições públicas encarregadas da arrecadação de impostos. Como os



Viagem fluvial num barco do Rio Doce.



senhores pagavam impostos sobre os escravos, talvez este fosse um meio de controle do número de escravos e de proprietários existentes em cada município. Havia, ainda, escravos de senhores piauienses com matrícula em coletorias do Ceará (Tamboril e São João do Príncipe) e Maranhão (São Félix das Balsas, São Luís, São Bernardo, São José dos Matões, Caxias, Brejo, Codó e Santa Quitéria).

Consideramos isso um indício de comercialização de escravos entre o Piauí e províncias vizinhas. Assim, após a compra, o senhor teria de levá-los a coletoria do seu município-residente para averbação. Nota-se que a população escrava distribuída nos municípios supracitados é eminentemente jovem. Estava na faixa etária de 0 a 30 anos. Uma população, pois, economicamente ativa.

Lamentamos não haver registro relativo a ocupação dos escravos. Em relação à população escrava, nota-se que na sua quase totalidade era natural do Piauí. Não encontramos escravos de origem africana. Fica a idéia de que todos são ladinos. Em alguns passaportes relativos a crianças, ficou registrado que eram "ingênuas" e qual o nome que iriam receber na pia batismal. A expressão "ingênuas" parece indicar que a criança estava na primeira infância e era pagã. Sutil alusão à religião cristã católica adotada por escravos piauienses.

A propósito de nomes, este é um aspecto interessante e que reforça a idéia de que os escravos eram ladinos. Verificando os passaportes observa-se que quase todos os prenomes lembram o hagiológico cristão e são os mesmos usados pelos senhores. Raridade são prenomes como: Sava, Iria e Rufo. Em geral, é apenas um prenome,

entretanto, encontramos outros como: Joaquim Marciano, Maria Florinda, José Balla, Maria José, Boa Ventura e Manuel Luis. Observa-se, ainda, que os escravos não têm nome de família.

Com as informações constantes ao lado de cada passaporte sobre as características físicas dos escravos e escravas, verifica-se que o tipo predominante tinha o rosto comprido; olhos pretos; nariz chato; boca grande e os cabelos carapinhados, isto é, "cabelo crespo e lanoso dos negros" (Ferreira, 1988: p. 128). A cor da pele prevalecente é a preta; encontraram-se, ainda, escravos com a cor da pele branca. Há informações sobre a organização familiar escrava. Era reduzidíssimo o número de grupo familiar formado por pai, mãe e filhos; semelhante à organização familiar dos senhores e aceita pela sociedade da época. Prevalece um elevado número de mães solteiras. Nos passaportes das escravas era comum registrar "solteira com filho" ou "solteira sem filho". Mas os casamentos aconteceram, de acordo com a moral social vigente; ficaram registrados casamentos não só entre escravos, mas, também, de escravos com pessoas livres. A mulher escrava aparece como o centro da família; os filhos estavam ligados a ela e, era dela, a responsabilidade de criá-los. Os filhos viajavam com a mãe; registraram somente um filho viajando com o pai. Outras informações, ainda, colocam a mãe em destaque quando referem-se a filhos: "mãe livre" (para filhos escravos); "vive separado da mãe" (para filho e mãe de senhores diferentes); e "mãe falecida". O pai escravo parece de pouca valia nesta brutal estrutura social escravista.

Uma leitura dos códigos de passaportes aponta para uma sociedade hierarquizada, basicamente constituída de duas categorias sociais: senhores e escravos. Como toda e qualquer sociedade escravista, a sociedade provincial piauiense foi marcada por relações conflituosas. Os escravos ofereciam resistência à escravização, e a fuga era o meio de resistência indicado nos passaportes. Os senhores não deixaram por menos, e, para não ter seu patrimônio avariado, apelaram para os caçadores de escravos. Encontraram-se oito passaportes expedidos para essas terríveis criaturas encarregadas de reconduzir à escravidão aqueles que procuravam a liberdade.

## Quel foi o Senhor de Escravos no Piauí

Verificando os passaportes podemos apontar individualmente ou por grupo familiar senhores de escravos no Piauí. Individualmente apontam-se: David Caldas, Simplicio Mendes, Gabriel Ferreira, Coelho de Rezende, Raimundo da Paz, José Félix Alves Pacheco, entre outras ilustres figuras da província. Entre as famílias escravocratas destacam-se: Souza Martins, Castelo Branco (com variação de nome, registraram: Lopes Castelo Branco, Sant Anna Castelo Branco, Fortes Castelo Branco, Souza Borges Leal Castelo Branco, Castelo Branco da Cruz, Abranches Castelo Branco); Cruz; Area Leão; César Burlamaqui; Gonçalves Pedreira; Portellada; Mesquita Aguiar; Almendra (com variação de nome, havia: Aguiar Almendra, Almendra Souza Gayoso e Almendra Freitas);



Freitas; Gayoso; Araújo Costa; Marques de Holanda; Rego Monteiro; Sant' Anna; Costa Freire; Silveira; Barros; Nogueira e Pires Ferreira.

Os senhores com maior número de escravos foram: Eugenio Marques de Holanda, Joaquim José de Aguiar, Fernando Antônio de Aguiar Almendra, Antônio da Costa Araújo, Eduvirges de Mesquita Aguiar e Jacob de Almendra da Fonseca Freitas.

Homens, mulheres, meninos e meninas eram senhores de escravos no Piauí provincial. Encontrou-se vários senhores como proprietários de um só escravo - é a "posse em condomínio", apontada pela professora Miridan Knox em sua tese de doutoramento. Em um dos códices, consta uma informação inédita em relação à escravidão no Piauí: havia uma firma comercial como proprietária de escravos - a Mayer Frères. Segundo anúncios no jornal "A Época", ano 1878, a CASA FRANCESA MAYER FRÈRES vendia e comprava os mais variados artigos, inclusive escravos.

## Outros Aspectos

Dos códices em estudo podemos retirar informações sobre duas repartições públicas: as coletorias e a Secretaria de Polícia. Sobre as primeiras há referência no item relativo aos escravos. Quanto à Secretaria de Polícia, entre suas atribuições, estava a de expedir os passaportes: "O Dr. (...) Chefe de Polícia da Província concede passaporte...". Esse documento recebia, além da assinatura do chefe de polícia, a de um funcionário, possivelmente encarregado da expedição. Ficou registrado o nome do Sr. Carlos Martins como encarregado desse serviço. No espaço de quinze anos, 1874 a 1889, a Secretaria teve vinte chefes de polícia, além dos momentos em que delegados da capital responderam pelo expediente. Esta é uma indicação de que, já na província, Teresina estava dividida em distritos policiais. Entre os chefes de polícia anotamos: Antonio Paulino Cavalcante de Albuquerque, Augusto Colin da Silva Rios,

Antonio d'Oliveira Cardoso Guimarães, Bemvenuto Alves de Carvalho, Eneas José Nogueira, Ernesto Francisco de Lima Santos, Francisco Gonçalves Meirelles, Firmino Licínio da Silva Soares, Jesuino José de Freitas, Jesuino de Sousa Martins, José Furtado de Mendonça, Joaquim Ferreira Veloso, Jovino Antero de Cirqueira, Lourenço Valente de Figueiredo, Lino Rodrigues Costa, Luiz de Souza da Silveira, Manoel Ildefonso de Souza Lima, Themístocles Napoleão de Moraes, Torquato Mendes Vianna, Vicente Cândido Ferreira Tourinho.

Neste mesmo período, a província teve trinta e oito presidentes. Comparando a relação de chefes de polícia e de presidentes veremos como o exercício de mandatos foi de pouca duração. Seria mais de dois chefes de polícia e dois presidentes de província por ano.

Esse fato, possivelmente, deve ter sido nocivo ao desenvolvimento da província. Fica uma forte impressão de disputa político-partidária com os cargos da administração pública. Parece uma não preocupação com o trabalho; parece não haver planos administrativos. Da relação de chefes de polícia destacam-se os nomes de Firmino Licínio da Silva Soares, Lourenço Valente de Figueiredo, Manoel Ildefonso de Souza Lima e Torquato Mendes Vianna, que, no decorrer do período, também, foram presidentes da província. O sr. Lourenço Valente de Figueiredo foi, além de chefe de polícia e presidente da província, deputado provincial. Nota-se, pela relação dos chefes de polícia que membros de algumas famílias escravocratas como Freitas, Souza Martins, Nogueira e Silveira ocuparam cargos na burocracia provincial. Verdadeira oligarquia monopolizando o poder público.

Outro aspecto interessante nos códices de passaportes diz respeito a estrangeiros no Piauí. Entenda-se como estrangeiros não os portugueses e africanos e seus descendentes, mas, principalmente, europeus de nacionalidade diferente da portuguesa. Vários passaportes foram expedidos para ou a pedido de pessoas com nome de família não português. Através dos códices é impossível saber a origem de todos; quando chegaram à província e que atividade exerciam.

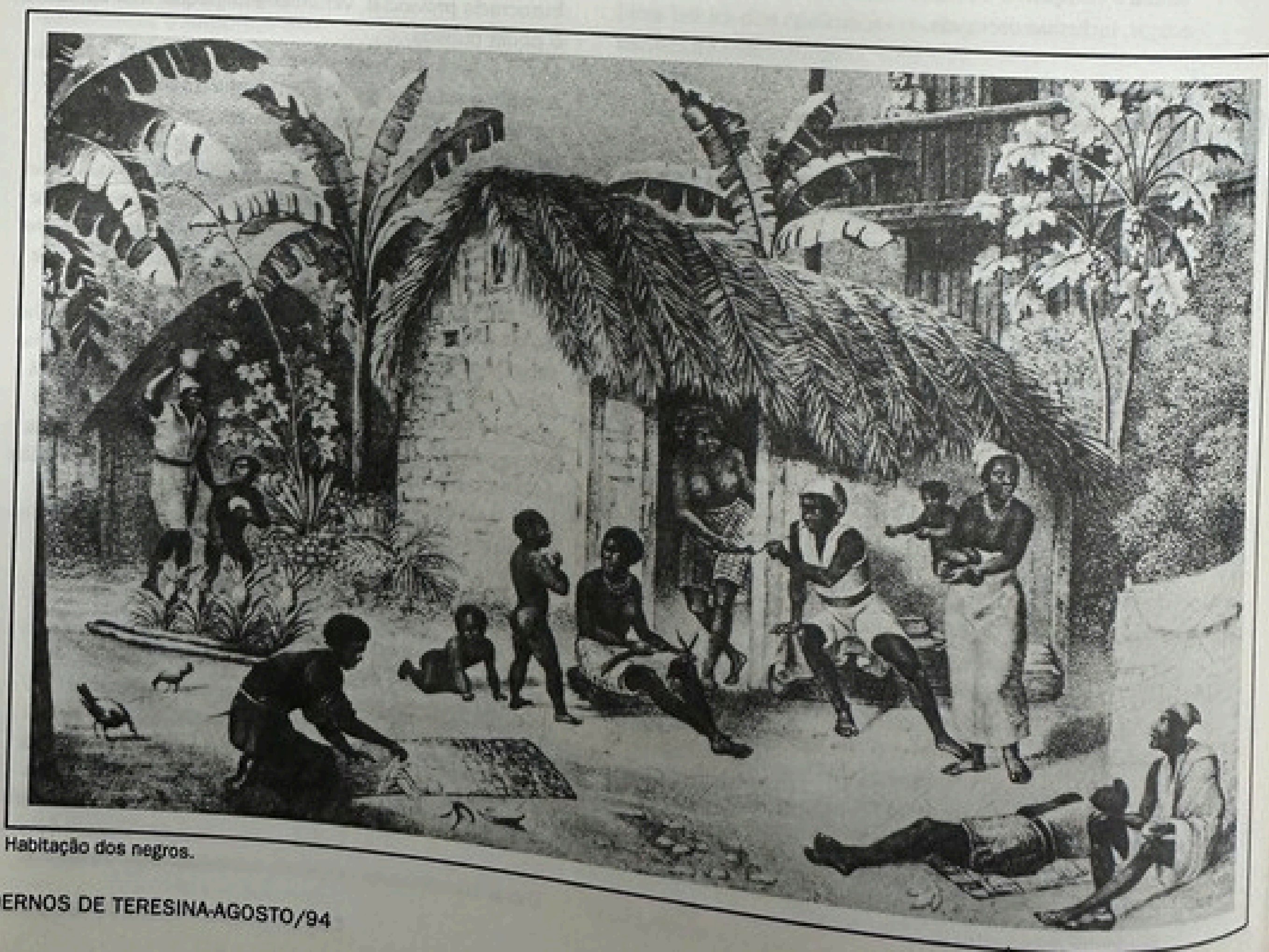
Sobre Henri Alfrid Quartier la Tant, iniciamos este trabalho falando sobre ele. Não há indício de que o suíço residia no Piauí. Não sabemos se casou-se aqui ou no Maranhão, já que sua mulher era maranhense. Fica a dúvida porque o passaporte foi solicitado à Secretaria de Polícia do Piauí e não à do Maranhão. Mayer Benzecry era natural da Argélia e há mais de dez anos residia no Piauí. Requereu passaporte para viajar à "sua pátria"; era um homem branco de trinta e dois anos de idade, rosto redondo, olhos castanhos, nariz aquilino, boca regular, muita barba e o cabelo era crespo.

John Robertson era brasileiro naturalizado; havia nascido em Londres, filho de Guilherme

Robertson. Requereu passaporte para ir à Inglaterra. Encontrou-se um passaporte com destino a Londres, fora expedido em nome de Joaquim Berillo Gonçalves Pereira, empregado público provincial. Berillo era moreno e tinha cabelo crespo, o rosto cumprido com olhos castanhos, nariz e boca regular, muita barba e usava bigode. O nome Mayer Frères identificamos como um estabelecimento comercial.

David Sarraff, José Mayer, John Roberson, Matildes Maria Mazza e Francisco de Layrme parecem muito bem radicados no Piauí e incluem-se no grupo dos senhores de escravos. O sr. Mayer possuía vários escravos e era figura destacada em Teresina. Neste período, vamos encontrá-lo como empreiteiro de obras do governo provincial. Em 1889 este senhor promoveria uma das mais brilhantes festas de Teresina para homenagear o presidente da província. O jornal "A Falange" registrou o fato "... Joseph Mayer, amigo íntimo do exmo. sr. dr. Vieira da Silva, ofereceu a este (...) no dia do seu natalício um esplêndido baile no palácio presidencial concorrido pelo highlife teresinense. O serviço de doces, vinhos finos, cerveja etc foi profuso e feito com toda regularidade...". A senhora Mazza, de certo, era membro da família do mesmo nome que viveu no Piauí provincial e exercia atividade comercial ambulante, incluindo escravos; e o

que podemos concluir de outros documentos manuseados, principalmente alguns da Secretaria de Polícia. Não temos informações sobre os demais, a não ser que eram proprietários de escravos e que David Sarraff parece retirar-se para a província do Amazonas com seu escravinho, Juvêncio, de doze anos de idade. A história dos estrangeiros em terra piauiense ainda está por ser levantada e tem aspectos diferentes de locais como São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A grande semelhança reside no fato de que as elites brasileiras (a piauiense não é exceção) sempre preferiu os estrangeiros aos nacionais de camada social inferior. Elevados, rapidamente, a uma posição privilegiada, aqueles que chegaram para batalhar duramente a vida tornaram-se senhores capazes de discriminar, humilhar e explorar os nativos que os receberam. Sabemos que foi reduzidíssimo o número de estrangeiros no Piauí, se comparado com outras regiões do Brasil. Que aqueles que chegaram, em pequena ou grande quantidade, adaptaram-se muito bem, e que os choques com os piauienses foram de pouca significância. A história contemporânea dá como exemplo os sírios-libaneses que ao que parece foram conquistados pela "cultura cabocla". Não se pode negar, também, a posição



Habitação dos negros.

sócio-econômica privilegiada desses imigrantes onde quer que tenham se fixado no Piauí.

A história dos forasteiros não é menos interessante, está registrada nos jornais, nos inquéritos policiais

e, principalmente, na memória popular. Entenda-se por forasteiros não os estrangeiros, mas os brasileiros de outras regiões. Há forasteiros dignos e confiáveis. Contudo, a trajetória de muitos deles, em nosso meio, requer reflexão e atitudes mais prudentes. Não é intenção nossa a criação de um espírito de aversão aos estrangeiros e forasteiros. O xenofobismo, ao longo da História, produziu e produzirá maléficos e amargos frutos. Entretanto, não deve ser desculpa para não investigação de fatos importantes do nosso processo histórico.

---

#### BIBLIOGRAFIA

---

- BASTIDE, Roger - *Brasil Terra de Contraste*. São Paulo. DIFEL, 1976
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda - *Novo Dicionário Aurélio*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1988
- MALHEIROS, Agostinho Marques Perdigão - *A Escravidão no Brasil. Ensaio histórico, jurídico-social*. v. 2. 3. ed. Rio de Janeiro, Vozes / INL. 1976
- MONTENEGRO, Antônio Torres - *Reinventando a Liberdade. A Abolição da escravatura no Brasil*. 7. ed. São Paulo. Atual Editora, 1989
- NUNES, Heli - ... *E o Tufão soprou na Colônia. História e estórias dos sucessos de uma cidade*. Teresina, Editora/ Gráfica da Universidade Federal do Piauí, 1993
- PIMENTEL - Valderéz Cavalcante - *A Aculturação do Imigrante Sírio no Piauí*. Projeto Petrônio Portela, 1986
- RODRIGUES, José Honório - *Independência: Revolução e Contra-Revolução. Economia e Sociedade* 2. v. edições francisco alves
- TITO FILHO, A. - *A Augusta Casa do Piauí*. Brasília, Senado Federal Centro Gráfico, 1978
- KNOX, Miridan - *Escravos do Sertão. Demografia, Trabalho, Relações Sociais*. USP, 1993 (TESE DE DOUTORAMENTO)

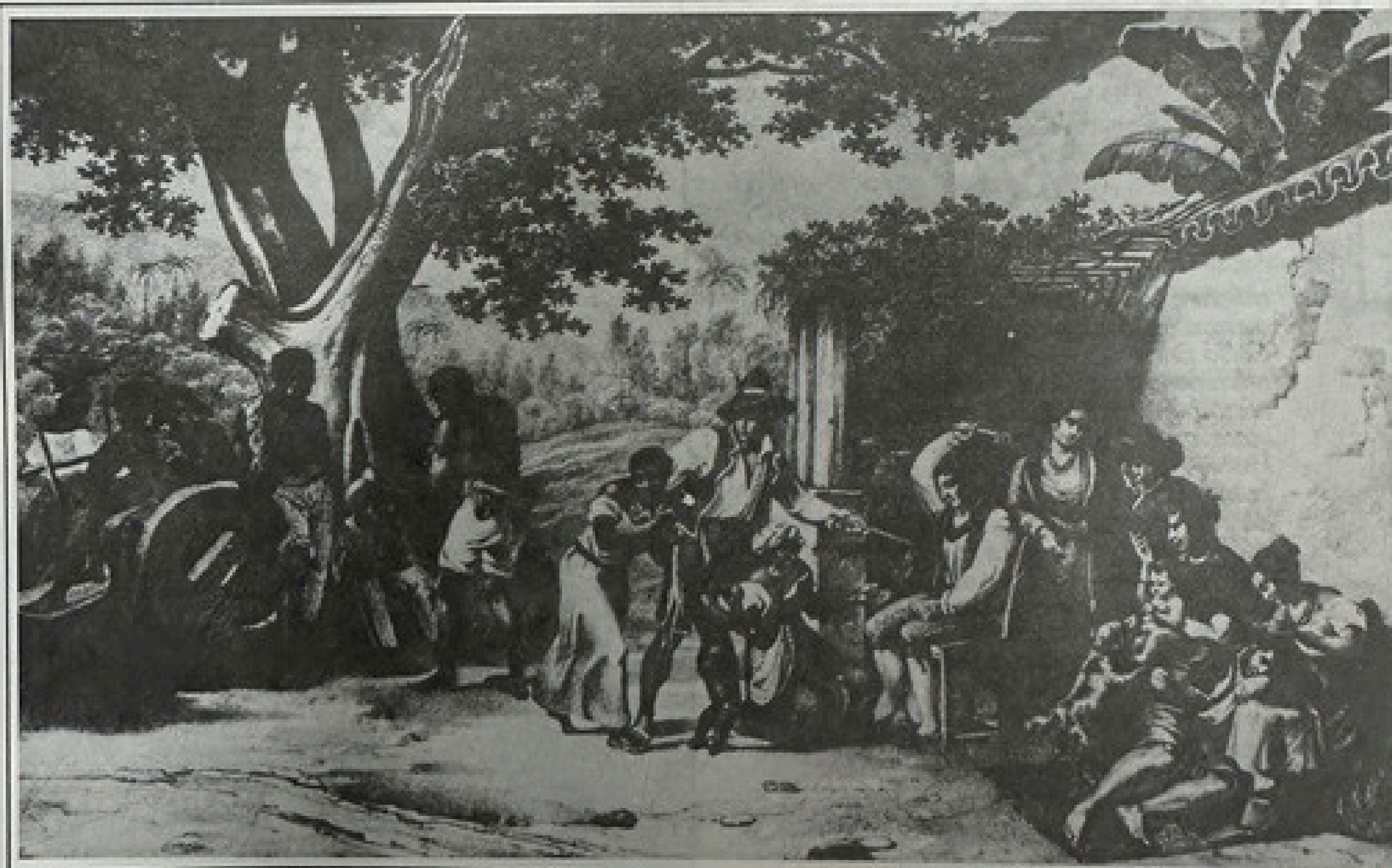
#### FONTES PRIMÁRIAS

ARQUIVO PÚBLICO DO PIAUÍ

Sala do Poder Executivo - Códices 970 e 971

Hemeroteca - Jornal "A Época". Ano: 1878

---



Castigo dos escravos.



# Entrevista

## Celso Barros Coelho

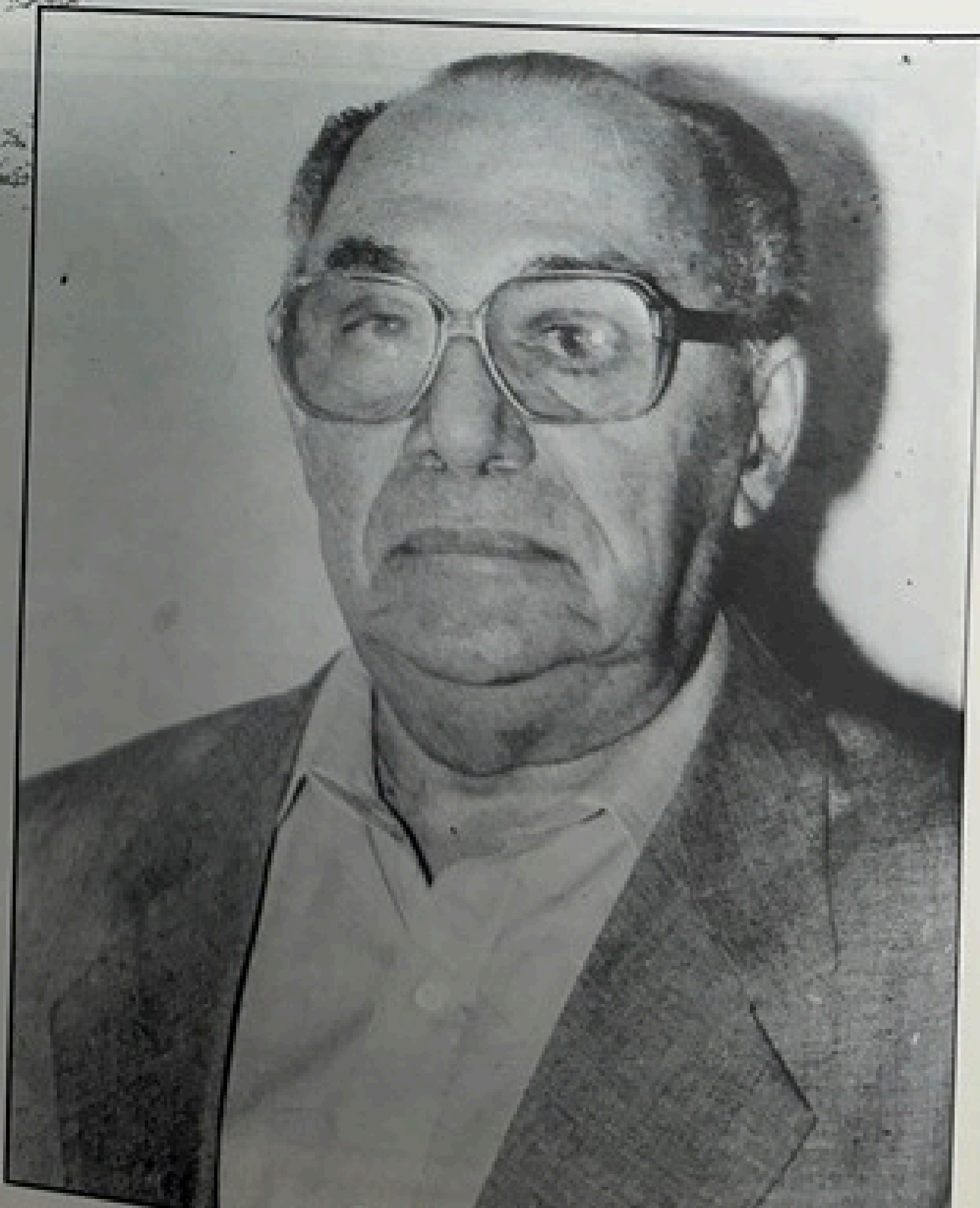
ENTREVISTADORES:  
Anna Kelma Gallas  
Elmar Carvalho

incansável da idéia de que a reforma social passaria pela reformulação da atuação política, fundou em 1962, em Teresina, o Partido Democrata Cristão, PDC, através do qual se elegeu, um ano depois, deputado estadual. Foi cassado em maio daquele ano, ficando na retaguarda silenciosa, mas pensante, da intelligentsia afastada do plano das decisões. Depois de dez anos, precisamente em 1974, voltou a eleger-se. Desta vez, como deputado federal, pela legenda do MDB (hoje PMDB), sagrando-se o mais votado de seu Estado. Na Câmara Federal, nas duas legislaturas, atuou como relator a autor de importantes projetos como o Código Civil Brasileiro. Celso Barros deixou no cenário político e jurídico brasileiro a sua vigorosa caligrafia.

**Elmar:** O sr. nasceu numa pequena cidade do Estado do Maranhão. Como foi sua adaptação em Teresina?

Bem, minha vinda para Teresina foi quase uma obra de acaso. Eu nasci em Pastos-Bons, no interior do Maranhão, no dia 11 de maio de 1922. Como éramos pobres, meu pai, à procura de meios de vida, andou de cidade em cidade. Esteve em Floriano, Colinas e depois passou para Benedito Leite, também no Maranhão, perto da foz do Balsas. Nessa cidade nós chegamos em junho de 34 e ele morreu em dezembro desse mesmo ano, deixando sete filhos na orfandade, entre os quais eu era o mais velho. Passei a ser criado por uma tia, irmã de meu pai. E minha tia, Maria Rocha Leal (Arica), era mãe dos deputados Raimundo Leal e Sebastião Leal. Eles vieram estudar em Teresina e eu fiquei lá, tomando conta da casa comercial dela. Mas à época que estava trabalhando lá, em 1937, veio uma moça de Teresina passar as férias ali e vendo

**P**rofessor, jurista, filósofo intermitente e ensaísta, o advogado piauiense Celso Barros Coelho tem sido um referencial obrigatório na paisagem sócio-política do Estado há mais de vinte anos. Sua trajetória remonta a Pastos-Bons, de onde saiu para fazer humanidades no Seminário Menor de Teresina, atravessando o final da década de 30 e o princípio dos anos 40. A partir de 1945, de aluno aplicado passou a professor. A princípio, do Magistério Secundário do Colégio Demóstenes Avelino. Mais tarde, como um dos fundadores da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí, lecionou Literatura Latina e Literatura Portuguesa. Em 1967, tornou-se professor de Direito Civil da Faculdade Federal de Direito do Piauí, incorporada à Universidade Federal do Piauí. Defensor





aquela minha ansiedade por estudar, minha preocupação com os estudos, porque eu estava sempre com os livros na mão, perguntou a essa minha tia se ela conseguisse uma bolsa de estudo no seminário, aceitaria que eu fosse estudar no seminário. Então, eu confirmei que aceitaria. Tão logo chegou em Teresina, ela expediu um telegrama dizendo que eu poderia vir. Em fevereiro de 38 eu ingressei no seminário de Teresina.

**Kelma: A sua trajetória guarda semelhanças com a do Padre Raimundo José, com o qual o sr. compartilhou a educação clássica recebida no seminário da época.**

Eu estive no seminário de 1938 até o fim de 44. Em 45, já fora do seminário, eu estava em dificuldade porque tinha saído e estava procurando um meio de vida. Foi quando me ofereceram a oportunidade de ser professor no Colégio Demóstenes Avelino, do professor Filismino Freitas Weser, que seria mais tarde meu sogro. Fiquei no magistério secundário durante muitos anos. Em 1967 é que ingressei, por concurso, na faculdade, como professor de Direito Civil.

**Elmar: Como o sr. faria um rápido balanço de sua atuação política?**

Eu sempre fui seduzido pela política, mesmo quando eu vivia no interior, tomando conta da loja de minha tia, em 1937. Eu me empolguei pela campanha do José Américo de Almeida em oposição a Armando Sales de Oliveira, antes do decreto da ditadura do Estado Novo. E parece que eu nasci com o destino de oposição. Sempre fui oposição dado o grau de insatisfação meu em relação aos governos. Sempre achei que os governos não atendiam às necessidades do povo e não faziam justiça às pequenas comunidades. Sempre fui um revoltado contra isso e ingressei na política no Piauí, como se diz, de uma forma original.

Eu procurei fundar um partido no Piauí para poder ingressar na política. Isso porque eu entendia que os dois partidos que dominavam o Estado na época, o PSD e a UDN, eram partidos que me parecia estarem comprometidos com a situação do país, com o capitalismo dominador. Eu então procurei fundar um partido que, embora não fosse muito desvinculado desses compromissos, era um partido que, no meu entender, trazia uma nova mensagem para o povo e novas oportunidades para os políticos. Por isso fundei o PDC, me inscrevi como um de seus líderes, me candidatei a deputado estadual, fui o único eleito em 1963. Exerci o mandato de 63 a 64, quando no dia 8 de maio daquele ano fui cassado pela revolução porque me insurgi justamente contra ela porque não correspondia às aspirações do brasileiro àquele tempo.

**Kelma: Quando hoje se faz um balanço da recente história política brasileira, centrando as atenções do retrocesso democrático desencadeado a partir de 64, tem-se uma tendência em considerar a atual fase de desconserto àquele período. Como o sr. analisa o país, hoje?**

Mesmo cassado em 64, continuei a fazer política. Tanto que nas eleições de 1970, se não me falha a memória, apresentei meu filho, ainda estudante, como deputado estadual. E aí foi nova decepção porque os votos que ele recebeu, insuficientes para se eleger, grande parte desses votos foi tirada no mapa. Houve um mapismo, contra o qual me insurgi na época. Então eu fiquei, de certa forma, participando da vida política até 1974, quando me candidatei a deputado federal, após ter passado 10 anos de proibição. Fui o candidato que obteve maior número de votos em Teresina. Tanto que, àquela época, tive 22,5% da votação de Teresina. Eu me elegi em 70/74 74/78 e passei por toda essa fase do período revolucionário, fase em que havia restrições de direitos, lutando contra isso num partido que foi o vanguardeiro nessa luta pela democracia o MDB e depois o PMDB. Empenhei-me nessa luta duramente, ao lado de Ulisses Guimarães e Tancredo Neves, que eram meus amigos. Basta considerar que por volta de 1976 recebi o título de cidadão piauiense e trouxe a Teresina, nesse dia memorável em que a Assembléia me concedeu esse título, os dois grandes líderes do MDB, que foram exatamente Tancredo Neves e Ulisses Guimarães. Então eu acho que a situação atual é uma consequência daquele período de restrições políticas, de quebra dos princípios de defesa dos direitos humanos, em função também do próprio descontrole da economia brasileira naquela fase em que dominou o poderio militar.

**Elmar: Como o sr. interpreta esse verdadeiro vendaval de escândalos das corrupções dos políticos?**

O que nós verificamos hoje é um confronto entre a sociedade e o indivíduo. É o indivíduo querendo se rebelar contra a sociedade, é o político querendo se rebelar contra

o poder de que ele é representante e o poder, por sua vez, procurando enfrentar o indivíduo, usando a arma da lei, a arma da opinião pública. Todo esse problema que surge hoje em dia em relação à corrupção é um problema que não reflete um procedimento aético ou seja moral. Não, isso é um problema decorrente da própria estrutura social. E é a estrutura que está preparando o indivíduo. Nós verificamos que hoje o poder está alicerçado em bases falsas. Até a própria moral do poder é uma moral falsa porque o próprio poder, ao agir, muitas vezes se afasta dos padrões morais que ele defende. Então, esse é um processo que tem a sua vertente em fatores de ordem econômica, política e até de ordem corporativista. Quer dizer, quando aqueles deputados pertencentes à comissão do orçamento se desviaram da sua função para o enriquecimento eles o fizeram porque as próprias condições daquela época permitiam que eles fizessem isso. E faziam-no certos da impunidade, de que, como deputados, aquilo jamais seria descoberto. Eu integrei a Câmara dos Deputados. Fui membro da Comissão de Constituição e Justiça, acompanhava a comissão de orçamento, via que aquilo era um clube fechado. Quer dizer: aqueles que dominavam essa comissão eram pessoas que manipulavam todos

os dados em favor de seus interesses políticos, que passaram a ser também interesses pessoais. Daí a corrupção e daí o estado a que chegaram.

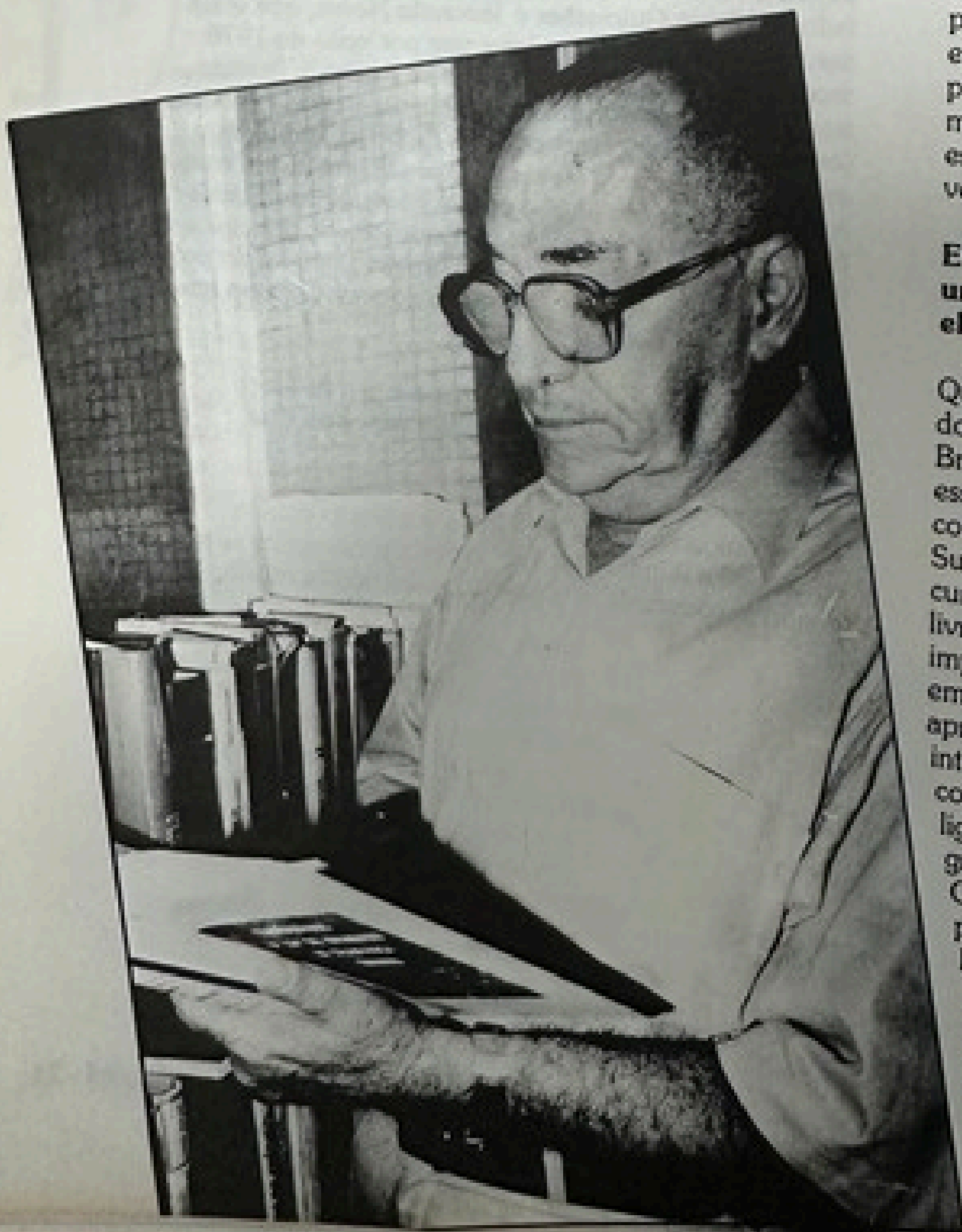
**Kelma: Machiavel demonstrou em "O Príncipe" que a política tem uma moral própria. Disso decorreriam os desvios?**

O que ocorre é que o homem comum nem sempre age em função do poder e o político age sempre em função do poder. Como dizia um autor inglês: o poder político corrompe absoluto e corrompe absolutamente. Quer dizer, é da essência do poder político a corrupção, porque é um poder que se arma exatamente através do conflito, através de uma certa competição. E a competição faz com que se usem armas para vencer o adversário, para destituí-lo do poder, para que no lugar dele possa assumir o poder. Então, usando essas armas, o político tende a corromper-se e proceder de uma forma aética. Machiavel, que viveu a política intensamente, conviveu com um mundo político especial, onde ele via as tramas que faziam diariamente em torno do poder, em torno, portanto, do príncipe. Machiavel não considerou a moral como elemento da política. Não que ele negasse a moral. Recentemente, lendo a sua biografia, vi que ele era um dos homens que tinha maior respeito pela pessoa humana e pela liberdade, e por Deus, pela religião, pela igreja, embora combatesse o que na igreja era realmente reprovável. Mas esse homem verificou que na política não se poderia, absolutamente, preservar os valores morais porque se na política fossem postos em prática os escrúpulos morais, muitos não teriam oportunidade para vencer.

**Elmar: Como foi sua experiência como membro de uma comissão que ficou responsável pela elaboração do novo Código Civil Brasileiro?**

Quando eu era deputado federal, em 1975, veio o projeto do governo para o estudo do Projeto do Código Civil Brasileiro. Foi, então, criada uma comissão para examinar esse projeto. Era presidida por Tancredo Neves. Fui indicado como o relator de um dos livros do projeto, o Direitos das Sucessões. E me empenhei intensamente para o cumprimento dessa missão, de forma que escrevi até um livro, em que eu defendia exatamente as teses que me impressionaram na elaboração do texto e ao mesmo tempo emitindo cerca de 100 pareceres sobre as emendas apresentadas ao projeto. Para mim foi a maior conquista intelectual e cultural da minha vida porque o meu nome, como relator do Código Civil, ficou, embora palidamente, ligado ao nome brilhante daqueles que no passado deram grande contribuição, como Clóvis Bevilacqua, no Ceará, e Coelho Rodrigues, no Piauí, este, autor do primeiro projeto do Código Civil Brasileiro, após a proclamação da República.

**Kelma: O processo de impeachment de Collor e a consequente revelação dos bastidores da política nacional desencadeou, de certa forma, uma**



**grande desconfiança nos políticos e uma espécie de saudosismo em relação aos políticos do passado. O modo antigo de fazer política no Brasil é mais adequado aos tempos modernos?**

O político de hoje não é diferente do político do passado, apenas o passado envolvia o político numa aura de maior proteção. Os meios de comunicação invadiram a esfera política e expuseram os políticos, ao contrário dos políticos antigos. Só havia, então, um meio de os combater e divulgar seus trabalhos e fazer críticas à sua atuação. Era o jornal. Só que era de pequena circulação. Depois vieram o rádio e a televisão. O político, hoje em dia, é um homem muito acusado, um homem que está sujeito a tudo que é possível, no sentido negativo ou positivo, conseqüentemente, é um homem muito visado. Não vou dizer que o político passado fosse um homem moral e intelectualmente mais qualificado. Não. No passado não havia propriamente políticos profissionais. Eram grandes intelectuais e juristas. Hoje, não. A política está se profissionalizando. Isso não deixa de ser um mal também porque muitas vezes essa profissão vai degenerando um pouco e até corrompendo os próprios políticos. Acredito, porém, que as desvantagens que hoje oferecem os políticos, as críticas que hoje se fazem contra os políticos são resultado de uma época em que tudo, de certa forma, sugere suspeita e desconfiança.

**Elmar: O sr. se realiza mais como orador, literato, professor, político ou advogado?**

A minha vida tem sido pautada em três linhas principais: a de político, a de advogado e a de professor. Quer dizer, eu tive uma atuação política muito destacada no Estado, em três mandatos, o de deputado estadual e os de deputado federal. Toda a minha vida, desde os 21 anos, foi dedicada ao magistério. Mas é como advogado que realmente

tenho me destacado mais, dada a própria natureza dessa atividade profissional. É uma atividade mais trepidante, feita de contrastes, de lutas. Então, essas lutas, de certa forma, dominaram meu ser, me cativaram e se transformavam na grande aspiração da minha vida. Eu sou, nessas três linhas, a mesma pessoa, a mesma personalidade, embora usando armas diferentes para atingir também objetivos diferentes.

**Kelma: Como um ex-seminarista foi se interessar por uma carreira tão complexa quanto é o direito? De que maneira o sr. enfrenta os problemas que ferem a sua ética?**

Nunca a minha convicção religiosa interferiu em minha atividade profissional. Não sou um homem que não se pode chamar católico praticante. Sou um homem consciente do valor do homem. Então eu nunca tive escrúpulo religioso para o exercício da minha atividade de advogado mesmo defendendo causas criminais. Sempre levei em conta que, por pior que seja o crime cometido por um indivíduo, ele tem o direito de defesa, que não é direito somente dele, é de todos nós. Quer dizer, não é o advogado quem vai julgar. Difícil é a pessoa julgar. Mais fácil é você defender o acusado. O advogado pode evitar que recaia sobre a pessoa que defende uma decisão injusta. E você reduzindo uma decisão injusta ou eliminando essa decisão, você está construindo algo para o próprio homem. Nunca tive escrúpulos para defender os piores criminosos porque eu não os ia julgar, apenas defendê-los. E o criminoso, por pior que ele seja, é um ser humano e todo ser humano merece ser defendido.

**Elmar: Como jurista e como ser humano, qual a sua opinião sobre temas como o aborto e o jogo do bicho?**

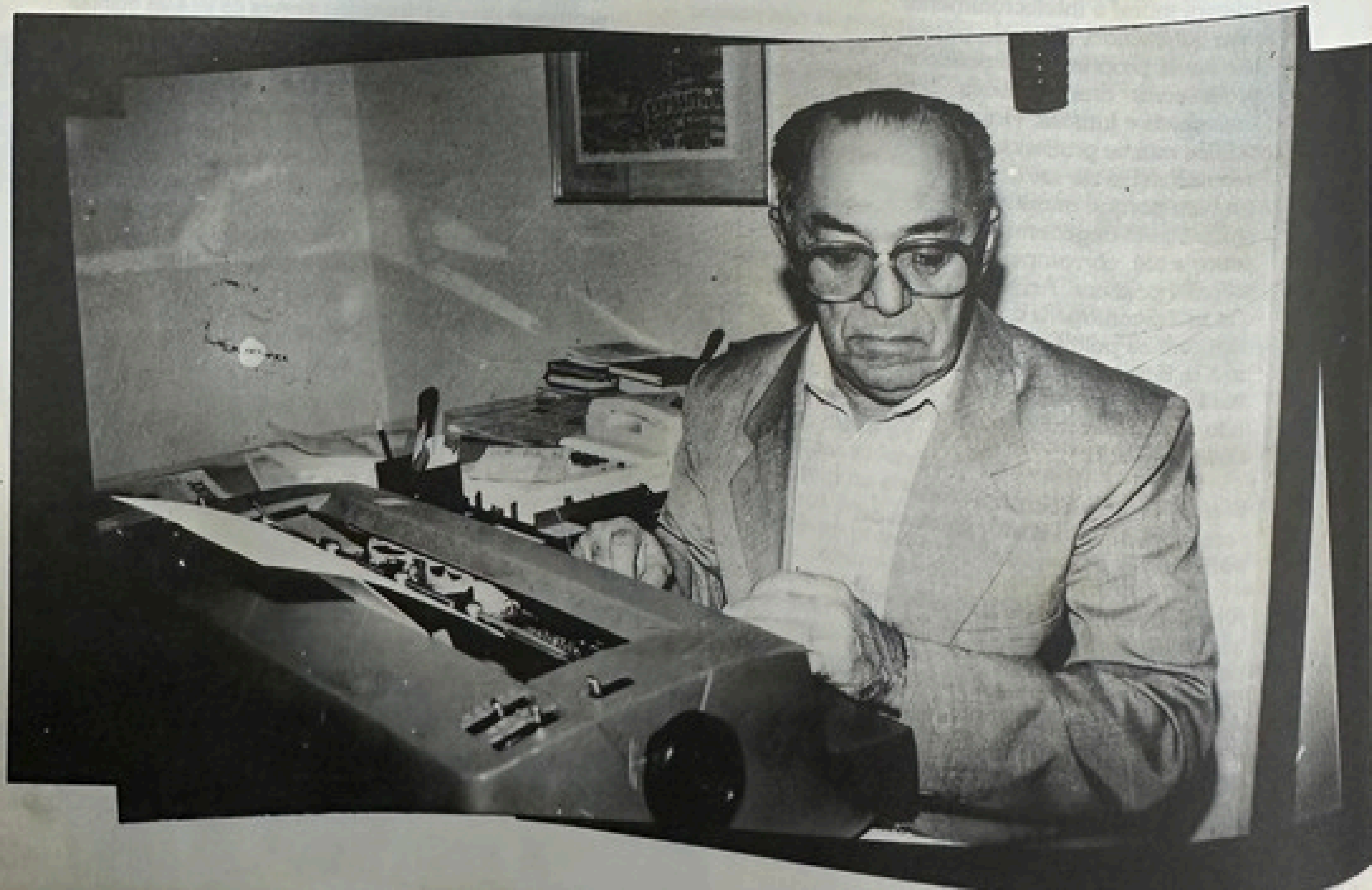
Eu não diria que defenderia o jogo do bicho. Eu defendo apenas o meio do sujeito viver, e se o meio de viver é o jogo do bicho, me parece que esse é um meio lícito de viver. Para mim não há diferença entre o jogo do bicho e a loteria federal. É como disse Somerset Maugham: a sociedade procura se opor ao indivíduo através da lei e da opinião pública. E o que foi que ocorreu em relação ao jogo do bicho? Todos os órgãos manipulados pelo Estado se mobilizaram para eliminar o jogo do bicho, que antologicamente não diferencia dos outros. Todo jogo ou é bom ou é mau. Todo jogo explora a pessoa. O que é que faz a loteria? Você pega e faz o seu jogo. Mas aquela loteria está sob a proteção do Estado. Então, quando o pobre vai fazer o jogo do bicho, ele está usando o mesmo procedimento do Estado. Onde está a falta de moral nisso? Agora, quando o jogo do bicho se envolve com o



narcotráfico, quando ele se envolve em outros problemas que realmente são prejudiciais à comunidade, aí, sim, é uma outra coisa. Mas em princípio eu defendo o jogo do bicho. Quanto ao aborto é uma questão bastante delicada. E a nossa posição em relação ao aborto é uma posição mais religiosa do que propriamente filosófica. Quer dizer, se nós considerarmos o homem como fim em si mesmo, como apenas um ente que compõe a estrutura do mundo como um ser a mais, não há nada em que você pratique o aborto. Mas se você compreende o homem como um ser que tem uma finalidade transcendental, isto é, que saiba os limites da sua condição humana para aspirar a um mundo diferente, portanto, um homem ligado a Deus, ao criador, então o aborto seria um crime porque seria matar uma vida que o homem não construiu. Ora, se o homem tem um fim transcendente, o aborto não pode ser admitido. Mas para aqueles que concebem o homem com uma trajetória que aqui mesmo termina, então pode ser admitido, porque matar um ser é da própria vida, isso é natural dentro de um mundo onde as coisas nascem e morrem.

**Kelma:** O sr. tem sido bastante eclético na sua atividade literária. Esse ecletismo é resultado de sua formação intelectual ou é uma necessidade de atingir públicos igualmente diferenciados?

Não tenho essa intenção de conquistar o público. Tudo que tenho escrito até hoje é resultado operacional da minha vida profissional. Sou um homem que tenho o hábito de ler. Faço da leitura uma preocupação constante. E essa leitura é variadíssima de acordo com as minhas preferências. Procuro enveredar pelo campo da literatura clássica, da literatura moderna, pelo campo da ficção, da história, sobretudo pelo campo da filosofia. Portanto, fui, durante alguns anos, professor de literatura, professor de língua vernácula, professor de língua latina. Esse clima bastante diversificado me deu uma dimensão muito ampla de me fixar em vários temas para que esses temas correspondessem a minhas aspirações intelectuais. Mas tudo isso é feito sem o propósito deliberado mesmo porque a minha atividade profissional quase não me dá tempo para estudos mais aprofundados em que me torne um especialista. Eu me especializei como professor de Direito Civil porque o longo tempo dedicado à cátedra me fez, naturalmente, voltar ao estudo dessa matéria. Mas não me considero um civilista, como não me considero um jurista. Considero-me um advogado que, de certa forma, obteve êxito, um homem que na política fez o possível, mesmo arrastando muitas dificuldades.





Ecologia

# O Parque Municipal da Floresta Fóssil do Rio Poti

Claire Anne Viana de Sousa  
Geóloga

FOTOS: CLAIRE ANNE



local, encontram-se distribuídas por aproximadamente 15 Km, a montante, ao longo do leito e margem do rio. Em sua maioria, posicionam-se na vertical, ou levemente inclinados, alguns na horizontal foram tombados pelas águas correntes do rio no período chuvoso, quando possuem maior poder de transporte. Todos estes troncos encontram-se inseridos no pacote rochoso denominado "Formação Pedra do Fogo", que foi datada do Permiano (em torno de 200 milhões de anos) por Plummer (1946) baseado nos exemplares vegetais do gênero *Psaronius* contidos nela.

A Formação Pedra do Fogo é caracterizada por sedimentação cíclica regressiva de ambiente marinho raso, que passa gradualmente para ambiente continental de clima árido. O estudo dos seus sedimentos aponta uma deposição continental lagunar e fluvial, com contribuição eólica e ocorrência de incursões marinhas. É constituída por arenitos, siltitos e argilitos de origem continental, siltitos, dolomitos, margas sílex e arenitos epicontinentais de caráter eólico.

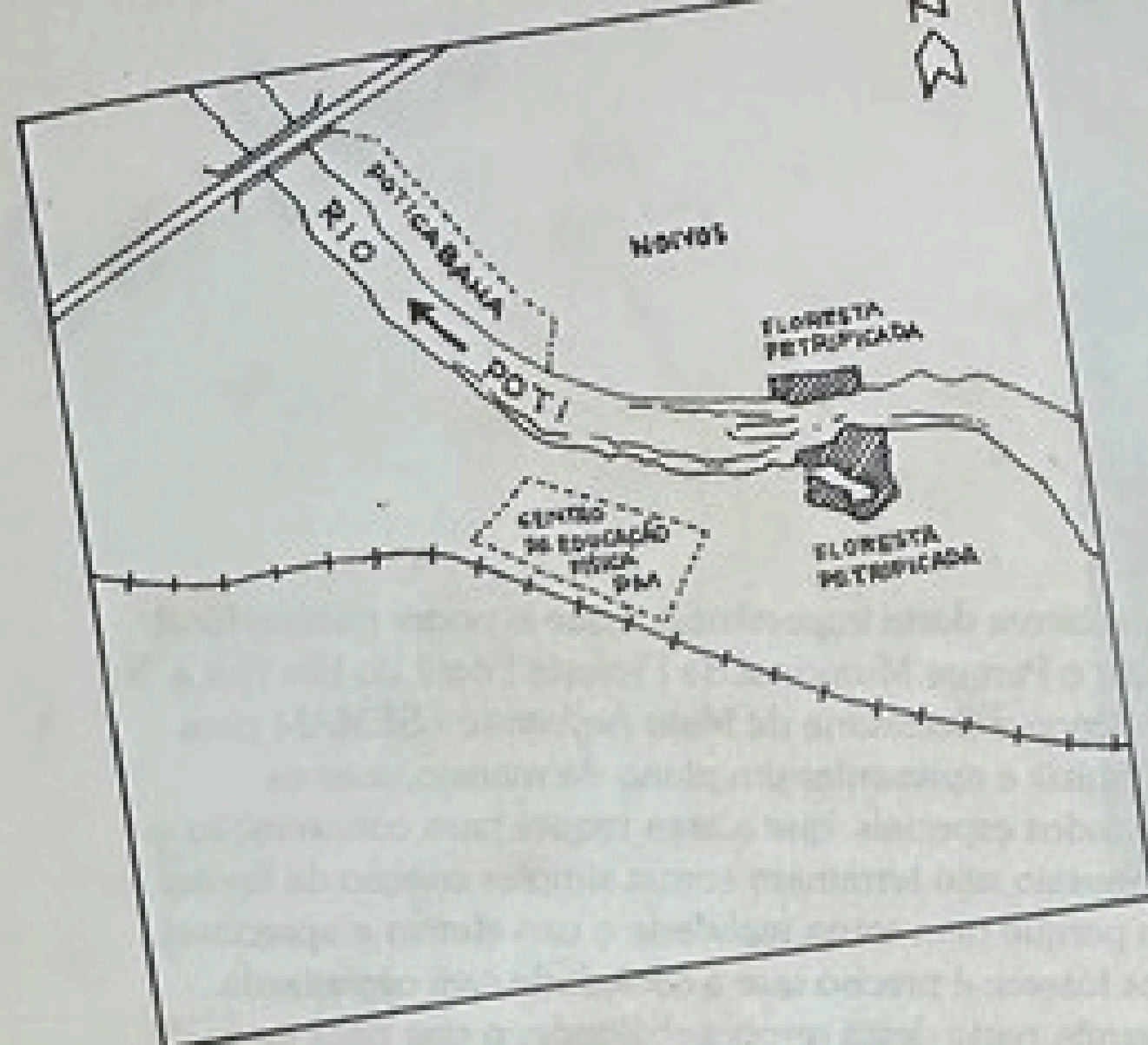
Na área do parque aflora uma sequência de camada de arenito de espessura variada, desde alguns centímetros até meio metro, com algumas intercalações de siltitos argilosos esverdeados, de espessura não superior a 20 cm. Esta associação faciológica sugere ambiente de transição, com arenitos representativos de areia de praia e dunas eólicas, além de argilitos e siltitos intercalados sugestivos de ambiente de planície de maré. Esta suposição foi reforçada

**N**o dia 8 de janeiro de 1993 foi criado, através do decreto nº 2.195, o Parque Municipal da Floresta Fóssil do Rio Poti, fruto de sementes da luta empreendida por estudiosos, ambientalistas e preservacionistas que despertaram no poder público local a importância da ocorrência de troncos vegetais fossilizados na área.

Situado às margens direita e esquerda do rio Poti, nas proximidades da Potycabana e do Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP), respectivamente (Fig 01), o parque foi cercado recentemente e possui 13 ha, cinco ao lado da Potycabana e oito nas proximidades da "Curva do CFAP".

Embora na área do parque ocorra um número significativo de unidades fósseis, cerca de 60 (sessenta), estas ocorrências não se restringem ao





pela presença de estruturas semelhantes a esteiras algáceas, encontradas à montante da área do parque.

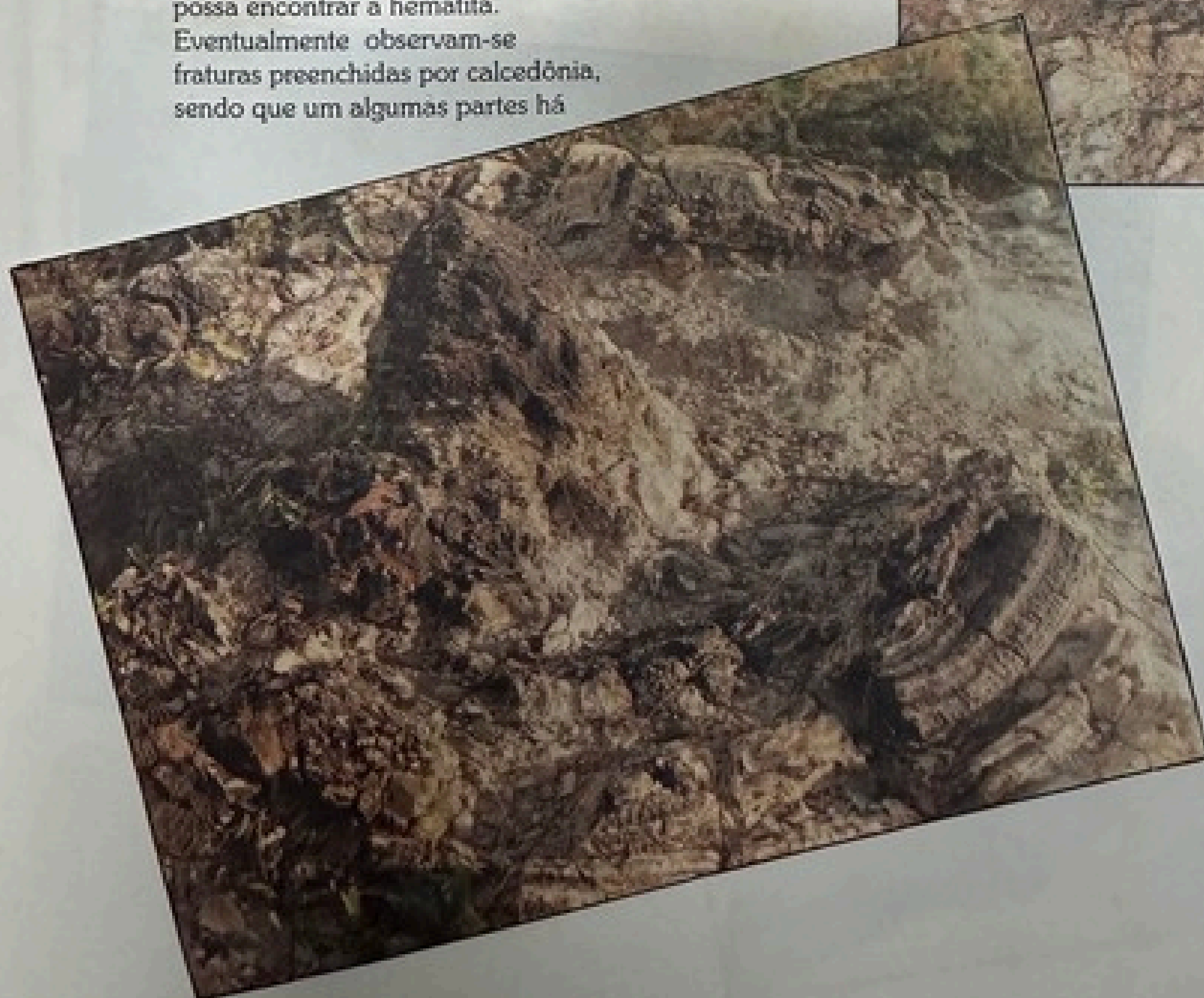
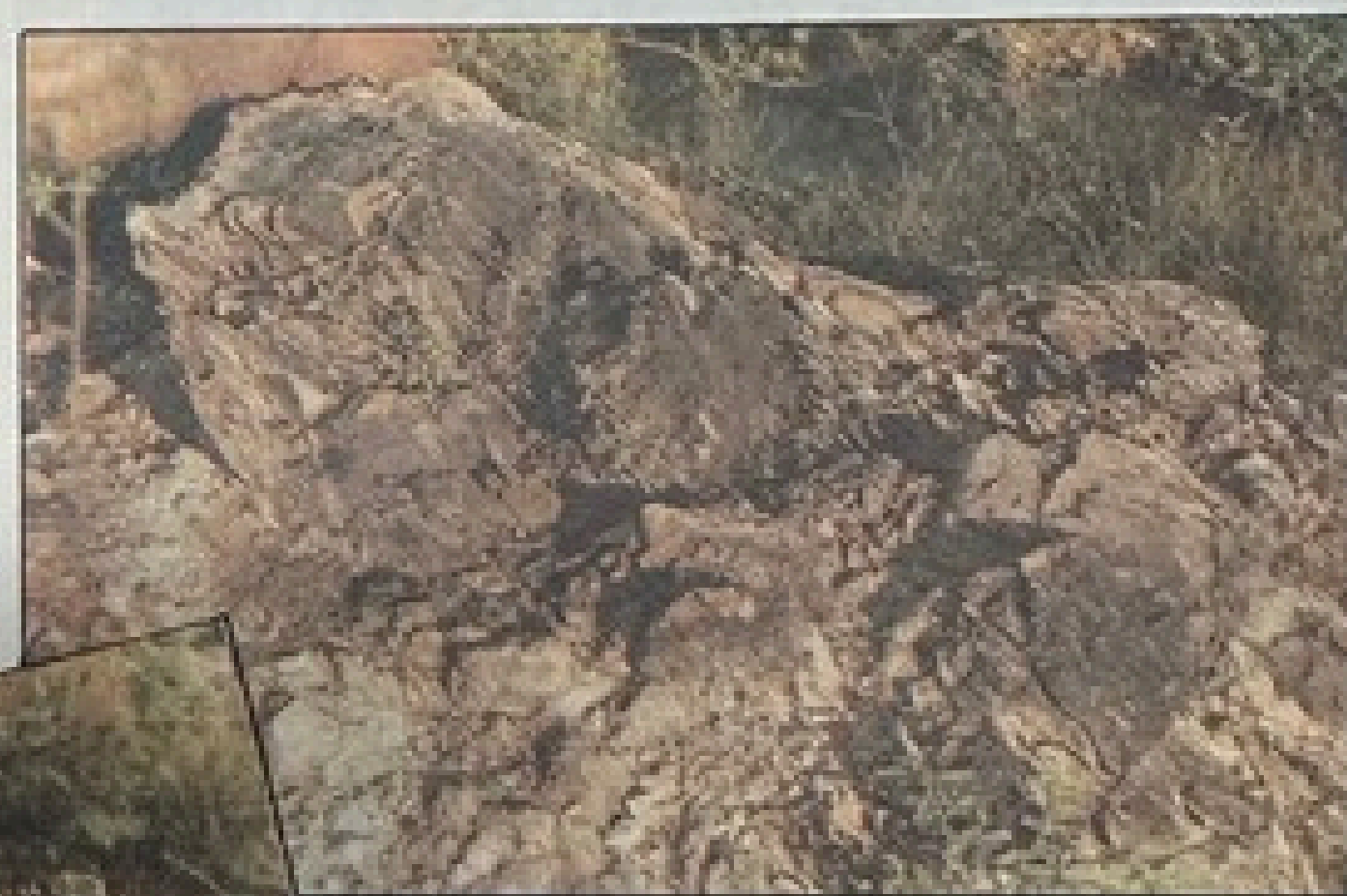
Os troncos fósseis possuem diâmetro e comprimentos variáveis, não ultrapassando contudo 70 cm de altura nas porções aflorantes: O estado de preservação das espécies é, em geral, bom e os "peels" indicam como tipo de fossilização a permineralização, pelo índice razoável de matéria orgânica presente. A permineralização consiste na substituição de matéria orgânica por minerais. Na maioria dos troncos, o mineral presente é o sílex, ainda que se possa encontrar a hematita. Eventualmente observam-se fraturas preenchidas por calcedônia, sendo que em algumas partes há

uma total obliteração da forma original.

Em torno de quase todos os troncos ocorrem estruturas circulares concêntricas, silicificadas, que atingem até 3m de diâmetro e que, à primeira vista, assemelham-se a porções de cascas de árvores. Num exame mais detalhado, verifica-se que essas formas não fazem parte dos troncos fósseis, e em lâmina delgada não se observam estruturas celulares. Uma hipótese para explicar sua origem é de que os troncos tenham servido como núcleos de precipitação dessas estruturas concêntricas.

O estudo sistemático de um exemplar fóssil da Floresta do Poti revela um novo gênero e uma nova espécie, que foi denominada *Teresinoxylon eusebioi* em homenagem à cidade de Teresina e ao primeiro paleontólogo e que estudou as plantas paleozóicas nos arredores da cidade, Dr. Eusébio de Oliveira (1934). Trata-se de um vegetal pertencente à divisão Pteridospermophyta e provavelmente à classe Cycadoxyleae Seward, pois o exemplar é similar ao que foi estudado por Seward (1917), o qual foi encontrado na cidade de Carolina (MA) inserido na Formação Pedra de Fogo.

Em geologia há um princípio que dita o seguinte: "o presente é a chave do passado". É assim que estudando os

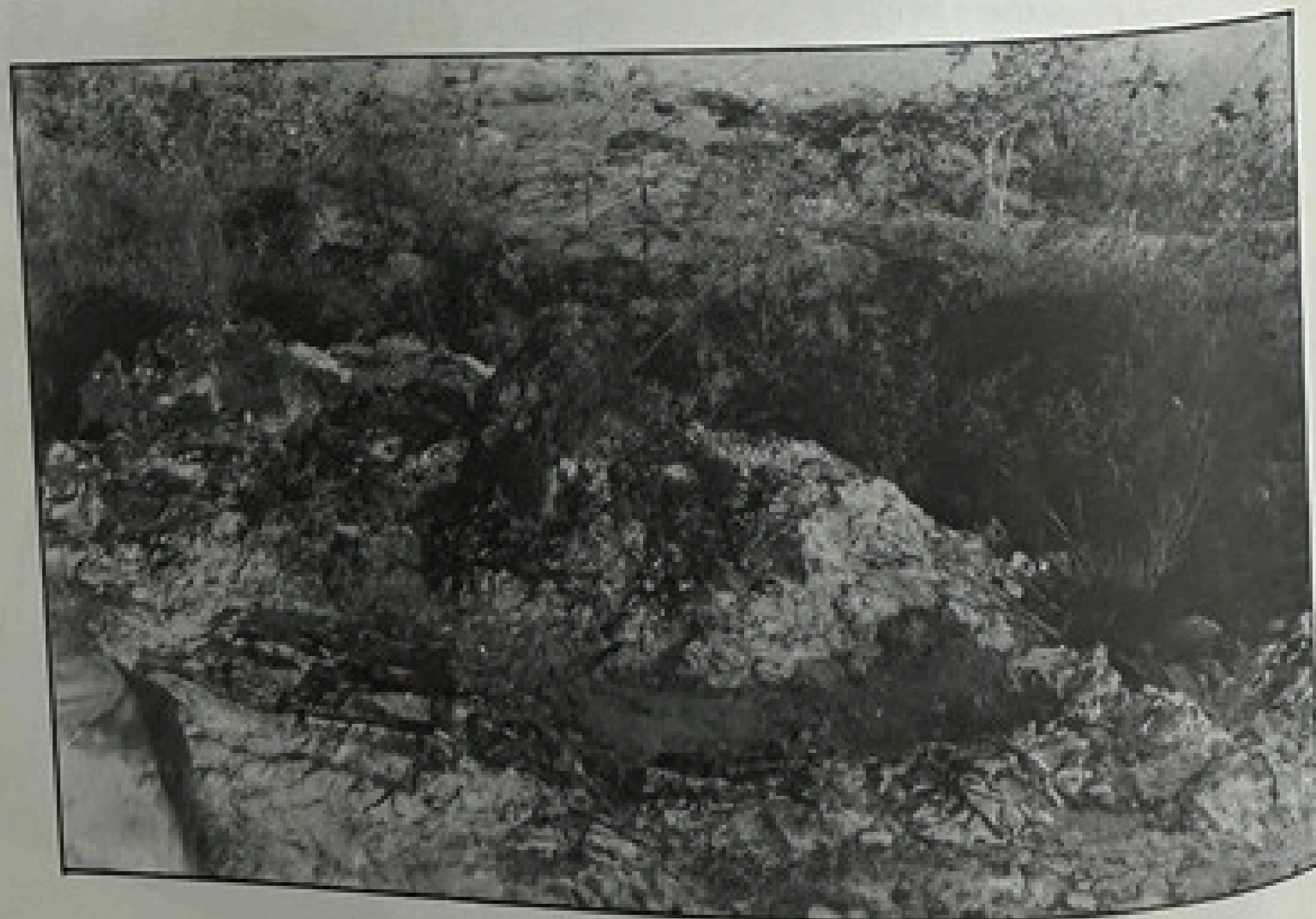
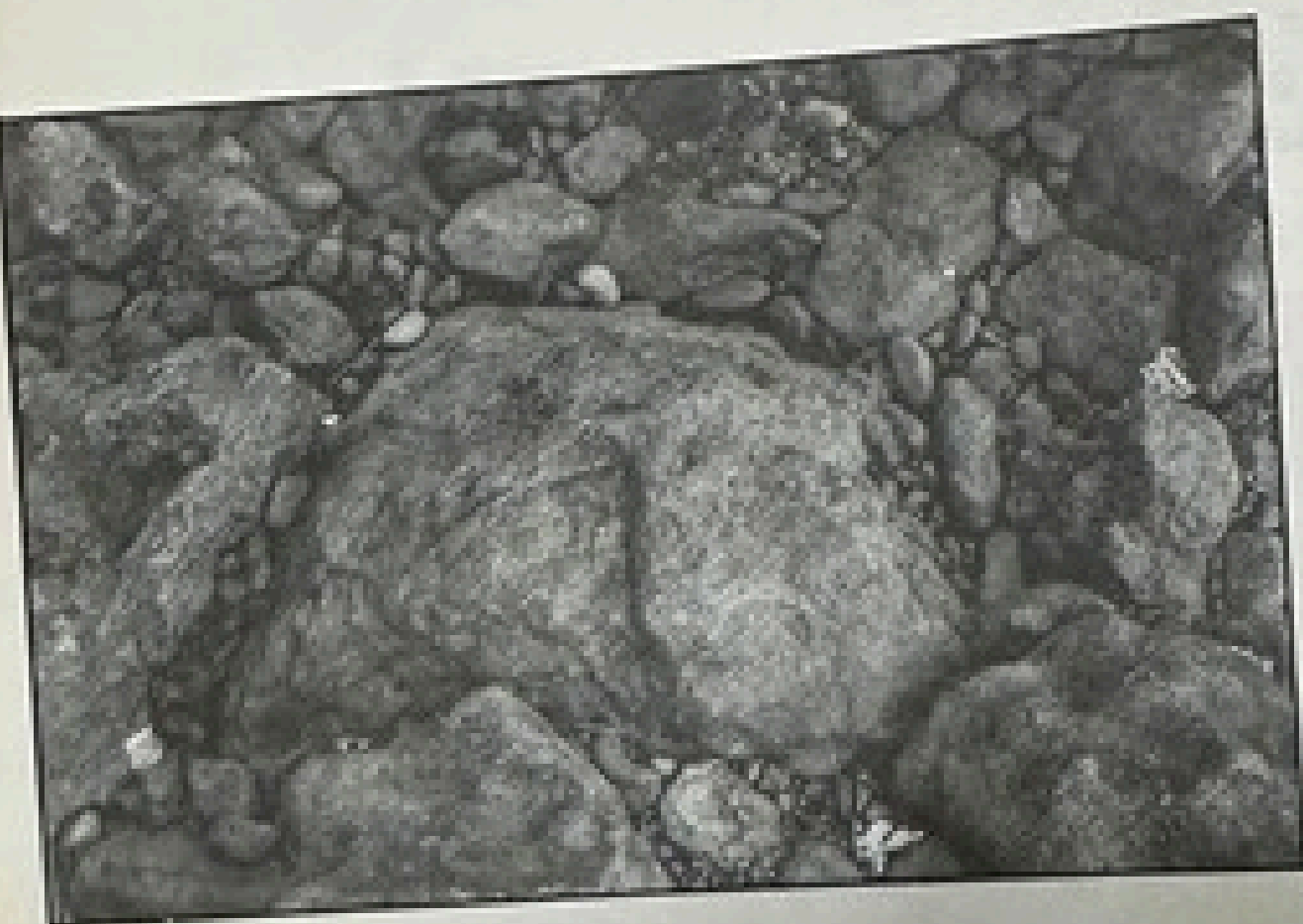




sedimentos contidos nas rochas que afloram no Parque podemos inferir os acontecimentos passados; do mesmo modo fazem os paleontólogos ao estudarem os fósseis. A conclusão dos estudos realizados na área indica que o ambiente onde se desenvolveu a floresta - que tem idade anterior aos dinossauros - era de transição e que as plantas eram pteridófitas de um gênero hoje extinto. Deriva em parte daí a importância de preservar e de educar a população para que ela se responsabilize por este patrimônio. É preciso ficar claro que a existência de fósseis "in situ" e em posição de vida como as que ocorrem no rio Poti é um acontecimento raro, sendo esse, especificamente, o único no Brasil.

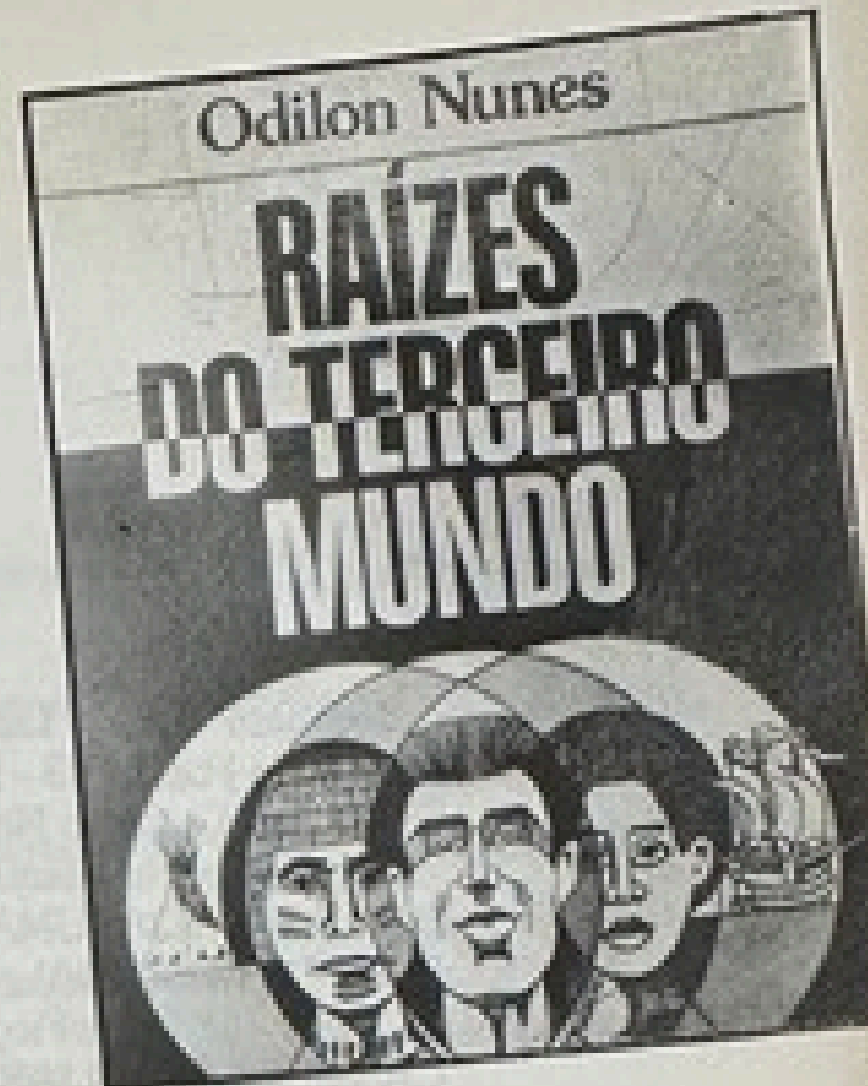
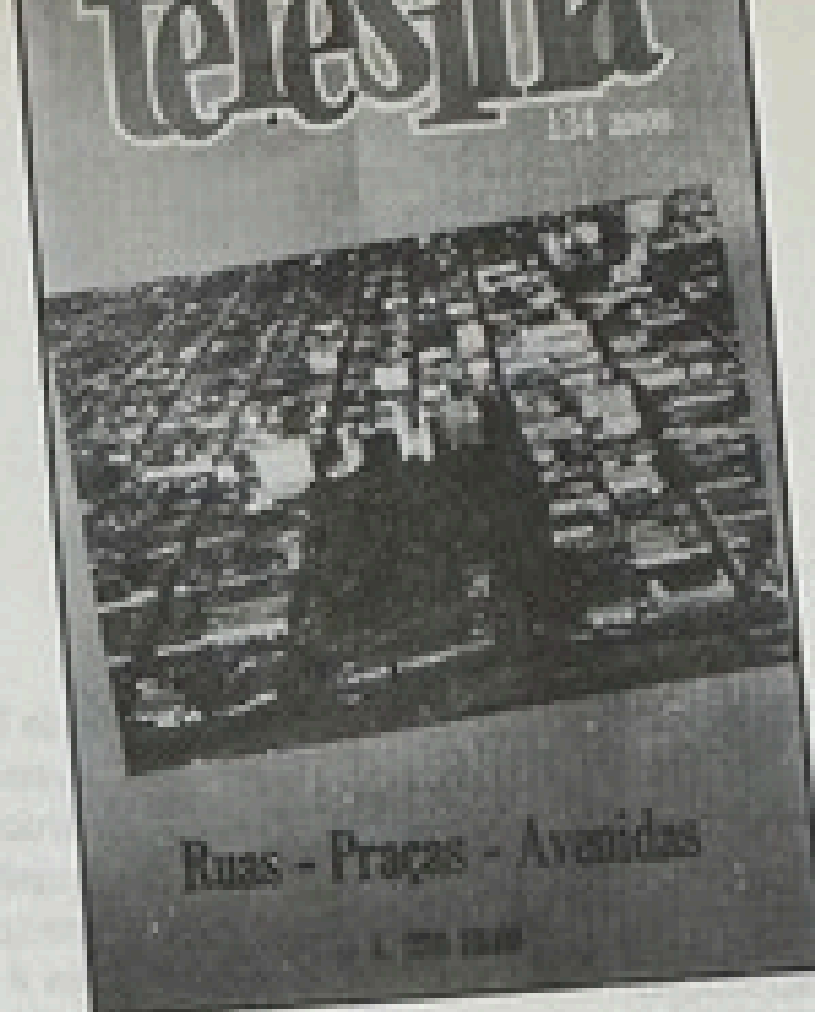
Consciente desta importância é que o poder público local criou o Parque Municipal da Floresta Fóssil do Rio Poti e designou a Secretaria de Meio Ambiente - SEMAM para delimitar e apresentar um plano de manejo, mas os cuidados especiais que a área requer para conservação e manuseio não terminam com a simples criação de limites do parque nem torna realidade o uso efetivo e apreciável dos fósseis; é preciso que a sociedade civil organizada assuma parte desta responsabilidade, o que para tanto já foram contactadas algumas, dentre as quais a Associação dos Geólogos do Piauí - AGEPI, que se encontra disposta a colaborar com a criação de um museu ao ar livre no próprio local do sítio, bem como para prestar informações diversas ao público interessado no assunto.

É necessário, portanto, que medidas educacionais e formas de manejo do parque venham ressaltar a importância de uma floresta única na América Latina com troncos em posição de vida, para que as gerações futuras possam exaltar os compromissos firmados na atual.





Em Foco



# NOVAS EDIÇÕES

Silvana Santana  
Vilma Teles Veiros

orçamentos, o setor artístico cultural foi surpreendido por uma atenção singular da municipalidade, sugerindo um fomento a tempos merecidos, inclusive na área editorial. Nestes novos tempos espera-se que incentivos do tipo da Lei A. Tito Filho contribuam em definitivo para que a sociedade local desperte para colaborar com o estímulo à cultura e à arte, que é responsabilidade de todos e prerrogativa do desenvolvimento integral de toda comunidade humana. Deste modo, talentos anônimos e consagrados teriam oportunidade de manter a verve criativa.

Prioridade de recursos e decisão são os elementos chaves para que este processo não fique estagnado, como é comum.

Desde 1993, a Fundação Cultural Monsenhor Chaves tem se destacado pela determinação como encaminha seu projeto editorial, publicando livros de autores consagrados ou reeditando preciosidades e raridades, como a obra completa de Pe. Joaquim Chaves, um dos maiores historiadores piauienses vivos.

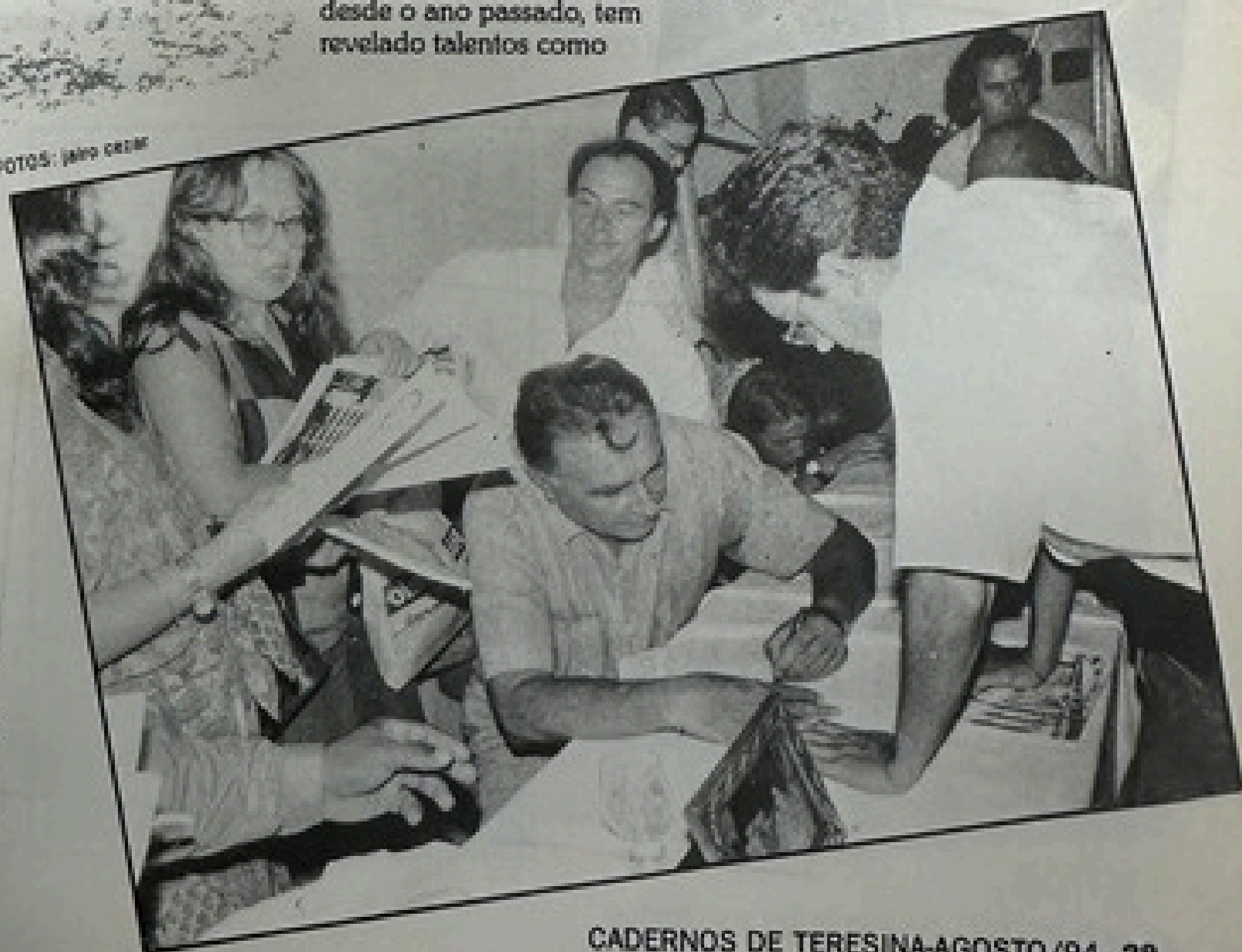
Para os inéditos e iniciantes, "Concurso Novos Autores Piauienses", promovido pela Fundação, desde o ano passado, tem revelado talentos como

R

econhecida como berço e reduto de grandes poetas e escritores como Mário Faustino, Torquato Neto, Lucídio Freitas, Abdias Neves, Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e H. Dabal, Teresina acumula méritos indiscutíveis na produção literária, uma vertente de fluxo contínuo e inesgotável, com a contribuição de intelectuais ilustres como A. Tito Filho, Celso Pinheiro, Jônatas Batista, entre outras imortalidades.

Diante disso, é natural que Teresina se inclinasse para um ousado projeto editorial, o que não havia ocorrido até 1993, quando, apesar da crise econômica e apertados

FOTOS: Jairo César

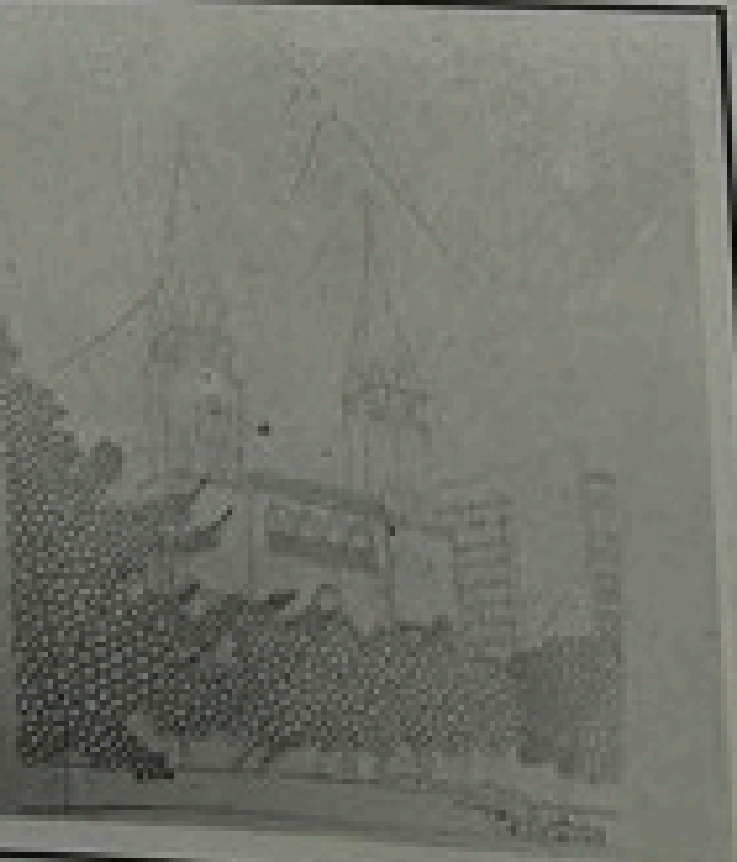


o do poeta Glauco Luz - 1º lugar/  
Categoria Poesia 93 - UMAS E  
OUTRAS; Gustavo Nogueira - 1º  
lugar/ Categoria Pesquisa COLÔNIA  
DO GURGUÊIA, UMA NOVA  
PROPOSTA SOCIAL; e João Bosco  
da Silva - 1º lugar/Ficção - PENSÃO  
CASSILDA FAMILIAR.

Publica-se, desta forma, cada vez  
mais autores piauienses, sem o  
constrangido selo dos  
apadrinhamentos, mas com a marca  
de um Conselho Editorial  
consciente, composto por figuras  
eméritas como Francisco Miguel de  
Moura (A. PL.); Hardi Filho (A.P.L.);  
Rubervam du Nascimento (U.B.E.);  
Marcelino Leal (FUFPI); José Airton  
Ferreira de Sousa (UESPI) e uma  
representante da Fundação, Silvana



**Postais  
da  
Cidade  
Verde**



**ontem  
e hoje**

Maria Santana  
Oliveira.

O único pré-  
requisito para  
apreciação de uma  
obra é que seja  
dirigido um ofício ao Conselho solicitando sua apreciação.  
Neste esboço é fato que a contribuição permanente de uma  
Fundação de pequeno porte estrutural mostra a  
competência e dedicação pautadas nos ideais que  
norream sua criação, apresentando uma performance  
editorial como demonstra o presente catálogo de obras  
publicadas.

### CATÁLOGO DE PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO CULTURAL MONSENHOR CHAVES

#### ANO 1986

- Teresina 134 Anos - Ruas - Praças - Avenidas  
AUTOR: A. TITO FILHO

#### ANO 1987

- Álbum Artístico Comercial do Estado do Piauí  
AUTOR: M. R. FOLGUEIRA

- Maria Pangula - Coleção "Meninos eu Vi"

- Como Nasce Teresina  
AUTOR: Pe. JOAQUIM CHAVES

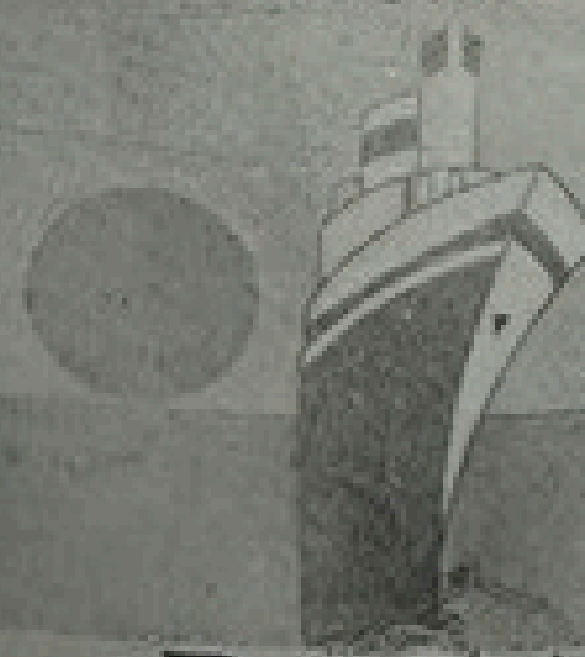
- Raízes do Terceiro Mundo  
AUTOR: ODILON NUNES

- Revista Cadernos de Teresina - Ano I, Nº 1 - Abril 1987

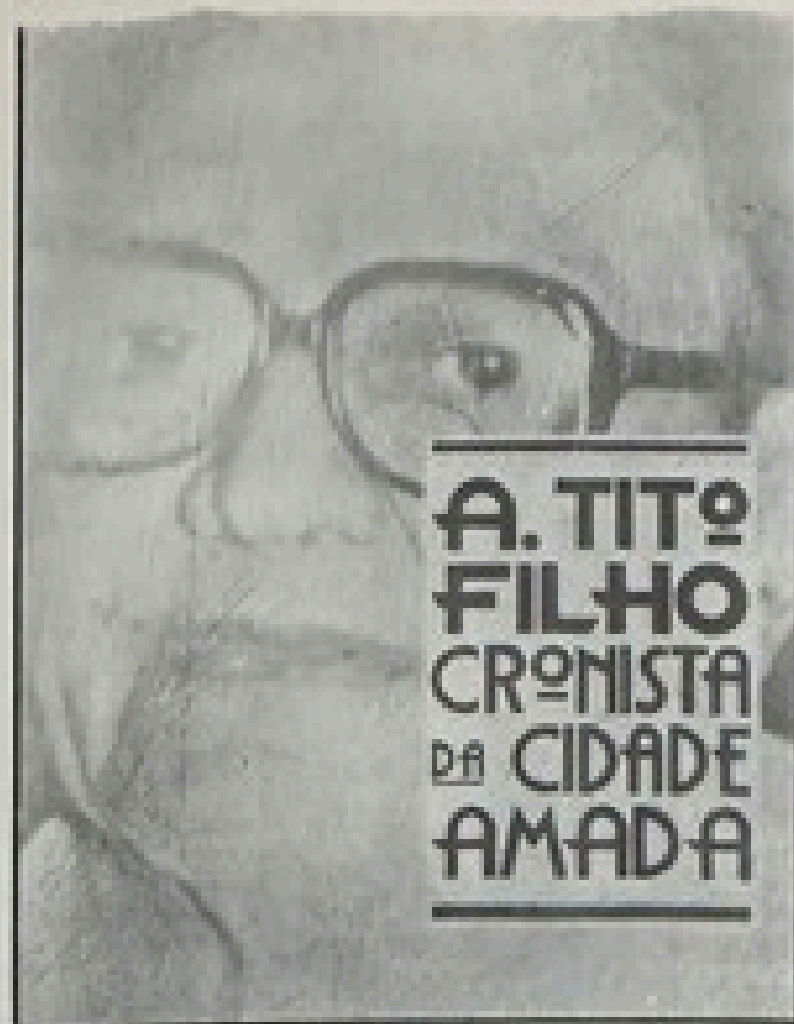
- Revista Cadernos de Teresina - Ano I, Nº 2 - Agosto 1987

- Revista Cadernos de Teresina - Ano I, Nº 3 - Dezembro 1987

CLAUDIO PACHECO



**RODA  
VIVA**



#### ANO 1988

- Né Preto - Coleção "Meninos eu Vi"
- SIMA - Coleção "Meninos eu Vi"
- Promovendo Cultura - 1986 - 1988
- Poesia Teresinense Hoje - Coletânea
- História de Teresina  
AUTOR: CLODOALDO FREITAS
- O Piauí no Folclore  
AUTOR: PEDRO SILVA
- Revista Cadernos de Teresina -  
Ano II, Nº 4 - Abril 1988
- Revista Cadernos de Teresina -  
Ano II, Nº 5 - Agosto 1988
- Revista Cadernos de Teresina -  
Ano II, Nº 6 - Dezembro 1988

#### ANO 1989

- A Nova Dramaturgia Piauiense  
AUTOR (ES): ACI CAMPELO,  
AFONSO LIMA, GOMES  
CAMPOS E WELLINGTON  
SAMPAIO
- Revista Cadernos de Teresina -  
Ano III, Nº 7 - Abril 1989
- Revista Cadernos de  
Teresina - Ano III, Nº 8 -  
Agosto 1989

- Revista Cadernos de Teresina - Ano III, Nº 9 - Dezembro 1989

#### ANO 1990

- Revista Cadernos de Teresina - Ano IV, Nº 10 - Agosto 1990

#### ANO 1991

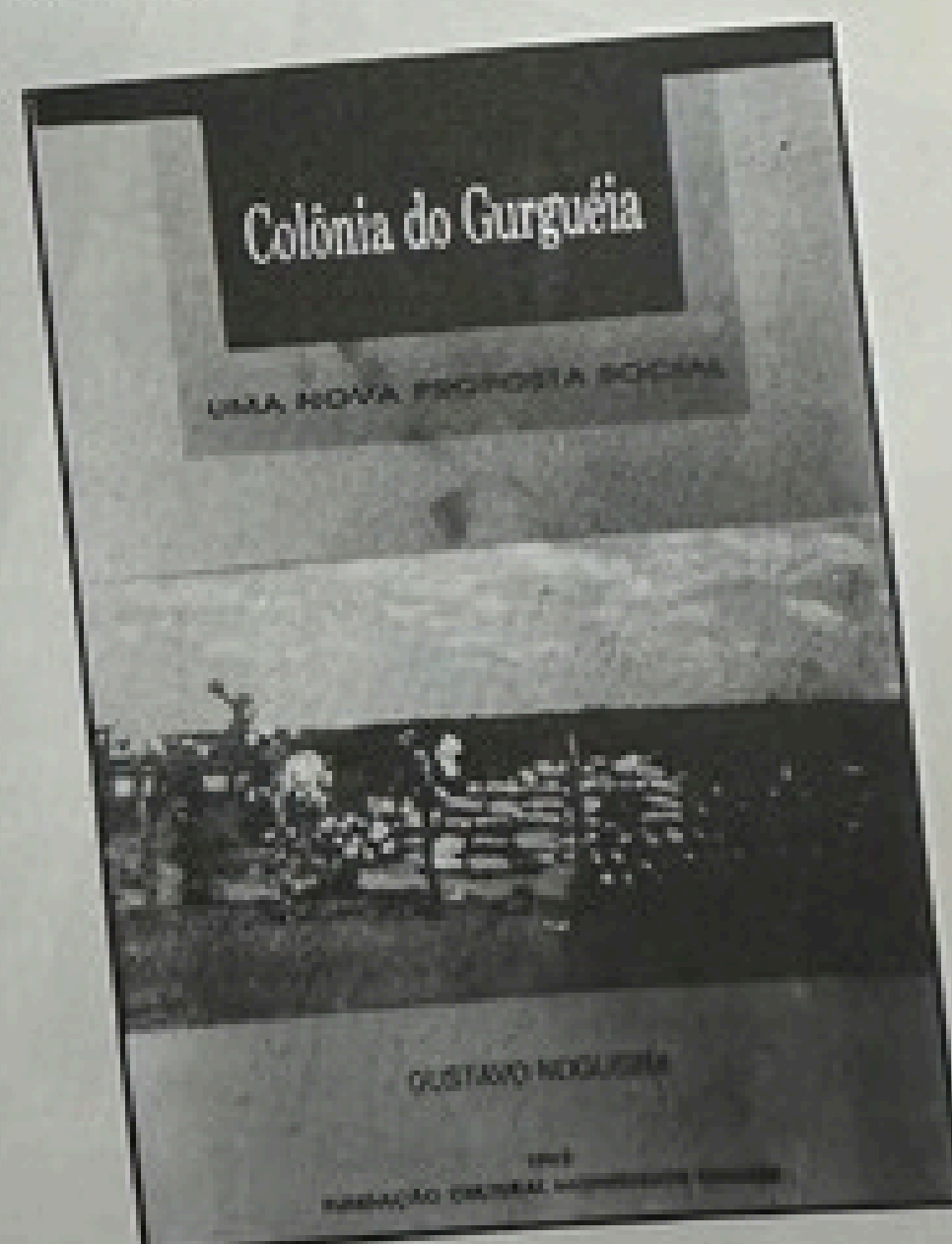
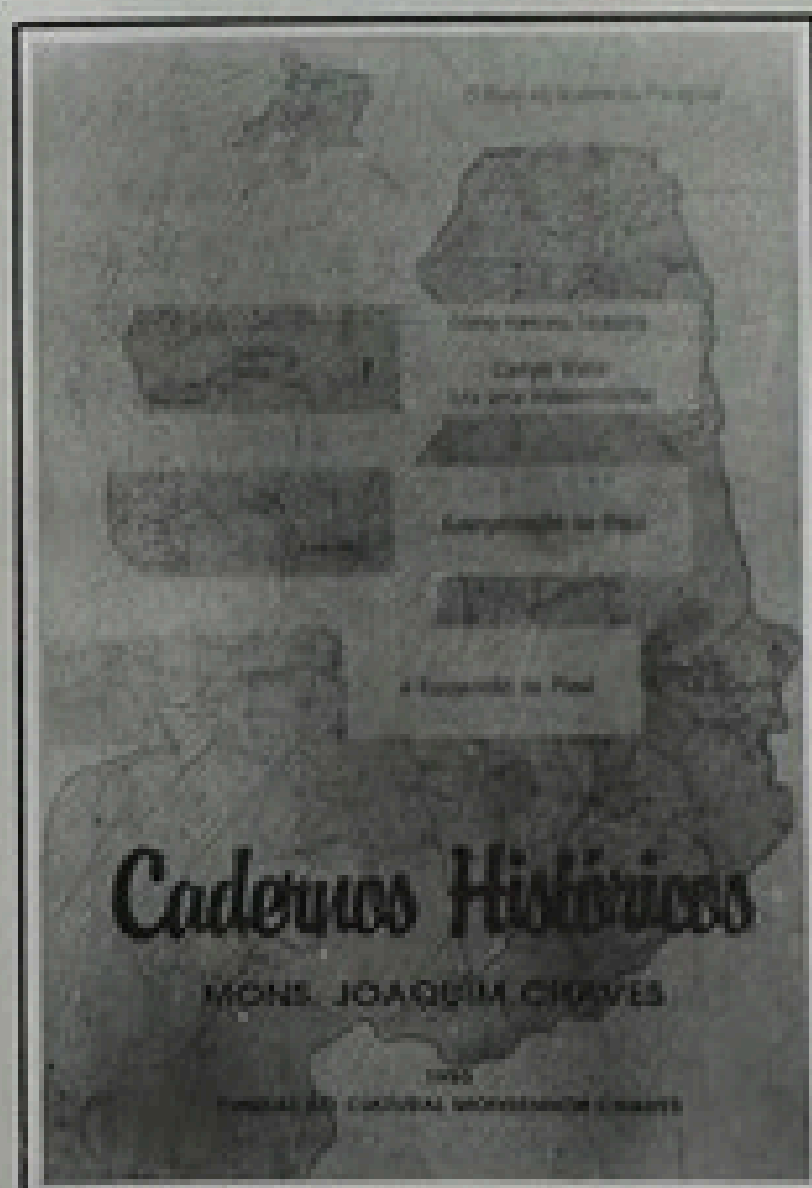
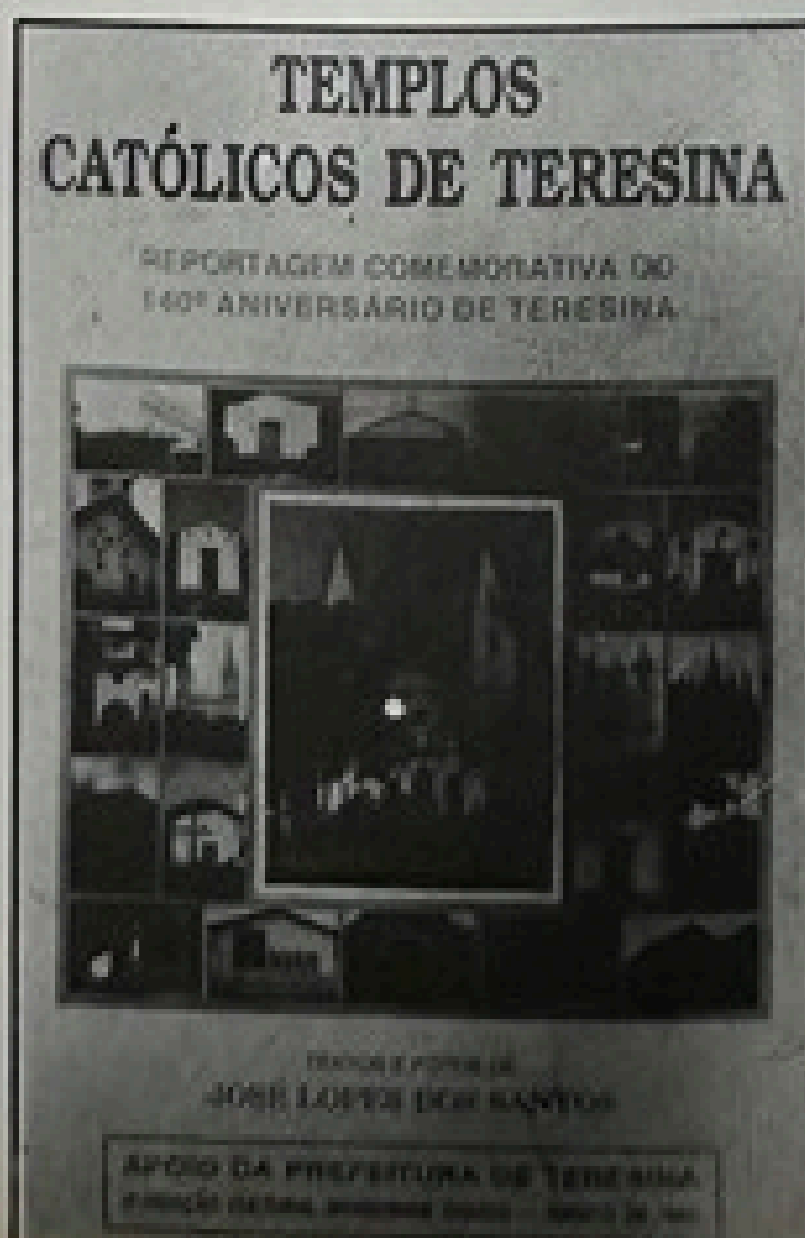
- Revista Cadernos de Teresina - Ano V, Nº 11 - Agosto 1991

#### ANO 1992

- Biblioteca do Cordel - Coletânea
- Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina  
AUTOR: H. DOBAL
- Teresina Post Card - 1957/1977  
AUTOR: PAULO MACHADO
- Teresina Ontem e Hoje  
AUTOR: JOSÉ AIRTON GONÇALVES GOMES
- Roda Viva  
AUTOR: CLÁUDIO PACHECO
- A. Tito Filho: Cronista da Cidade Amada  
AUTOR: MANOEL PAULO NUNES
- Templos Católicos de Teresina  
AUTOR: JOSÉ LOPES DOS SANTOS
- Revista Cadernos de Teresina - ANO VI, Nº 12 - Agosto 1992
- A Flauta de Argila  
AUTOR: CLOVIS MOURA

#### ANO 1993

- Cadernos Históricos  
AUTOR: MONS. JOAQUIM CHAVES
- Colônia do Gurguéia, Uma Nova Proposta Social  
AUTOR: GUSTAVO NOGUEIRA
- Umas e Outras  
AUTOR: GLAUCO LUZ





- Revista Cadernos de Teresina - Ano VIII, Nº 16 - Abril 1994
- Revista Cadernos de Teresina - Ano VIII, Nº 17 - Agosto 1994
- Apontamentos Biográficos e Outros  
AUTOR: Monsenhor Chaves
- Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as Tiranias do Tempo  
AUTOR: TERESINHA QUEIROZ

- Esquema Essencial de Classificação para a Música Ocidental  
AUTOR: REGINALDO CARVALHO

- Pensão Cassilda Familiar  
AUTOR: JOÃO BOSCO DA SILVA

- Biblioteca de Cordel - Coletânea

- Revista Cadernos de Teresina - Ano VII, Nº 13 - Abril 1993

- Revista Cadernos de Teresina - Ano VII, Nº 14 - Agosto 1993

- Revista Cadernos de Teresina - Ano VII, Nº 15 - Dezembro 1993

#### ANO 1994

- Crendices, Superstições e Curiosidades Verídicas do Piauí  
AUTOR: FONTES IBIAPINA

- Anos 70: Por Que Essa Lâmina nas Palavras?  
AUTOR: JOSÉ PEREIRA BEZERRA

- Oliveira Neto - Poeta do Amor e da Alegria  
AUTOR: HARDI FILHO

- O Piauí nas Lutas da Independência do Brasil  
AUTOR: MONS. JOAQUIM CHAVES

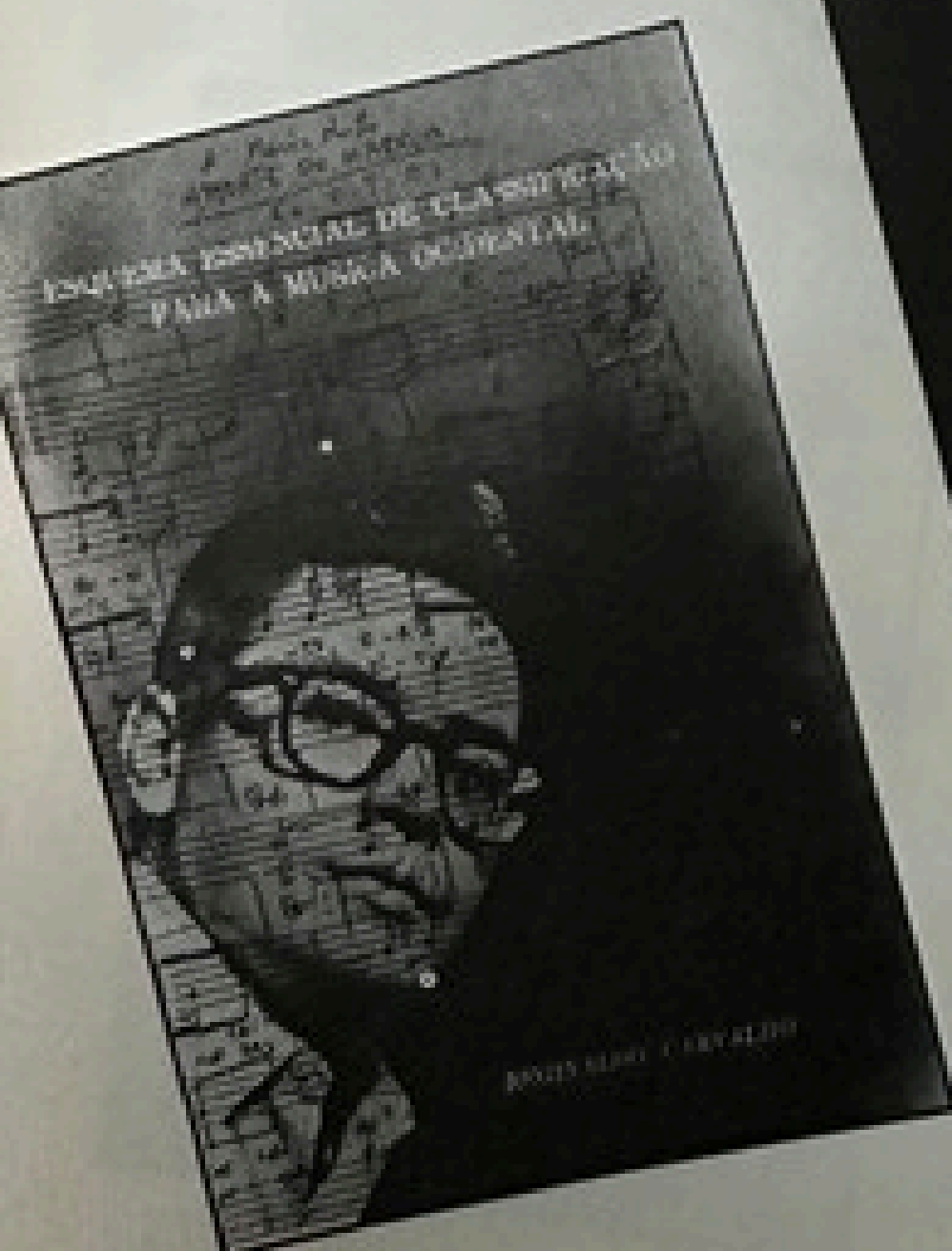
- Therezina/Teresina  
AUTOR: EDISON GAYOSO  
CASTELO BRANCO  
BARBOSA

- Alcorão Rubro  
AUTOR: WILLIAM PALHA DIAS

- Memória Histórica da Capital do Piauí  
AUTOR: JULIO ROMÃO DA SILVA

- Fac-Simile do Livro - José Medeiros - 50 Anos de Fotografia Casa Barão de Gurguéia - Edição Comemorativa  
AUTOR (ES): BENJAMIM DO RÊGO MONTEIRO NETO, CLODOALDO FREITAS E DIVA MARIA F. FIGUEIREDO

CRENDICES, SUPERSTIÇÕES  
E  
CURIOSIDADES VERÍDICAS  
NO PIAUÍ



OLIVEIRA NETTO

POETA DO AMOR E DA ALEGRIA





Fotografia

# Vinte Anos Depois

Paulo Guterres



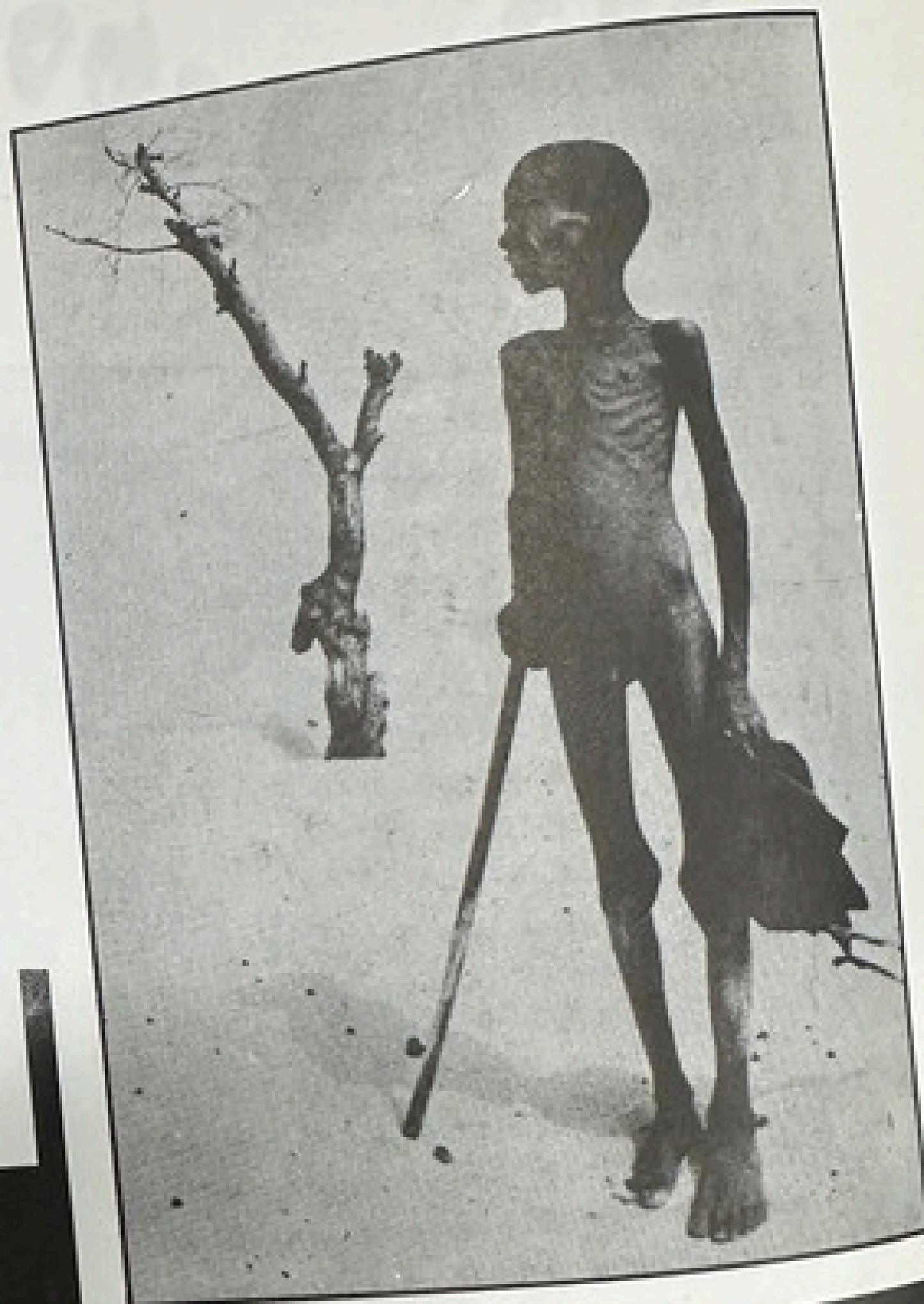
**D**entre as guerras recentes, a do Vietnã foi a mais fielmente fotografada. Isto porque os fotógrafos que lá fizeram cobertura fotojornalística registraram-na com incrível profissionalismo e lágrimas nos olhos. Imagens do front, produzidas pelas lentes de Peter Arnet, Robert Capa,

Philip Jones Griffiths, Kyoichi Swada, Horst Fas, Eddie Adams, Huynh Cong Ut..., estampadas sem maquiagem nos grandes jornais da Europa e E.U.A, mudaram a opinião pública ocidental sobre a estúpida guerra.

Particularmente, uma foto feita em 1972, por Huynh Cong Ut, de crianças chorando e correndo por uma estrada bombardeada, queimadas pelo "agente laranja", foi a que mais "chocou" a atenção mundial, tanto que meses depois os americanos decidem pelo fim da guerra nascida do seio da "guerra fria".



Esta fotografia, que já faz parte do museu imaginário de todos nós, à época confirmou o nosso senso natural de repulsa à violência. Entretanto, vinte anos depois, a cultura de massas já se acostumou com imagens que registram crimes hediondos contra a humanidade. Reporto-me, especialmente, às magistrais (?) fotografias da fome na África, do fotógrafo brasileiro mais



consagrado de todos os tempos, Sebastião Salgado. Produzidas entre 1984-85 na Etiópia, Mali e Sudão, foram publicadas no antológico "An Uncertain Grace", livro-álbum editado em 1990, que reúne o melhor de Salgado em 140 cliques. Com projeto gráfico dos mais sofisticados, tiragem considerável e custando cerca de 140 dólares, com apresentação de Eduardo Galeano - autor do também antológico "As veias abertas da América Latina" - "An Uncertain Grace" traz imagens surpreendentes do genocídio africano: são perfeitas como registro e, pasmem,

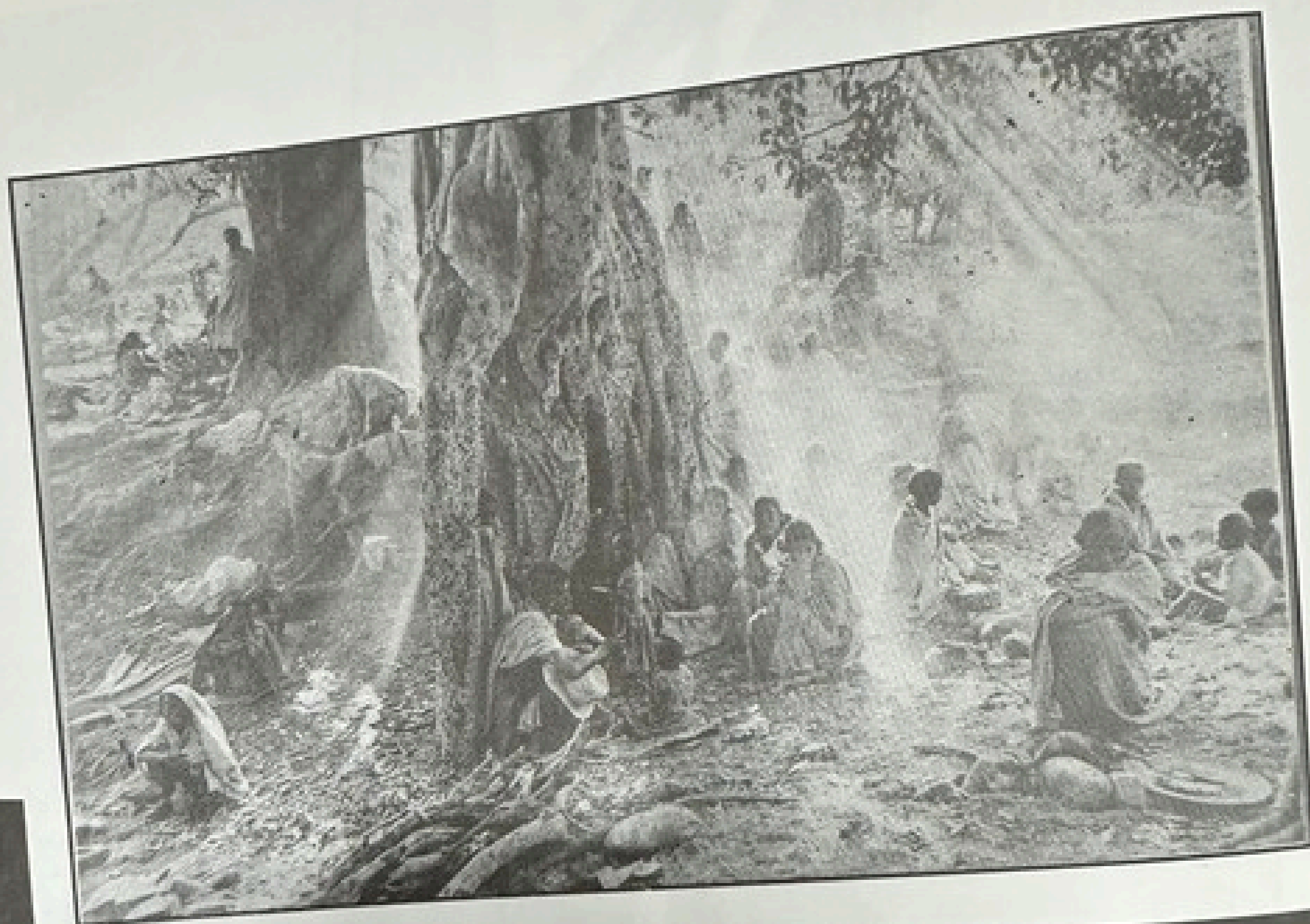


algumas são belas! Anos atrás, era impossível publicar imagens como estas. Nunca um editor do New York Times se aventuraria a estampar, em primeira página, a foto de um monge budista ateando fogo em si próprio, numa rua de Saigon. Muitas fotos deixaram de ser vistas por milhões de pessoas, simplesmente porque os

donos da informação queriam preservar o estômago ocidental. Assim aconteceu com o noticiário da Guerra Civil Espanhola, em que se editava somente imagens forjadas do front.

Hoje em dia é diferente. Existe um interesse editorial sem pudor algum. Não me deixa mentir o grande número de jornais (impressos e televisivos) que se utilizam do viés sensacionalista da notícia para arrancar alguns níqueis do público leitor. Mas este não é o caso de "An Uncertain Grace": seu público-alvo não é o grande público. É um livro para ser visto por gente





nutrida, suficientemente dotada de um bom estômago, educada e, espero, pelos poderosos dirigentes do mundo, na hora do cair! Confesso que, ao vê-lo, tive reações diversas. Um misto confuso de indignação, revolta e deleite estético me tomava conta à medida que folheava suas páginas perfeitamente diagramadas e impecavelmente bem impressas. Me perguntava qual sensação experimentava Sebastião

Salgado no momento das tomadas das fotos: se se considerava um herói por denunciar uma condição humana degradante ou se garimpava furos de informação. Mais estranho: agradava-me com determinadas cenas plasticamente bem estruturadas e outras em que o homem faminto aparecia com uma inexplicável dignidade. Sei que o ato de fotografar é de extrema solidão, daí que minha saída foi solidarizar-me com o Salgado, mesmo distante no tempo e no espaço... Claro, jamais pudera assimilar aquelas imagens sem irresignação e, passado o mal-estar, ainda não sei como e até que ponto estas incríveis fotos de Sebastião Salgado repercutirão nas mentes e nos corações das pessoas. De resto, resta sonhar!



# História

## História Oral: Teoria e Prática

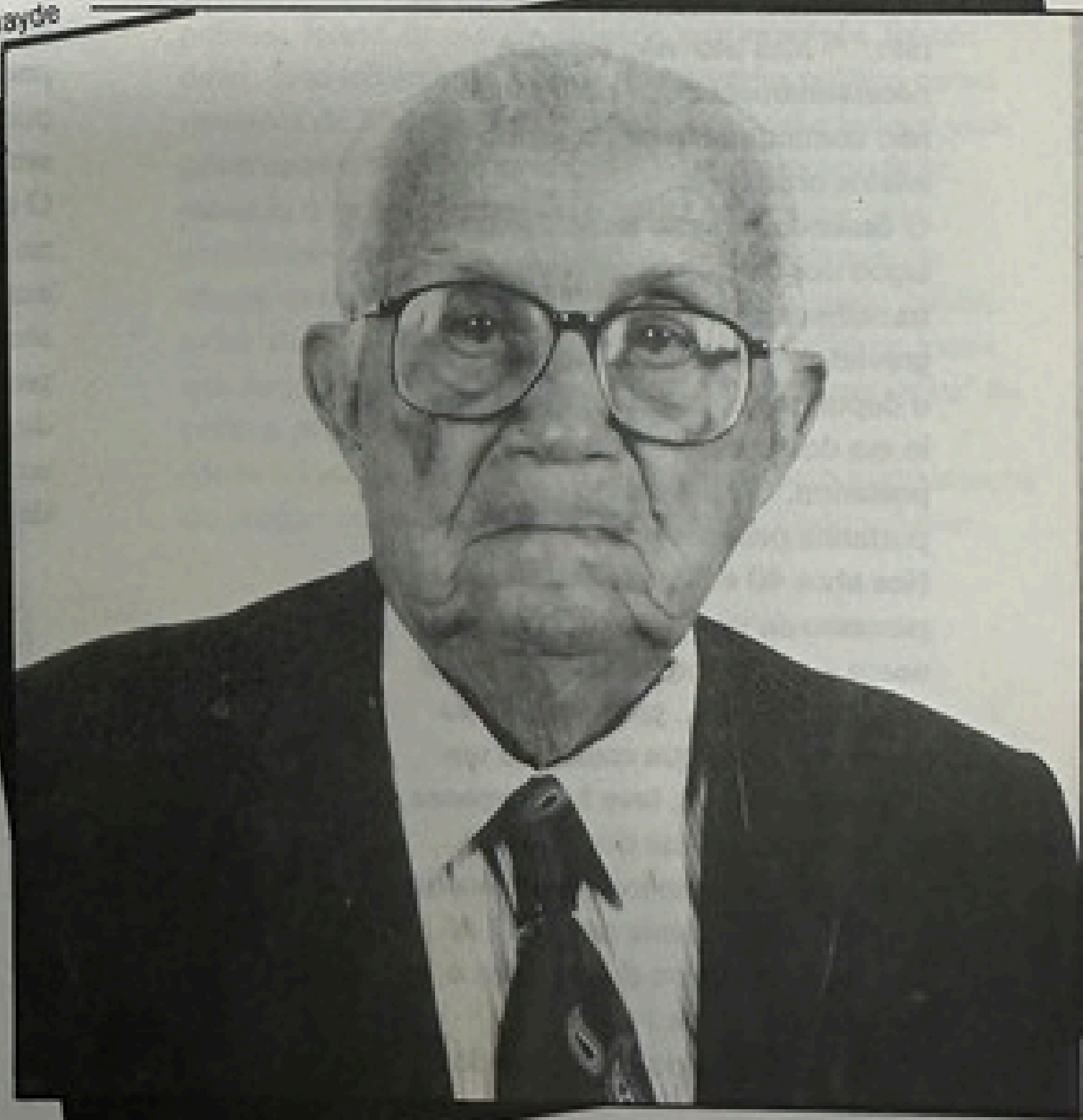
Francisco Alcides do Nascimento

técnica. A idéia transformou-se em projeto, que foi concretizado, nascendo, em 1984, o Núcleo de História Oral.

Este trabalho discute o NHO-CEPRO a partir de sua implantação, tomando, como elementos orientadores, objetivos e metas. Avalia a produção, dos pontos de vista quantitativo e qualitativo, mais quantitativo. Mostra a importância dos depoimentos que constituem o acervo hoje existente para os pesquisadores e estagiários que por ali passaram. Revela também que pesquisadores de outras instituições quase não tiveram acesso ao que foi produzido. Manifesta preocupação com o acervo e sugere alternativas para que ele possa ser empregado por quem se interessar em consultá-lo.

O trabalho também discute a técnica empregada pelo NHO-CEPRO. Dialoga com especialistas em História Oral, brasileiros ou não, objetivando trazer para o nosso meio uma discussão que não é nova mas é atual. A prova disso foi a realização do II ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, realizado no Rio de Janeiro, em abril do corrente, que contou com pesquisadores (historiadores, sociólogos, antropólogos, cientistas políticos, assistentes sociais e outros) de quase todo o Brasil e do exterior envolvidos com programas, projetos, pesquisas individuais ou coletivas que empregam a técnica da História Oral. A reflexão sobre o NHO-CEPRO é necessária, especialmente quando ele completa dez anos. Ao longo desses anos, constituiu grande acervo documental sobre a História contemporânea do Piauí, mas não vem sendo empregado pelos pesquisadores. As razões são expostas no corpo do trabalho.

Dr. Cândido  
de Almeida  
Athayde



**A** Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais - CEPRO constituiu, na década de setenta, um grupo de pesquisadores de altíssimo nível, que legou ao Piauí informações importantes sobre sua realidade. No bojo das pesquisas, surgiu a necessidade de coletar informações empregando-se o gravador. A partir da própria dinâmica das pesquisas e, é evidente, sabendo os pesquisadores da dinamicidade do emprego da técnica da história oral, surgiu a idéia de se criar, junto ao Departamento de Projetos, um núcleo que trabalhasse com essa

O emprego da história oral não é recente. "Já Heródoto e Tucídides lançavam mão de relatos e depoimentos para construir suas narrativas históricas sobre acontecimentos passados".<sup>11</sup> Tem-se notícia que na Idade Média não era incomum o emprego de relatos e depoimentos para reconstituição de acontecimentos e fatos.

A partir do século XIX, com o desenvolvimento científico, tecnológico e cultural, de influência marcante nas ciências humanas, os relatos orais passaram a um plano secundário e o fetiche dos documentos escritos ganharam hegemonia, especialmente na produção historiográfica. "A consolidação da disciplina da história e a profissionalização do historiador no século XIX impuseram o domínio absoluto dos documentos escritos como fonte, em detrimento da tradição oral, expulsando a memória em favor do fato."<sup>12</sup> Mas isto não significa necessariamente que pesquisadores não continuassem empregando os relatos orais.

O desenvolvimento tecnológico legou aos pesquisadores que trabalhavam com relatos orais o gravador, instrumento que consolida o depoimento, podendo transformá-lo em documento empregado a posteriori. O advento do gravador, portanto, provoca uma revolução. Nos anos 40 e 50 do atual século o processo de gravação de entrevistas nasce e ganha impulso nos Estados Unidos. Mas a "... plena expansão desse processo, que constituiu um verdadeiro boom, teve lugar apenas na segunda metade dos anos 60, prolongando-se ao longo da década de 70, especialmente nos E. U. A".<sup>13</sup> No Brasil, o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, criado,

na Fundação Getúlio Vargas, em 1973, iniciaria seu programa de entrevistas em 1975, data que temos como marco para o emprego da técnica da história oral, pelo menos de forma institucionalizada. Esse programa serviu de modelo para vários outros criados pelo Brasil afora. Chegamos a essa conclusão a partir de afirmativa da pesquisadora Aspasia Camargo, quando fala de um manual que trata da experiência do Cpdoc com a técnica da história oral: "Seu objetivo é atender aos inúmeros pesquisadores e instituições que têm nos procurado nos últimos anos para solicitar instruções básicas a partir das quais possam construir seus próprios programas".<sup>14</sup>

No Piauí, a iniciativa de constituir um núcleo que viesse a trabalhar com a história oral surgiu junto à Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí - CEPRO, tendo à frente os pesquisadores Manoel Domingos Neto e Geraldo Almeida Borges, no segundo semestre de 1979. Na fase inicial, que teve duração de quatro meses, os pesquisadores dispunham de material e equipamentos mínimos e a meta era "... a aquisição na prática de certa experiência para a elaboração de um programa de envergadura e solidez. Cumpria dar início, no Piauí, ao domínio objetivo do conjunto de técnicas utilizadas na seleção, coleta, preparo e utilização de memórias e depoimentos capazes de servir como fontes primárias para a realização de estudos no campo das ciências humanas".<sup>15</sup>

O programa tinha a pretensão de produzir deliberadamente documentos de história oral que permitissem recuperar aquilo que não tivesse sido encontrado em documentos de outra natureza. Pode-se chegar a tal conclusão através da proposta de constituir acervo que fosse empregado pelas "ciências humanas". Pressupõe-se que os pesquisadores tenham encontrado determinados acontecimentos na História do Piauí recente que merecessem maiores esclarecimentos. Pode-se pensar que os autores do projeto tenham pensado em ouvir experiências pessoais, impressões particulares. "... o registro oral mostra-se a única possibilidade de recuperar um passado que, apesar de recente, deixou poucos traços".<sup>16</sup>

O projeto era justificado tomando como base a "inexistência no Piauí de qualquer tradição na elaboração de memórias e autobiografias que pudessem preservar o testemunho de atores da nossa história". Exiguidade de fontes de pesquisa para o período republicano "... um acervo de memórias e depoimentos coletados de forma criteriosa poderia amenizar consideravelmente o problema da precariedade das fontes primárias".<sup>17</sup> Aqui encontramos certa

aproximação entre a proposta do Cpdoc e a do Núcleo de História Oral da Fundação Cepro. A professora Aspasia Camargo dizia, quando da implantação do Centro, que ele tinha como objetivo "... complementar o acervo de documentos de que já dispunhamos com depoimentos gravados que nos permitissem aprofundar o estudo da política brasileira em seu período recente, isto é, de 1930 aos nossos dias".<sup>20</sup>

O projeto do NHO contemplava as seguintes áreas: História Política, História da Agricultura, História da Indústria, História da Cultura e História das Aglomerações Urbanas. A proposta era por demais ambiciosa. A partir daí se poderia criar vários programas. Na verdade, os elaboradores do projeto imaginaram que alguns informantes teriam condições de falar sobre mais de uma área elencada.

Joqueira

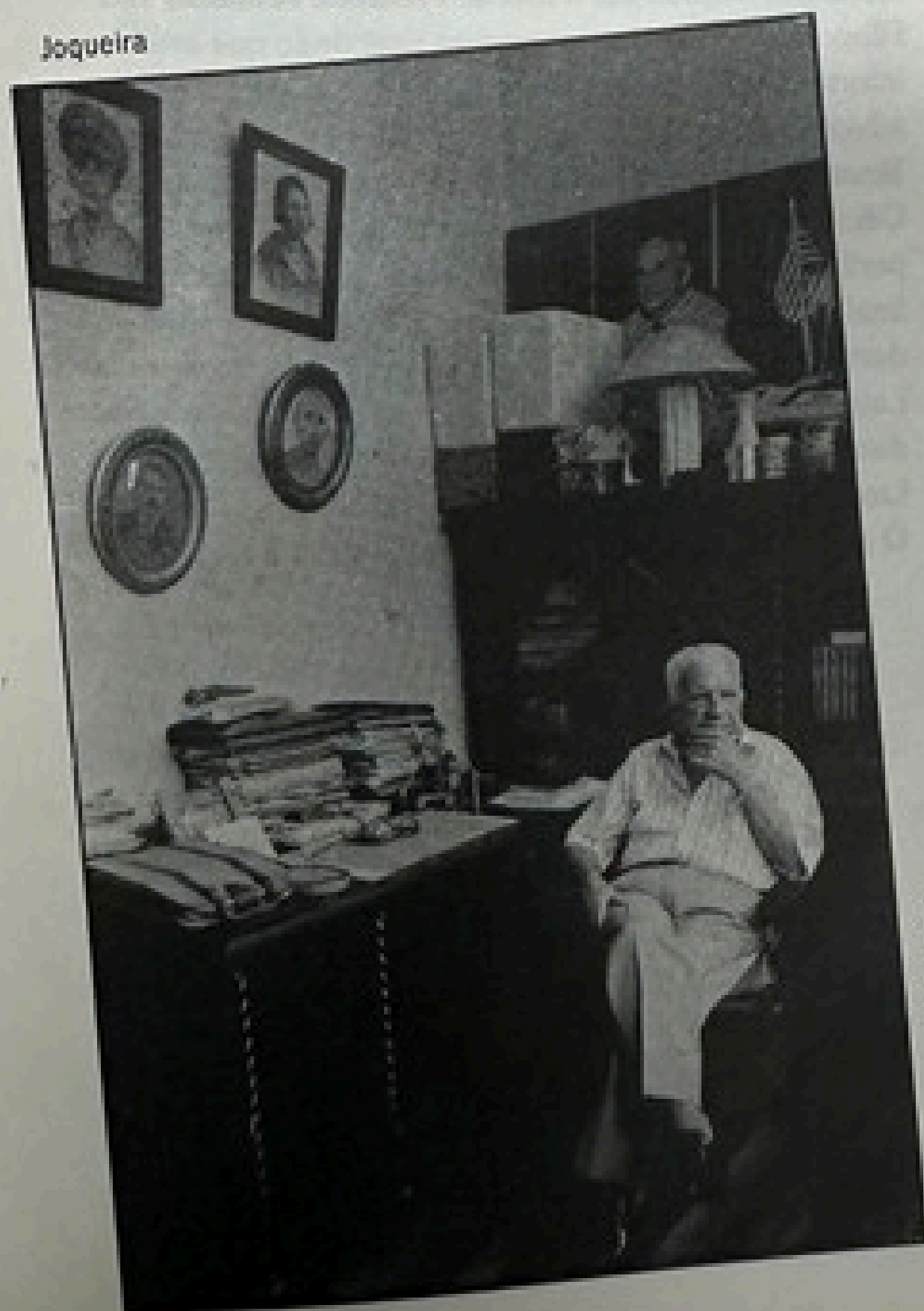


FOTO: PAULO GUTENBERG

Foi com esta preocupação que os entrevistados foram "escolhidos", resultando um acervo que consta hoje com os seguintes depoimentos: Cel. Pedro de Almendra Freitas, José da Rocha Furtado, João Clímaco de Almeida, Luis Mendes Ribeiro Gonçalves, Clidenor de Freitas Santos, Cândido de Almeida Ataíde, Moacir Ribeiro Madeira Campos, Francisco Cunha e Silva, Arimatéa Tito Filho, Luiz Carlos Prestes, Antonio Vieira Sales, Francisco Félix de Barros, Odonel Leão Marinho, Ariosvaldo Marinho, Francisco Peixoto da Mota, Samuel Dourado Guerra, Josias Clarence Carneiro da Silva, Elvira Raulino, Dídimo de Castro, Cláudio Pacheco Brasil, José Eduardo Pereira, Maria da Penha Fonte Silva e Eli Bezerra.

Se tomarmos como exemplo o informante Luis Mendes Ribeiro Gonçalves, podemos constatar no seu depoimento que ele trata da História Política/Administrativa, uma vez que foi durante vários anos Diretor de Obras Públicas na República Velha. Com a Revolução de 1930, mais precisamente na Interventoria Landri Sales, dirigiu o Departamento de Obras Públicas. Em 1934 foi eleito, de forma indireta, senador da República. Acompanhou o crescimento da cidade de Teresina e sobre ela trata com propriedade. Foi um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras. Poeta, cronista e crítico literário. Cândido Ataíde foi outro depoente que pode tratar de mais de uma área. Filho de Parnaíba, formado em Medicina, atuou durante toda a vida na cidade, sendo, portanto, um ator privilegiado no processo de crescimento da "Princesa do Norte". Participou da vida político-partidária piauiense, concentrando essas atividades na cidade parnaibana. Empresário da indústria ceramista envolvido, por ocasião do seu depoimento, também com a agroindústria. Como os dois depoentes mencionados acima, vários outros puderam tratar de mais de uma área. É óbvio que encontramos interlocutores em que se privilegiou a área da política. João Clímaco de Almeida, por exemplo, foi um deles. Esse informante começou a carreira política como vereador de Teresina, foi deputado estadual e federal vice-governador em duas oportunidades e, nessa condição, assumiu o governo quando o titular afastou-se para candidatar-se a outro cargo eletivo. Mesmo depois de afastar-se das pelepas partidárias, continuou sendo ouvido pelos aliados. Costuma-se dizer nos meios políticos locais que Joqueira, como é conhecido, é uma "raposa velha" da política piauiense.

Ainda há pouco dizíamos ter encontrado uma aproximação do programa do NHO-CEPRO com o do Cpdoc. Agora,



diante da amplitude da proposta do primeiro, ocorre um afastamento. O programa inicial do Cpdoc pretendia, de forma pragmática "... registrar o depoimento de muitas pessoas que colaboravam conosco na localização e na cessão de arquivos e documentos e que acorriam também ao Cpdoc em busca de um diálogo e da possibilidade de trocar idéias sobre as grandes transformações da década de 1930, das quais haviam sido atores ou testemunhas".<sup>10</sup> Fica claro nesta proposta que seria privilegiado o trabalho com as elites políticas, atuantes na vida política nacional a partir de 1930. "A importância do grande pacto político-social que se constituiu ao longo dos anos 30 parecia ainda mais relevante na medida em que esclarecia e iluminava períodos posteriores de nossa história, através do fio condutor da vida longa e intensa dos personagens que participaram também de eventos significativos mais recentes - muitos heróis de 1930 estiveram à frente dos movimentos de 1964".<sup>11</sup> Como se vê, esse programa possui um único fio condutor. O programa do NHO-CEPRO tinha, como foi mostrado, várias linhas, o que significa o risco de dispensar um depoimento com múltiplas questões ou privilegiar um ou dois aspectos. Um programa com apenas um fio condutor possibilita um trabalho mais profundo, sobre um conjunto de entrevistas, e facilita a comparação de mais de uma versão sobre o mesmo acontecimento. "Cabe dizer que a testemunha reconstrói o passado à sua maneira, à luz de sua trajetória e em função do seu presente. O que ela relata é a sua percepção, no momento da entrevista, do que viveu no passado. Ela fala hoje sobre ontem".<sup>12</sup> Mas a proposta do

NHO-CEPRO aproveita melhor as potencialidades do informante, ou seja, ele trata de vários temas por tê-lo vivenciado ou sido testemunha. Posteriormente, o NHO-CEPRO iniciou um programa voltado apenas para a História Cultural, chegando a fazer mais de uma dezena de entrevistas com pessoas que tivessem trabalhado ou que ainda trabalhassem no rádio. O projeto chama-se "História do Rádio no Piauí".

A proposta NHO-CEPRO possibilitava o trabalho com mais de um segmento social. Afastando-se da proposta do Cpdoc, foram ouvidos informantes das camadas populares. Os mais significativos são os de Antonio Vieira Sales, mais conhecido como Antonio Pintinho. Mestre de obra da construção civil, militante do movimento operário de Teresina e da política partidária (no PSD, ao lado das famílias que dominaram e ainda dominam a política partidária piauiense, e não no PTB). Mano Velho, um barqueiro que viveu os momentos áureos do rio Parnaíba e assistiu também ao seu definhamento como meio de transporte e comunicação. E o de Francisco Félix Lopes de Barros, marceneiro que atuava em Parnaíba e foi preso por ocasião da Aliança Nacional Libertadora - ANL, acusado de ser militante do Partido Comunista do Brasil. Foram ouvidos também os setores médios da sociedade. Destacamos os depoimentos dos professores Moacir Madeira Campos, proprietário e diretor do Colégio Leão XIII, instituição que ficou conhecida pela rígida disciplina imposta ao educando, sendo, por isso mesmo, a escola escolhida pela sociedade para "conduzir" o processo ensino-aprendizagem dos seus filhos. Cunha e Silva, também proprietário de escola, diretor do Liceu Piauiense, escritor e membro da Academia Piauiense de Letras. Sobre esse professor deve-se dizer ainda que foi preso em 1935, acusado de militar no Partido Comunista do Brasil, militância negada até a morte. Professor Arimatéa Tito Filho, não concluído, mas muito rico, dado que este informante militou na político-partidária, foi jornalista, advogado e um profundo conhecedor da cidade de Teresina. Ouvimos também o depoimento do dentista Odonel Leão Marinho, que se iniciou na vida político-partidária por ocasião da formação da Aliança Liberal, no final da década de vinte. Integrou o movimento que derrubou a República Velha e participou da interventoria Landri Sales. Militou na ANL, sendo preso e encarcerado durante mais de três anos. Foi um grande admirador de Luís Carlos Prestes.

O programa do NHO-CEPRO possibilitou a realização de



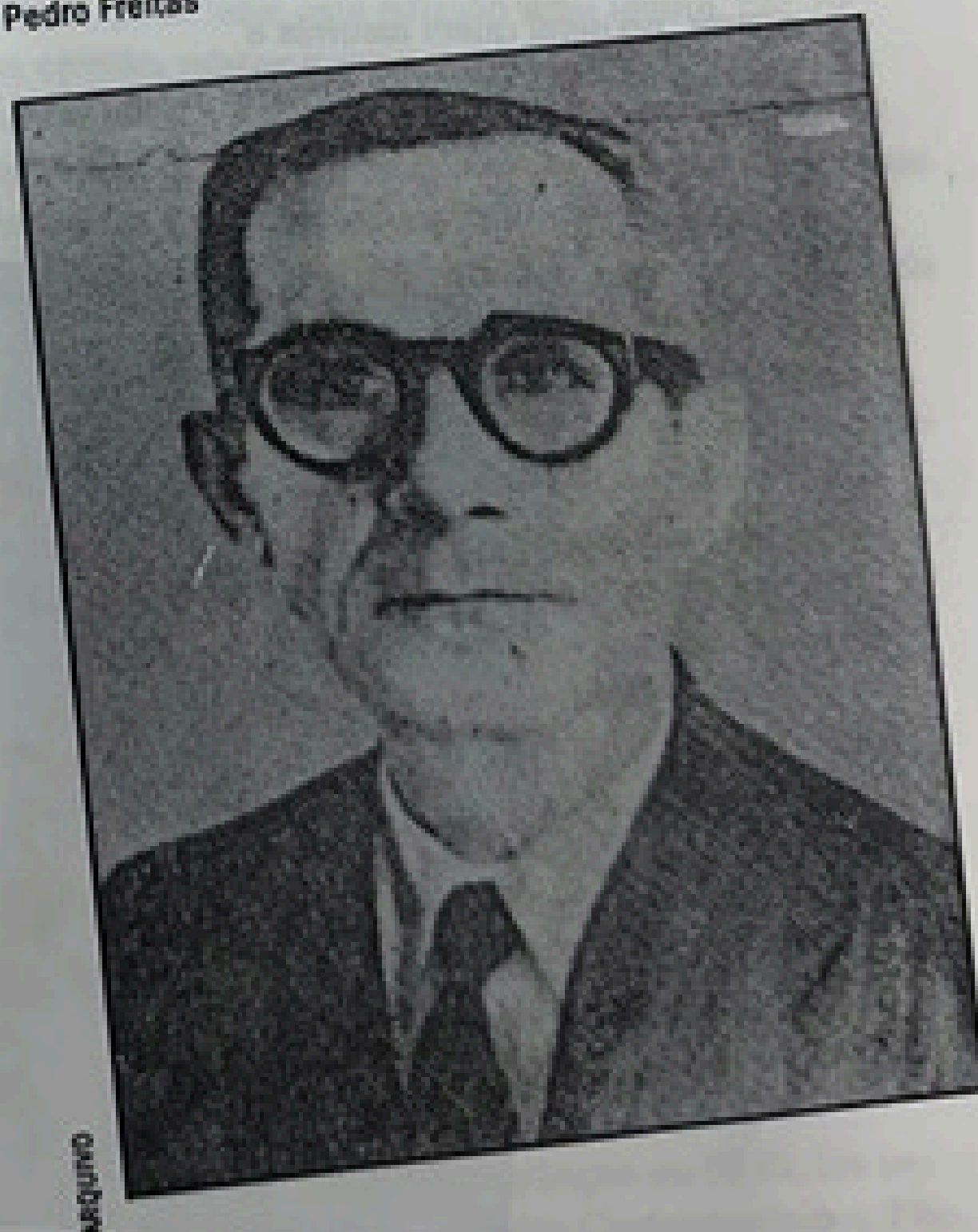
entrevistas com membros da elite local, mas também com aqueles que não tinham tido a oportunidade de expressar a sua versão sobre acontecimentos e fatos vivenciados ou testemunhados. Como afirma Paul THOMPSON, a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. <sup>(12)</sup>

Ao longo da proposta de trabalho, os seus autores se reportam sempre à história oral. Quando tratam da preparação das entrevistas, reforçam que o programa trabalharia com a história oral. Mas em nenhum momento procuram discutir o que seria história oral. Tudo indica que os pesquisadores estavam, naquele momento, muito mais preocupados com o emprego da técnica do que em fazer uma discussão metodológica sobre a questão. Aliás, ainda hoje os especialistas não chegaram a um consenso sobre o que seja a história oral. <sup>(13)</sup> Do que a proposta do NHO-CEPRO nos informa, a história oral foi empregada como uma técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados. Sobre isso, Aspasia Camargo nos diz: A história oral é uma técnica que registra conjuntos pertinentes de depoimentos gravados sobre temas historicamente significativos. O tratamento dado aos depoimentos pelo NHO-CEPRO não foi só a partir da história oral, apesar de a proposta tratar apenas dela. "À coleta de depoimentos será precedida a elaboração de roteiros de questionamentos. Isso evitará lacunas importantes no depoimento, bem como representará substancial ajuda à memória do entrevistado. Os roteiros serão

elaborados cuidadosamente, após um estudo prévio do entrevistado, do seu papel nos acontecimentos e situações objetos de interesse da entrevista (...). Na coleta das entrevistas, em nenhuma ocasião se deve forçar o entrevistado a seguir a ordem do roteiro elaborado". <sup>(14)</sup> Na verdade, o projeto desenvolvido no NHO-CEPRO constitui-se de uma combinação da técnica da história oral com o método da história de vida. Nesta última, o entrevistador faz o contato com o informante, marca os encontros, inicia a entrevista mas interrompe minimamente a fala do entrevistado. Não se está a dizer que o pesquisador neste caso não tenha um objetivo a ser alcançado, mas o interlocutor trata de sua vida de forma bem livre. Paul Thompson, por exemplo, aconselha "... mesclar os dois métodos em cada entrevista, estimulando o informante a expressar-se livremente, mas introduzindo gradativamente um conjunto padronizado de perguntas na medida em que não tenham ainda sido respondidas." <sup>(15)</sup> Em todas as entrevistas das quais participamos tivemos o cuidado de preparar um roteiro que orientava os caminhos a serem trilhados. Nunca fomos intransigentes com os nossos informantes no sentido de mantê-los presos ao roteiro, mas sempre que eles se afastavam demasiadamente do caminho os trazíamos de volta, de forma sutil, para não quebrar o clima de camaradagem necessário entre entrevistador e entrevistado. <sup>(16)</sup>

Para Ignez Cordeiro de Farias, a produção de documentos orais exige do pesquisador um envolvimento especial. "Os entrevistadores não são simples indagadores ou bons ouvintes; eles participam ativamente da construção da entrevista na medida em que preparam o roteiro, selecionam as perguntas, mantêm o diálogo, propõem e problematizam questões". <sup>(17)</sup> Para que o entrevistador possa realmente participar da construção do depoimento precisa fazer pesquisa sobre o tempo vivido pelo informante e a sua

Pedro Freitas



ARQUIVO

intervenção no processo histórico. Como dissemos anteriormente, o NHO-CEPRO iniciou suas atividades com apenas dois pesquisadores, mas as múltiplas tarefas exigidas pelo projeto obrigaram a ampliação do quadro. Em princípio, com estagiários. Para esses últimos, o Núcleo funcionou como uma oficina de História, onde começaram a ter contato com a pesquisa realizada em arquivos. Alguns foram incorporados ao quadro de funcionários da CEPRO, lotados no NHO-CEPRO. Dois deles, Paulo Gutemberg de Carvalho e Dalton Melo Macambira, escreveram e publicaram os seus primeiros artigos de História quando por ali passaram. Outros estão hoje na Universidade Federal do Piauí, exercendo a função de professor. Durante o período de atividade do NHO-CEPRO, ele foi coordenado por Manoel Domingos Neto, Marta Teresa Tajra e Francisco Alcides do Nascimento. Nos impedimentos dos titulares, no geral quem assumia a Coordenação era Geraldo Almeida Borges. Este continua na CEPRO,

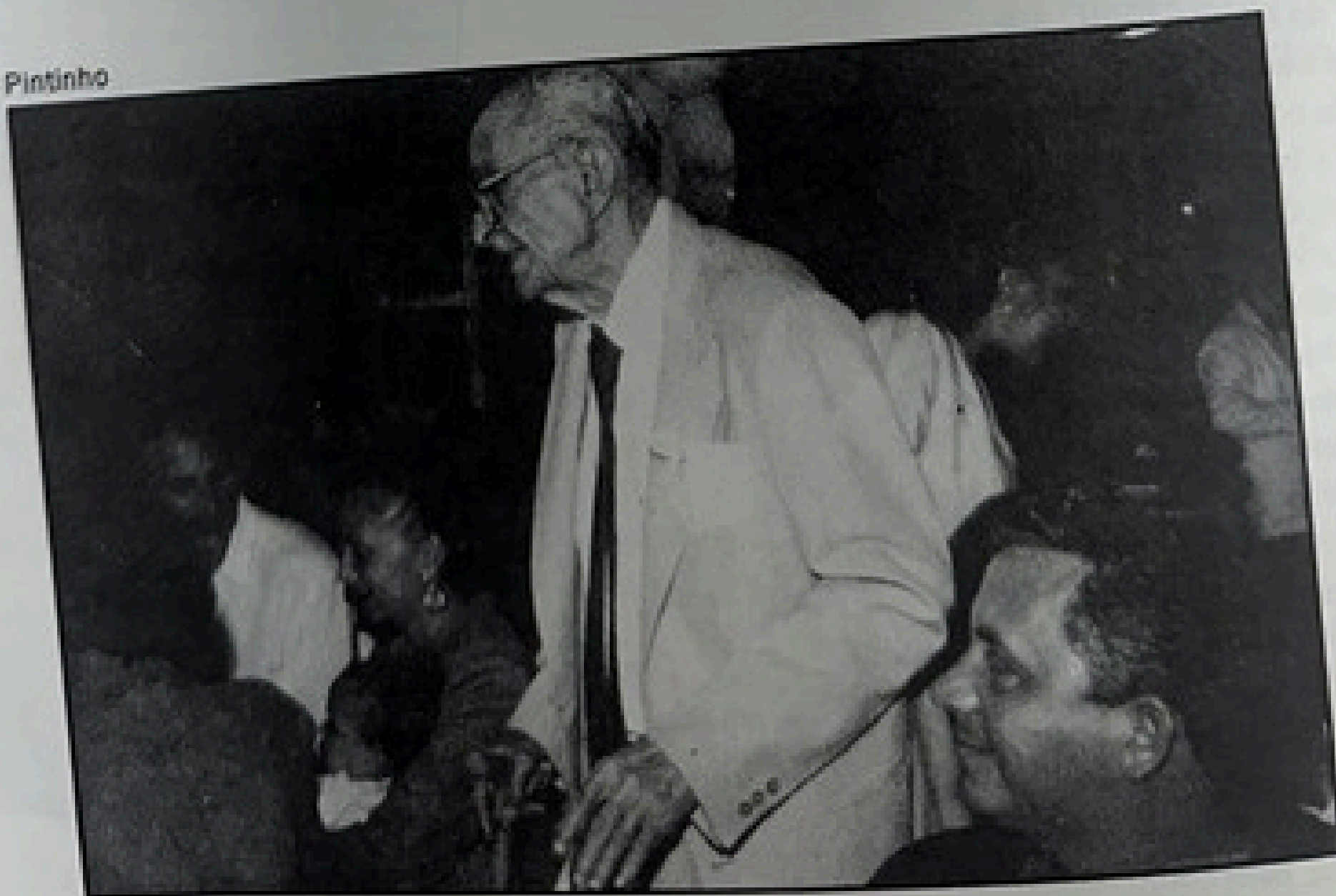
Manoel Domingos e Alcides Nascimento deixaram a instituição e estão, o primeiro na Universidade Federal do Ceará e o segundo, na Universidade Federal do Piauí. Outros técnicos que por ali passaram também ingressaram na carreira do magistério, como é o caso de Marynéves de Arêa Leão Sousa, Francisco da Silveira Sousa e Ana Clélia Guerra, todos na UFPI.

Após definição dos primeiros informantes preferenciais do programa, os pesquisadores do NHO-CEPRO começaram a montar os roteiros de entrevistas e a pesquisa em fontes primárias e secundárias foi realizada fundamentalmente na Casa "Anísio Brito". Ao cabo dos primeiros depoimentos, o NHO-CEPRO possuía tantas informações sobre a República Velha no Piauí que foi possível organizar, em grandes dificuldades, a "Cronologia do Piauí Republicano - 1889. 1930".<sup>(18)</sup>

A necessidade que os pesquisadores tinham de realizar pesquisas para se capacitar como interlocutor permitiu também que alguns deles elaborassem artigos, publicados em revista especial da Fundação CEPRO.<sup>(19)</sup> Além do que, como o projeto previa a publicação de alguns depoimentos, era preciso que os pesquisadores, ao montar o texto, pudessem confrontar as informações com outras fontes, documentos escritos e outros testemunhos. As contradições, caso existissem, deveriam ser cuidadosamente identificadas, o que não implica necessariamente erros, pois podiam ser pontos de vista diferentes sobre a mesma questão.

As fontes escritas e as orais não são excludentes. Possuem características comuns e podem funcionar autonomamente existindo a possibilidade de uma cobrir o que a outra não pode fazê-lo, ou que uma cubra algum acontecimento melhor que a outra. Todas as fontes "são falíveis e sujeitas a viés, e cada uma delas possui força variável em situações diferentes. Em alguns contextos, a evidência oral é o que há de melhor; em outros, ela é suplementar, ou mesmo complementar, a de outras fontes".<sup>(20)</sup> Esta não é uma discussão nova entre aqueles que trabalham com a história oral pelo mundo afora. Entre nós, consideramos que ela

Pintinho



não começou por uma questão muito simples: apesar de o NHO-CEPRO ter produzido documentos orais, estes não ficaram à disposição dos pesquisadores, incluindo aí os historiadores. Poucos tiveram acesso a eles e, possivelmente, não encontraram interlocutores para fazer a discussão metodológica. Fica difícil saber o que os historiadores, principalmente estes, pensam sobre o emprego das evidências orais. Em um universo mais amplo, a discussão acerca dos problemas metodológicos da história oral não tem despertado muito interesse entre os historiadores. Segundo Marieta de Moraes Ferreira, isto se explica, em grande parte, pela resistência desses especialistas em incorporar aos seus trabalhos a possibilidade de emprego de fontes orais. "Tal desinteresse e desconfiança resultam, por sua vez, de formas arraigadas de se conceber a história e a validade de suas fontes".<sup>211</sup> É possível que a professora Marieta Ferreira tenha razão. A busca da objetividade, os modelos pré-estabelecidos, as hipóteses elaboradas previamente e as fontes servindo apenas para comprovar ou negar a construção do objeto de pesquisa ainda são elementos muito presentes entre os produtores do saber nas academias. Enfim, o positivismo ainda é uma marca muito viva.

A evolução tecnológica caminhou celeremente, o mundo das imagens (cinema, televisão, etc) está presente em nosso cotidiano. Esta é uma realidade inofismável. O historiador tem de encará-la de frente e discutir formas de incorporar essas novas fontes ao seu fazer histórico. No que tange especificamente à história oral é preciso discutir as questões metodológicas que envolvem a construção da fonte oral, as suas vantagens e os problemas do seu

emprego. Mas a vigilância que o pesquisador tem de ter com o emprego dessa fonte não pode ser diferente da empregada com outras fontes documentais. Neste caso, a história oral tem o mérito de introduzir o pesquisador na construção da versão, o que significa a sua presença e com ela o controle sistemático na produção da fonte. A preocupação com a crítica aos documentos é realizada no momento em que ele está sendo gestado entre entrevistado e entrevistador.

O projeto inicial no NHO-CEPRO não foi totalmente concluído. Até o presente momento nenhum depoimento dos doze que deveriam ser publicados o foi, apenas de alguns, os considerados mais significativos, terem ficado praticamente prontos há pelo menos sete anos. Em determinado momento, buscaram-se recursos junto ao Ministério da Cultura, mas a resposta, como sempre, foi: não existem recursos para essa finalidade. Algumas tentativas junto ao poder público local, feitas por pesquisadores e até por entrevistados, foram infrutíferas, quem sabe se até por desconhecimento do emprego da técnica. A verdade é que a sociedade piauiense, especialmente o setor que podia utilizar esse material, ainda não teve acesso a ele.

Pouquíssimos foram os pesquisadores que tiveram acesso a depoimentos transcritos, mesmo àqueles que os informantes tinham autorizado, por escrito, que o documento se transformasse em bem público. Cabe aqui uma observação: embora os informantes tivessem conhecimento dos objetivos do NHO-CEPRO, cometeu-se um equívoco, não solicitando de todos, logo de imediato, a autorização já aludida. Inclusive este foi um argumento empregado por familiares de um deles. Diziam os familiares que o entrevistado, por ocasião da entrevista, já não tinha o domínio pleno de suas faculdades mentais. Isto é falso. O seu depoimento é um dos mais lúcidos sobre a política piauiense. A verdade é que, já estando afastado da política partidária, pôde fazer uma reflexão mais serena. Ele, na nossa opinião, relatou a sua percepção no momento da entrevista sobre aquilo que viveu no passado. Falava hoje sobre ontem. O tempo transcorrido entre os acontecimentos relatados e o ato de lembrar pode tê-lo levado a uma reflexão mais profunda e até à mudança em sua maneira de ver e pensar fatos antigos.

Por outro lado, os depoimentos gravados em fitas-cassetes não foram transportados para as fitas de rolo, que, segundo os especialistas, são mais resistentes e é também a forma mais apropriada para que pesquisadores, que optam por ouvir a gravação ao invés de ler o depoimento transcrito, o façam. Em resumo, se um pesquisador precisasse hoje ouvir um depoimento, mesmo um dos autorizados, fatalmente teria muitas dificuldades.

Outro equívoco grave cometido pelos pesquisadores do NHO-CEPRO, aí até premidos pela escassez de recursos com que sempre trabalharam, foi a não duplicação das entrevistas, ou seja, para cada hora gravada deveria ter outra hora, do mesmo depoimento, de reserva. Esse cuidado tem por objetivo preservar o depoimento, no caso de algum tipo de acidente com uma das cópias.

A Fundação CEPRO optou pela extinção do NHO. Em seu lugar, foi criado o Centro de Estudos Contemporâneos. Não



posso tratar dos objetivos e metas desse Centro, por desconhecê-los, mas no nome cabe perfeitamente a continuidade de trabalhos que empregam a técnica da história oral. Todavia, as informações que temos é que as últimas entrevistas realizadas datam do período em que o autor deste trabalho ainda trabalhava naquela instituição, e já faz três anos que ele se afastou. Uma preocupação deste escriba é com a conservação do acervo existente no Centro de Estudos Contemporâneos. Em primeiro lugar, as fitas cassetes gravadas, as quais, caso não sejam acondicionadas convenientemente, podem deteriorar-se, o que seria o caos. Muitos dos informantes já deixaram o mundo dos vivos; portanto, seria uma perda irreparável.

Depois, a Fundação CEPRO poderia instrumentalizar-se para permitir o acesso dos pesquisadores a esse material, que reputo ser da maior importância como fonte de pesquisa para a história contemporânea

Maria da Penha



plauiense. Caso essa opção não pudesse ser viabilizada, o material poderia ser transferido para o Arquivo Público - Casa "Anísio Brito", já que existem experiências no Brasil de arquivos trabalhando com a técnica da história oral.

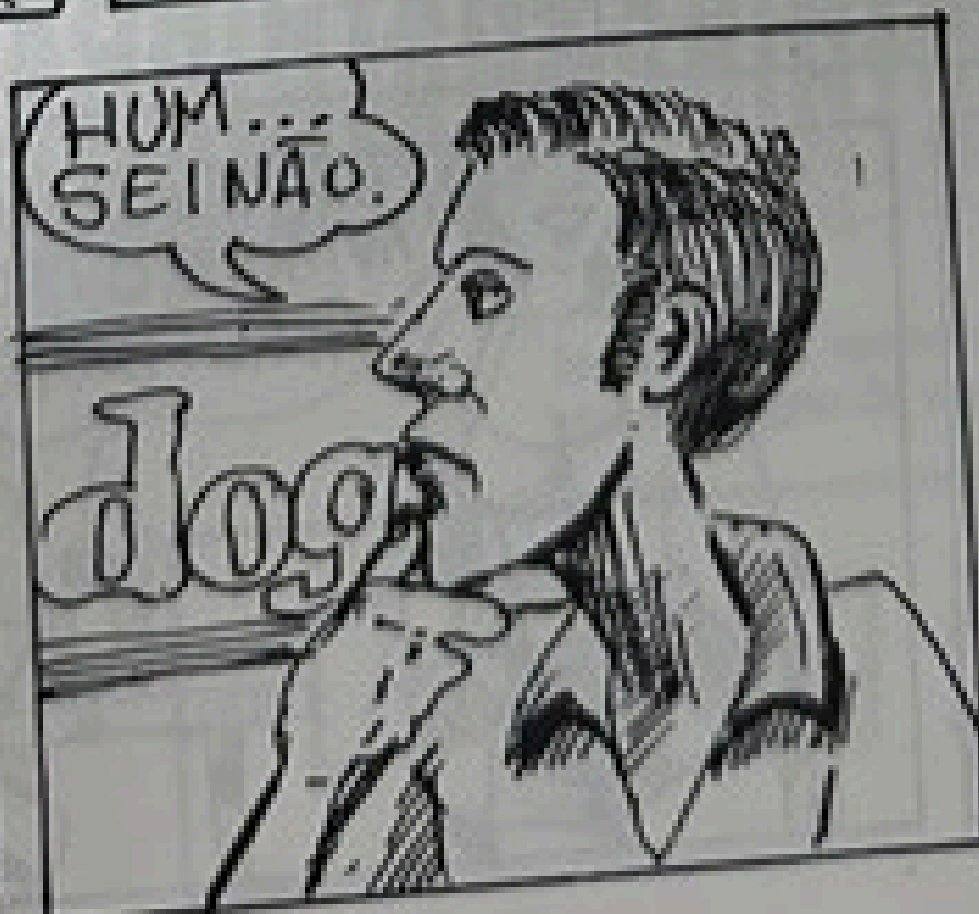
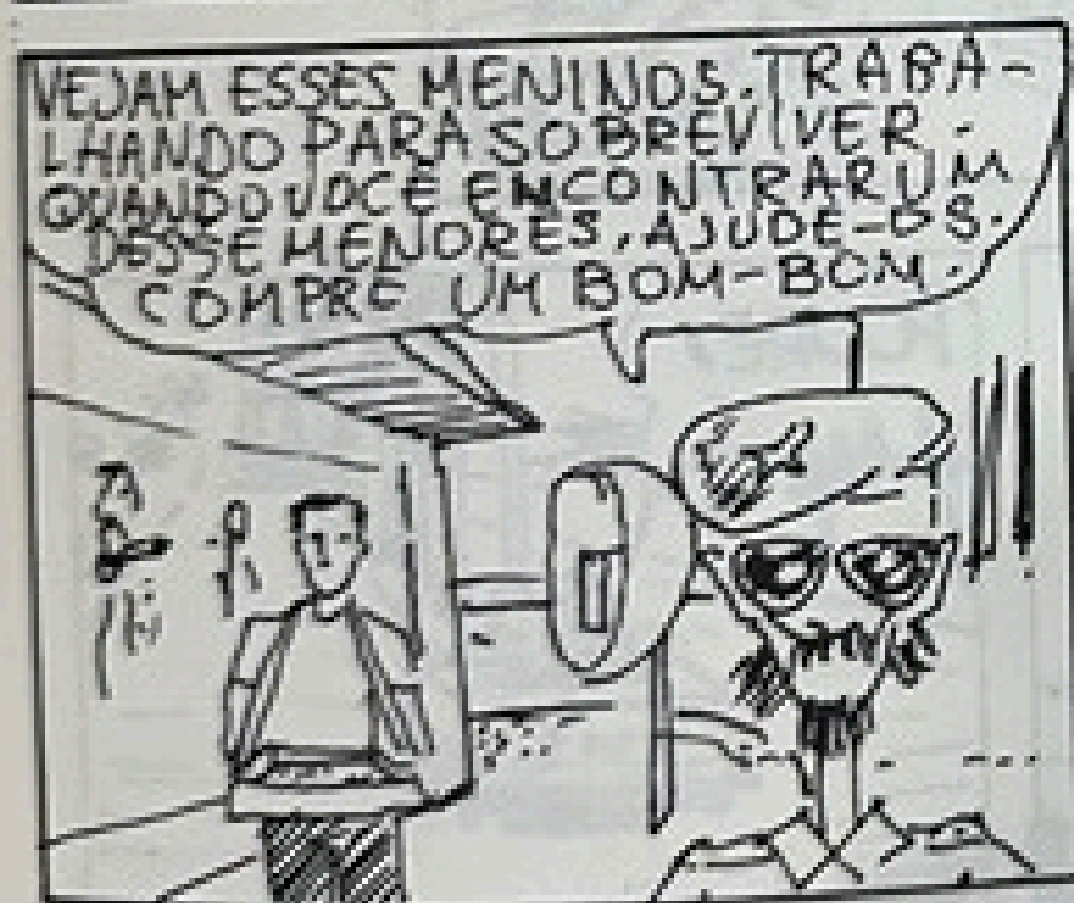
## NOTAS

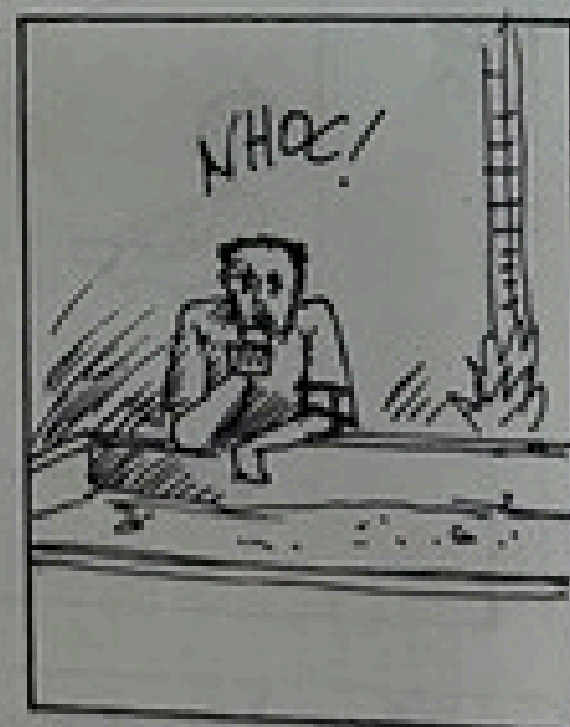
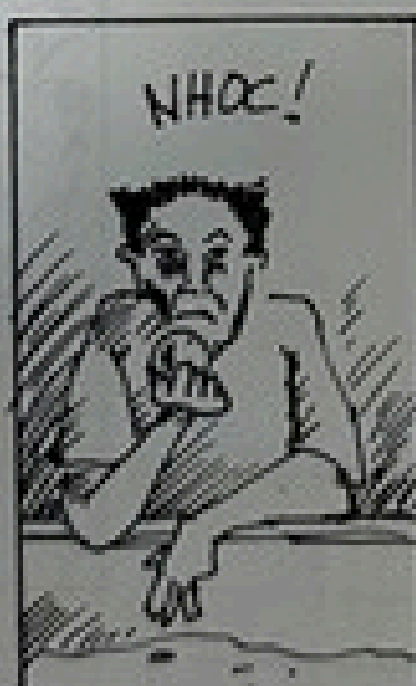
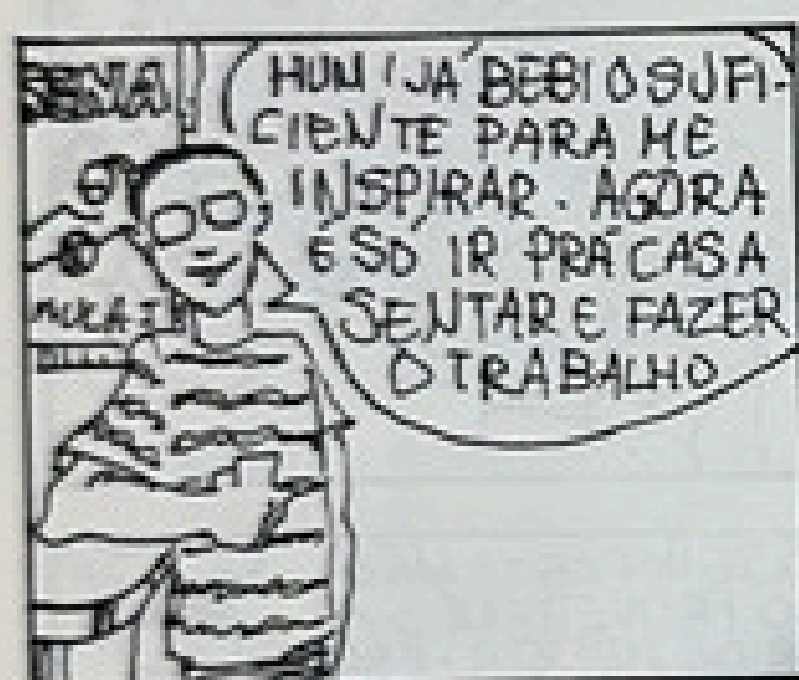
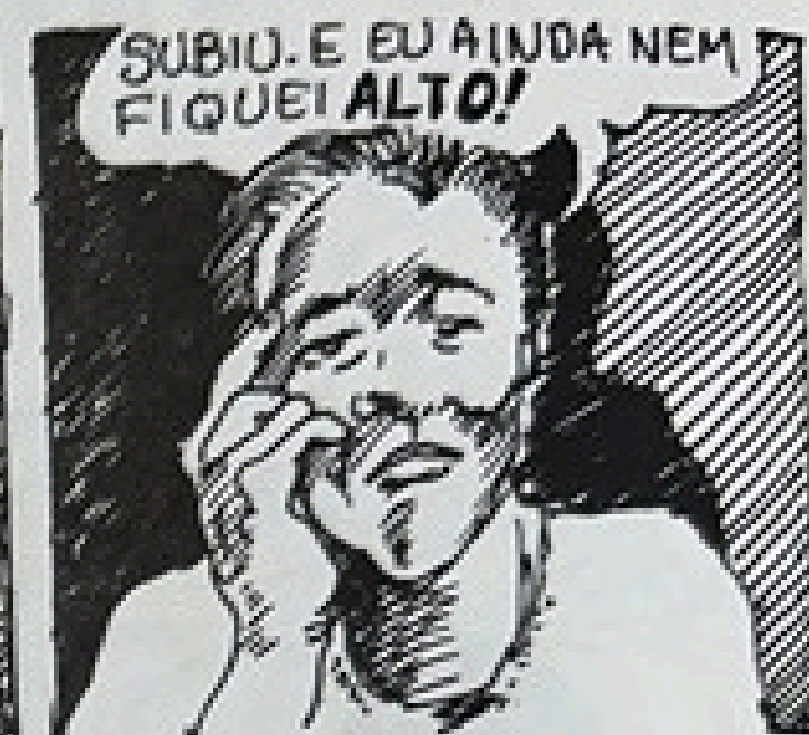
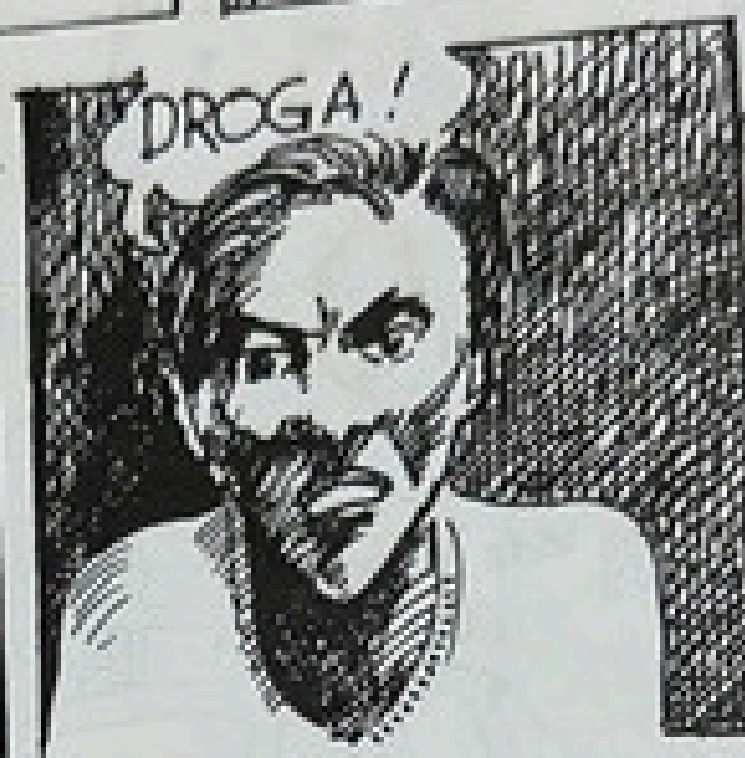
01. VERENA, Alberti. História oral: a experiência do Cpdoc. Rio de Janeiro, Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989. p. 2.
02. FERREIRA, Marieta de Moraes. Entre-vistas: Abordagens e usos da História Oral. Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1994, p.01.
03. FERREIRA, Marieta de Moraes. Op. cit. p. 04
04. CAMARGO, Aspasia. "Apresentação": In: História Oral: a experiência do Cpdoc. Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989. p. IX.
05. CEPRO. Projeto de implantação das atividades de História Oral. Teresina, Fundação CEPRO, 1989. p.3.
06. DIAS, José Luciano de Mattos. "Registro Oral, história e grandes organizações" In: Entre-vistas: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994. p.102.
07. CEPRO, Op. cit. p.1.
08. FARIAS, Oswaldo Cordeiro de. Meio século de combate: Diálogo com Cordeiro de Farias. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981. p.23.
09. CAMARGO, op. cit., p.VII.
10. Ibidem p. VII
11. FARIAS, Ignez Cordeiro de. "Um trupier na política: entrevista com o general Antonio Carlos Murici". In: Entrevistas: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994. p. 195.
12. THOMPSON, op. cit., p. 44.
13. "... e a sua definição não se estabelece facilmente: ora constitui método de investigação científica, ora fonte de pesquisa, ora ainda técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados". (Alberti Verena. História Oral: a experiência do Apdoc. Rio de Janeiro. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989. p. I.) "A história oral é uma técnica que registra conjuntos pertinentes de depoimentos gravados sobre temas historicamente significativos". (Oswaldo Cordeiro de Farias. Meio século de combates: diálogo com Cordeiro de Farias. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981. p. 25) "De qualquer forma, o depoimento oral é sempre uma fonte ao lado de outras. (José Luciano de Matos Dias. "Registro Oral, história e grandes organizações". In: Entre-vistas: abordagens e usos da História oral. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994. p.101). "... a história oral é legítima como fonte porque não induz a mais erros do que outras fontes documentais e históricas. (Aspasia Camargo. "Apresentação". In: História Oral: a experiência do Cpdoc. Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989. p. IX).
14. CEPRO, Op. cit. p. 8.
15. THOMPSON, op. cit. p. 158
16. O autor deste texto coordenou o NHO-CEPRO por quatro anos.
17. FARIAS, op. cit., p. 134.
18. Trabalho publicado pela Fundação CEPRO, em 1988.
19. CARTA CEPRO, Teresina, v. 11. m. 1. p.1 a 131 jul/dez. 1986.
20. THOMPSON, Op. cit. p.176.
21. FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: um inventário das diferenças. In: Entre-vistas: abordagens da história oral. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994 p. 01.



Humor

# ARNALDO ALBUQUERQUE



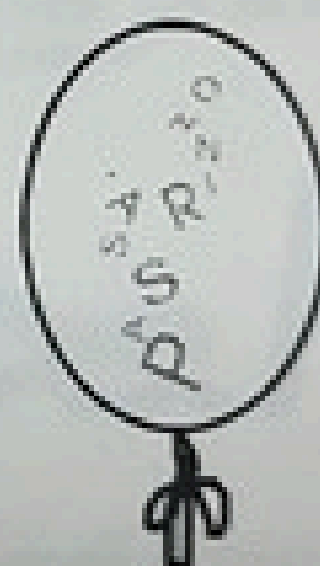


BRUNO

# Apocalipse de Mázio Quintana

Rubervam Du Nascimento

em câmera lenta o poeta anda pelas ruas.  
entre folhas, gente, flores, pombos.  
o mistério desfaz a notícia: não morreu  
quem morreu foi J. B. Sá.



Rubervam Du Nascimento

apenas choveu no corpo de Quintana: signo de silabário.  
descobertas milenares, quintanares.  
ele que sempre foi céu, nuvens, e arco-íris.

QUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANA  
QUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANA  
QUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANA  
QUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANA  
QUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANA  
QUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANA  
QUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANA  
QUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANA  
QUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANA  
QUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANAQUINTANA

fecho a levê, recorro as prateleiras: anoto.  
"quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos?"

P O I E S I S

\* Rubervam Du Nascimento.  
39, poeta, advogado,  
aprendiz de peixe.



redescubro versos, escolho palavras.  
sigo pelos esconderijos de sua casa grande.

rua dos andradas, "assinzinho" pela rua dos cataventos  
converso com o Gigante Adamastor. D. Mimi Contino.  
Antonio Cabral Beirão. Greta Garbo. Dona Mazuca. Tio  
Libório e o velho farmacêutico. Cecília Meireles. Baudelaire.  
Maupassant. Proust. Voltaire. Morgan. Virginia Woolf.

relembro o Grande Hotel comido pelo gato de fogo, a dentadura  
de Tia Rosauro, o antigo Majestic. Hotel Royal

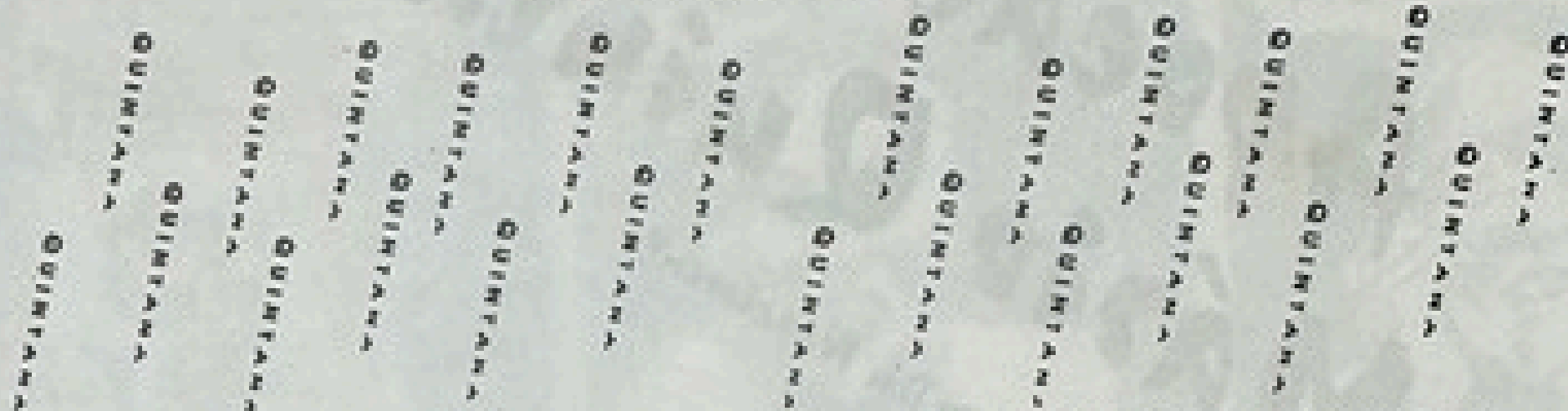
a autofagia dos cigarros

ouço cantares, quintana, atrás do poema pronto, mexido, sempre:

"é preciso reescrever muito".

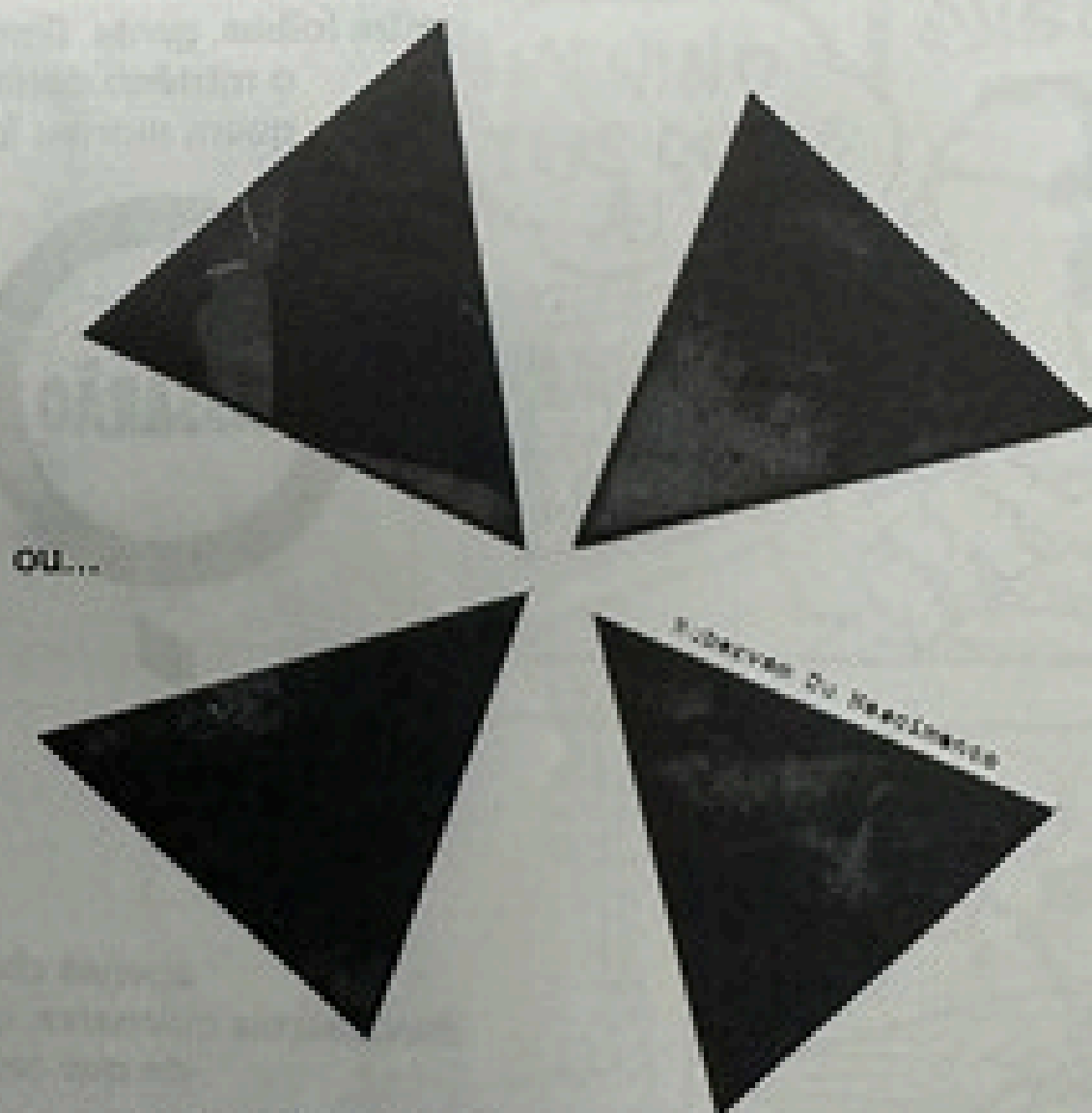
"se alguém acha que estás escrevendo muito bem, desconfia: o  
crime perfeito não deixa vestígios..."

"a poesia é uma das últimas formas de artesanato"... "não é uma  
fuga da realidade, como alguns pensam: é um aprofundamento da visão  
da vida e um aprofundamento em si mesmo".



Rubervan Du Nascimento

Mário de: mar e rio, mágico, único, só, universal.  
contra o regionalismo de fantasia  
ri: "eu sou contra os gaúchos de fantasia" "



"não adianta escrever muito, meninos, porque só leio  
a primeira página: o resto, eu rasgo".

"a primeira e melhor lição de estilo".

"não é o leitor que descobre o poeta, mas o poeta é que descobre  
o leitor, que o revela a si mesmo".

"quando um leitor não entende um poeta, só pode ter sido porque  
um dos dois é burro".



autor das confluências, não das influências, disse: "a gente só gosta de quem parece com a gente".

olho de passarinho



Rubervan Du Nascimento

até adquirir cara e corpocoração:

"eu queria trazer-te uns versos muito lindos. Trago-te estas mãos vazias/  
Que vão tomando a forma do teu seio".

tudo e todos retirados de seu baú de ossos, enterrado em seu  
"pátio de infância".

ele que queria ser cavalo, se não fosse poeta, bonito como um  
cavalo.

virou cavaleiro, da palavra, venceu para ensinar a abrir o livro e os  
sete selos.

"as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando  
abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes.

e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola.  
então todos os montes e ilhas foram movidos dos seus lugares.

os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os  
poderosos, e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos  
penhascos dos montes.

vi então um cavalo branco e o seu cavaleiro com um arco, e foi lhe  
dado uma coroa; e ele saiu vencendo e para vencer"

POEMA DE MAR

# MAIO

POEMA DE RIO

Rubervan Du Nascimento

topo a vida em quadrinhos, pra esquecer que ela foi embora.

"ser poeta é saber ver o mundo como vêem os anjos, as tadas..."

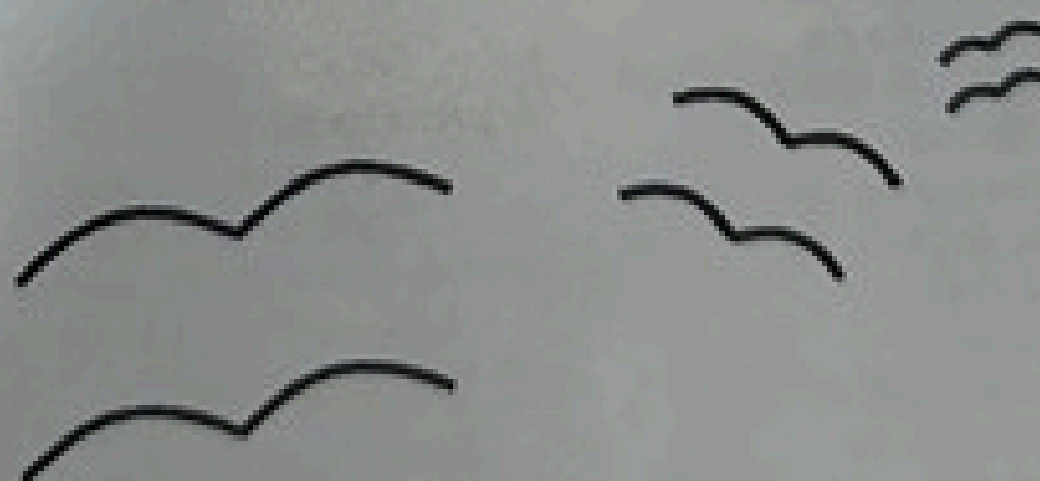
"vou revelar a você um segredo: descobri outro dia que o Quintana na  
verdade é um anjo disfarçado de homem. às vezes, quando  
ele se descuida.

ao vestir o casaco, suas asas ficam de fora"

claro. Clarisse. Érico Veríssimo.



Rubervan Du Nascimento



aos 34 anos, o primeiro livro.  
aos 88, o último, sem a caneta e sem o papel.

escrito nas estrelas:

"A morte é muito apetitiva: um aperitivo da vida... o homem  
é o único animal que sabe que vai morrer. Isso dá mais sentido, mais vida  
a cada momento nosso:

"Um dia...pronto...me acabo

Pois seja o que tem de ser

Morrer que me importa? ... O Diabo

é deixar de viver!"

Literatura

# Leonardo de N. S. das Dores Castelo Branco

Waldemir Miranda

Carvalho e Silva, Ana Rosa Pereira Tereza do Lago e Antonio Carvalho de Almeida (filho). Miguel de Carvalho e Silva casou-se com sua sobrinha, Ana Rosa Clara Castelo Branco, filha de sua irmã Ana Rosa Pereira Tereza do Lago e de Dom Francisco da Cunha e Silva Castelo Branco. Miguel Carvalho e Silva, abastado fazendeiro e agricultor, requereu de João de Abreu de Castelo Branco, do Conselho de sua Majestade, governador e capitão general do Estado do Maranhão, a fazenda Taboca com o Sítio da Boa Esperança em sesmaria, por não possuir título da terra e sendo legítimo herdeiro e a ele foi concedido a 13 de julho de 1739.

Miguel de Carvalho e Silva e Ana Rosa Clara Castelo Branco foram pais de: Leonardo de Carvalho Castelo Branco, Raimundo de Carvalho Castelo Branco, Simplicio de Carvalho Castelo Branco, Mariano de Carvalho Castelo Branco e Miguel de Carvalho Castelo Branco.

Miguel de Carvalho, que foi educado em colégio jesuita, passou aos filhos os conhecimentos humanísticos. Leonardo aprendeu: português, latim, geografia, física e matemática. Não chegou, contudo, a concluir estudos na casa paterna, por ter casado moço com Judith de Mãe de Deus Castelo Branco, indo situar a fazenda Limpeza, onde construiu casa e constituiu família. A casa-grande da Limpeza viveu dias de muita glória; mas, sucumbiu devido ao abandono de Leonardo à família com seu envolvimento político na guerra da Independência, na Confederação do Equador, e em sua obsessão em construir o Moto-Contínuo. Abandonou a família e acabou toda sua riqueza em prol da causa pública. Leonardo e Judith da Mãe de Deus Castelo Branco foram

Nasceu Leonardo de Carvalho Castelo Branco, que posteriormente passou a chamar-se Leonardo da Senhora das Dores Castelo Branco, em 1789, na fazenda Taboca, pertencente a Vila de São João da Parnaíba, depois a vila de N. S. da Conceição de Barros e hoje pertencente a Esperantina. Seu avô paterno, o Capitão-Mor português Antonio Carvalho de Almeida, natural de Vila de Linhares, foi o primeiro habitante do lugar onde surgiu o município de Batalha, sendo que em 1706 passou-se para a margem esquerda do Rio Longá, fundando nesta data a fazenda Taboca. Foi casado com Maria Eugênia de Mesquita Castelo Branco, de cuja união nasceram o pai de Leonardo, Miguel de



pais de nove filhos, sendo três do sexo masculino, onde contamos o poeta caçador Teodoro de Carvalho e Silva Castelo Branco; seis do sexo feminino, onde figuram minha trisavó Rosa Lina Castelo Branco, Adelaide Rosa Castelo Branco, Angélica Maria Moreira de Carvalho (casada com João de Deus Moreira de Carvalho), Cândida Maria Castelo Branco e Maria Leonor Castelo Branco.

Miguel de Carvalho Castelo Branco, irmão de Leonardo, casou-se com sua sobrinha Maria Leonor Castelo Branco, fundando em 1827 a casa-grande da Chapada da Limpeza. Mariano de Carvalho Castelo Branco foi casado com Rosa Maria Pires Ferreira. Fundou em 1847 a fazenda Olho D'água. Quando da confecção das telhas, Mariano autografou, fez citações bíblicas, desenho de animais e plantas e de datas de aniversários da família. Onde podemos citar com segurança a data de seu aniversário, por constar em uma das telhas da casa a data de "Quarta-feira, 08 de dezembro de 1847, ajusto 47 anos e 3 meses de idade". Portanto, nasceu Mariano de Carvalho Castelo Branco na fazenda Taboca a 8 de setembro de 1800.

Se a casa-grande da Limpeza, de propriedade de Leonardo, sucumbiu pelo abandono de seu proprietário, se até alguns anos atrás a casa-

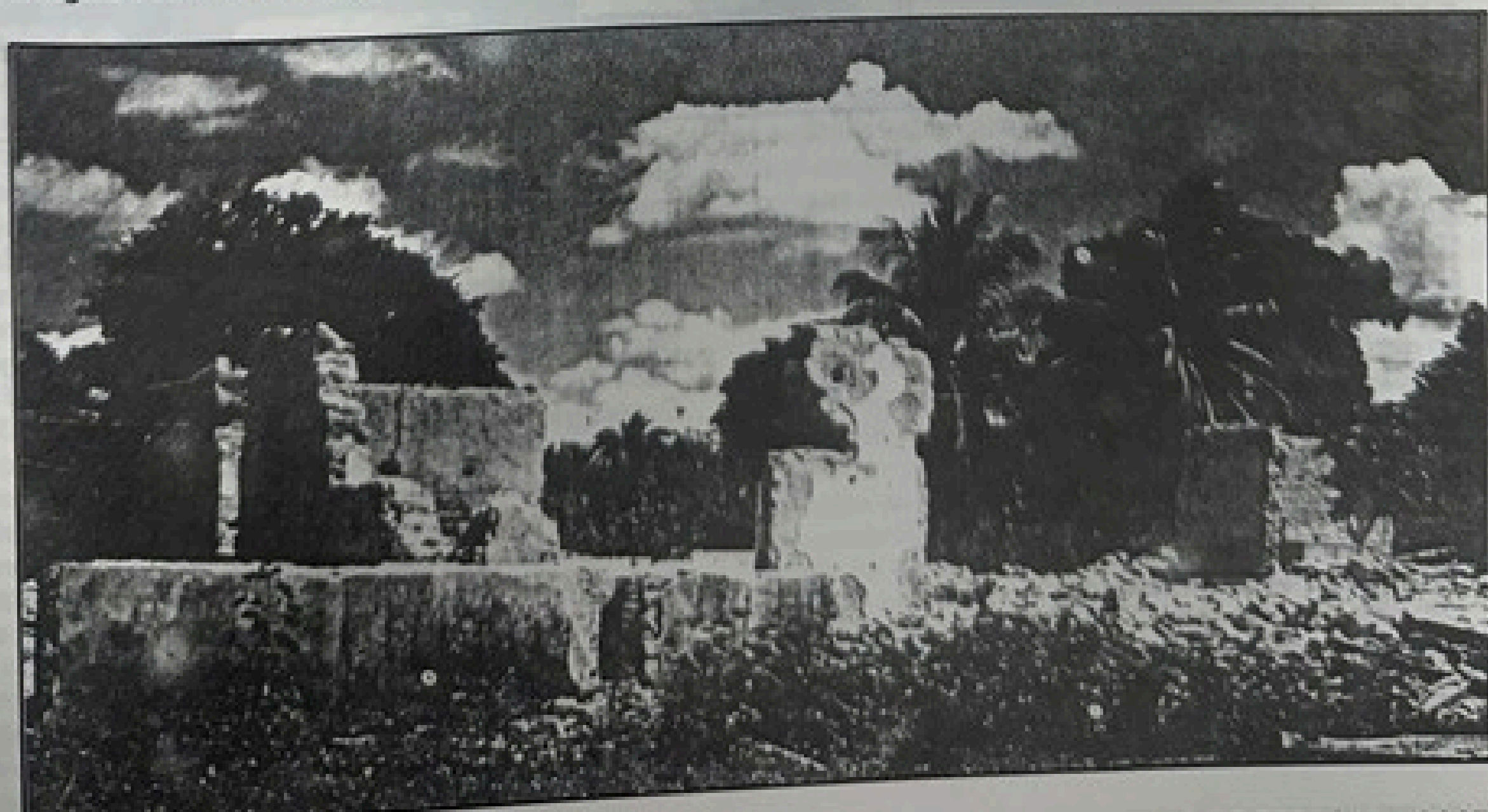
grande da Chapada da Limpeza existia, sendo demolida, ficando somente suas paredes, a casa do Olho D'água ainda hoje existe para nossa glória e lembrança do que foi a presença dos Castelo Branco em terras que hoje correspondem ao município de Esperantina. Quanto aos dois outros irmãos de Leonardo, Simplicio e Raimundo de Carvalho Castelo Branco, foram residir na Vila de Santo Antonio de Surubim, onde constituíram família.

Até 1820, Leonardo só se fez notável pela rigidez de seu caráter e inteligência. Em 1821, seguiu, como eleitor da paróquia de São João da Parnaíba, para Oeiras, para eleger os representantes da província do Piauí perante a constituição portuguesa. Lá, diante do colégio eleitoral, recitou bela e patriótica poesia de sua composição, onde manifestava seus ideais de liberdade, agradando a todos com seus versos. Foram eleitos representantes da Província do Piauí, o deputado Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco e o poeta Ovídio Saraiva de Carvalho, que não aceitou o mandato, sendo substituído pelo Pe. Domingos da Conceição. Tendo Leonardo votado no nome de Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco.

Proclamada a Independência do Brasil, a província do Piauí ficou dependente, sob o comando do Major João José da Cunha Fidié. Na Vila de São João, proclama-se a independência a 1º de outubro de 1822. Leonardo das Dores alia-se aos insurgentes e quando Fidié desceu de Oeiras para Parnaíba na tentativa de sufocar o movimento separatista, Leonardo com seus companheiros refugiam-se no Ceará. Em Granja, Leonardo não refreara o seu patriotismo. Aliado ao capitão José Francisco de Miranda Osório, organiza uma tropa de voluntários em prol da independência e dividiu em duas linhas. Tomou o comando da primeira que marchou sobre Piracuruca e deu o comando da segunda a José Francisco de Miranda Osório que deveria seguir para Campo Maior.

Leonardo entrou em Piracuruca a 22 de janeiro de 1823, prendeu o destacamento que Fidié ali deixara e proclamou a independência. Em seguida, redigiu extenso termo de proclamação, datado do Quartel de Piracuruca, 24 de janeiro de 1823, e por ele assinado.

De Piracuruca segue Leonardo para Campo Maior, onde a 02 de fevereiro proclama a independência. Prende o destacamento que Fidié ali deixara, composto pelo 4º Esquadrão do 1º regimento de cavalaria, comandado pelo tenente Egídio da Costa Alvarenga, de 100 homens a mando do tenente-coronel José Antonio da Cunha Rabelo e de alguns milicianos que serviam de artilheiros, com duas





peças de campanha. Proclamou a adesão da vila ao movimento de independência e fez aclamação de D. Pedro I como imperador perpétuo do Brasil. Na Igreja Matriz de Santo Antonio, celebrou-se um célebre Te-Deum em ação de graças, sendo a cerimônia perturbada por alguns arruaceiros.

Em Campo Maior, Leonardo efetuou algumas prisões como a do Vigário colado Pe. João Manoel de Almeida. No dia 06, escreveu à câmara de Caxias, comunicando o movimento separatista e pedindo adesão ao comandante militar desta vila maranhense.

Não esperou resposta. Desejoso de ver a família, da qual já estava ausente por algum tempo, dirigiu-se à fazenda Limpeza, onde residia, arquitetando aí o plano de ir a Vila de Brejo dos Anapurus, na província do Maranhão, a fim de persuadir seus habitantes à causa da independência.

Com apenas três soldados segue para o Porto das Melancias, no Piauí, atravessa o Rio Parnaíba e entra no Maranhão, onde foi preso a 1º de março de 1823 em Repartição pelo comandante da Vila, José Antonio Correia. Escortados pelo tenente de cavalaria João José Alves de Sousa, Leonardo e os homens com os quais havia sido preso foram enviados a São Luis, chegando ali a 21 de março, sendo aguardados pelo povo nas ruas. No dia seguinte encontrava-se na cadeia de Ponta da Areia, sendo processado pelo desembargador José Leonardo da Silva e Sousa. Os documentos que depunham contra ele eram: o termo de proclamação do dia 24 de janeiro e algumas cartas tidas como sediciosas.

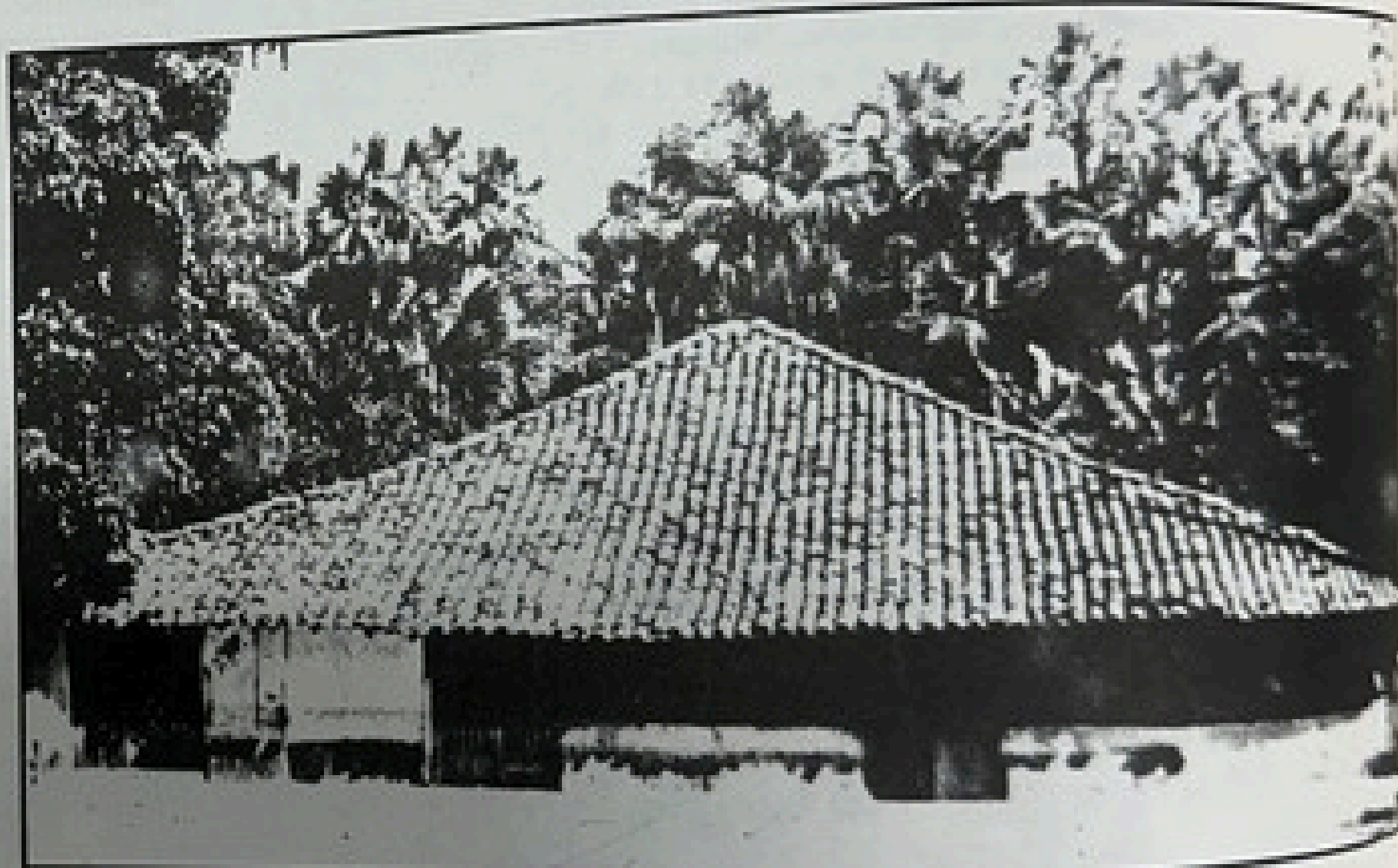
Depois de processado, foi Leonardo deportado no Brigue "Sociedade Feliz" para Lisboa, onde chegou no fim do mês, sendo recolhido à cadeia do Limoeiro a 2 de junho de 1823. Sobre esses acontecimentos e das consequências que sofreu, escreveu estes trechos de uma carta redigida a um amigo.

"Tendo-me demorado 09 dias em Campo Maior, para consolidar a independência que ali fiz proclamar, no dia 02 de fevereiro, regressei a Piracuruca, onde havia deixado parte das forças que trouxe da vila de Viozosa, dirigi-me depois à Vila do Brejo dos Anapurus, levando apenas 03 soldados, com o fim de me entender com o comandante geral daquela vila, Severino Alves de Carvalho, e persuadi-lo a aderir à causa do Brasil, porém, ao passar o rio Parnaíba, o oficial que guarnecia o respectivo porto prendeu-me e conduziu-me para a vila de Brejo,

onde fui remetido para o Maranhão, dizendo-se na parte oficial dirigida ao governo daquela província que eu era o homem mais perigoso do Piauí."

"Recolhido ali à prisão da Ponta da Areia, fui processado pelo ouvidor do crime, ficando incluso em muitos artigos criminais! Mandaram-me depois para Lisboa, e finalmente fui ter à cadeia do Limoeiro, em cuja prisão fui muito socorrido pelo deputado do Piauí Dr. Miguel de S. Borges Leal Castelo Branco e pelo coronel maranhense Honório José Teixeira, que então se achavam em Lisboa". (O Propagador).

Tendo passado algumas semanas na cadeia do Limoeiro, Leonardo só foi posto em liberdade depois que D. João VI, acompanhado do regimento de cavalaria, sob o comando do Conde de Amarante, dissolve as cortes portuguesas, tornando-se de novo absoluto. Quando em virtude do decreto lei de 06 de junho incultando presos políticos, Leonardo dirigiu-se ao Rei pedindo a sua soltura. Só conseguindo a 22 de junho por acordão da Relação de Lisboa. Sendo dada baixa nas culpas, Leonardo regressou ao Brasil, onde esteve em Pernambuco com o presidente



Manoel de Carvalho Paz de Andrade, sendo tratado com muita atenção. Depois de dois anos de ausência, regressou a sua casa. E passou a usar o nome de Leonardo de N. S. das Dores Castelo Branco, como pagamento de uma promessa feita a N. Senhora das Dores, sua protetora. Não gozou, porém, de muita folga, pois a 25 de agosto de 1824 é proclamada em Parnaíba a adesão do Piauí a Confederação do Equador, sob o comando do Dr. João Cândido de Deus e Silva. Leonardo tomou parte ativa no movimento, chegando a induzir gente para uma possível revolução; no entanto, em virtude de portaria imperial de 16 de fevereiro de 1825, Leonardo foi preso pelo presidente da província, Manoel de Sousa Martins, ficando recluso em Oeiras por um ano, depois foi remetido a São Luís, onde finalmente recobrou a liberdade.

Após as agitações políticas, Leonardo, que também foi gênio inventivo, empreendeu a construção de um mecanismo de moto-contínuo, também tentado por Richard Arkwright, de Preston, que ele julgava ter dado

solução definitiva. Procurou então aprofundar conhecimentos científicos, deixou o Piauí, demorou algum tempo no Maranhão e em 1833 segue para Lisboa, passando a residir na casa do conselheiro Drumond, ministro brasileiro da corte portuguesa, de quem tinha o prestígio e amizade. Em Lisboa, estudou tudo sobre Mecânica e Astronomia, sendo que, em 1837, publicou em seu poema filosófico descritivo "O Ímpio Confundido". Em 1843, voltou ao Brasil e sempre preocupado com seu projeto mecânico, em 1849 Leonardo recorre ao patriotismo da Assembléia Provincial. Em lei provincial com data de 31 de agosto de 1849, conseguiu um empréstimo de 5.000 000 (cinco contos de réis) para construção de uma barca. Infelizmente esta lei não teve execução. O presidente, Dr. Anselmo Francisco Pereti, sob o pretexto de falta de verba, não realizou o empréstimo. Assim, o invento do grande piauiense não foi efetuado em máquina de ferro, apesar de ter dado bom resultado em madeira. Desiludido e contrariado com a perseguição do presidente Pereti, em 1850 partiu Leonardo para o Maranhão, demorando-se algum tempo; saiu daí para Bahia onde se demorou por dois anos, trabalhando na realização de sua grande máquina. Segue para a capital do Império por intermédio do conselheiro José Antonio Saraiva, é apresentado ao Imperador D. Pedro II. Do Imperador conseguiu o material no arsenal da Marinha para a construção de seu magnífico aparelho, fez várias tentativas, todas de resultados insatisfatórios. Durante sua permanência no Rio de Janeiro publicou Leonardo vários de seus escritos, entre eles seu poema científico "A Criação Universal". Seu plano de invento parece nunca ter sido levado a sério por seus contemporâneos. Entretanto, Leonardo nunca teve oportunidade para provar a eficiência de suas invenções. O barco de rodas impelido por propulsores mecânicos foi experimentado no rio Parnaíba com resultado satisfatório, apesar do aparelho ter sido confeccionado em madeira.

Muito alto e magro - diz Clodoaldo, - compenetrado da sua superioridade intelectual, dos profundos conhecimentos sobre mecânica, astronomia e física, que adquiriu nos dez anos que passou em Lisboa estudando e tendo gasto todos os seus haveres, Leonardo era pouco acessível e aplaudido. Cometeu o grande erro de não ter tirado uma carta. Estudou, porém não se formou. A falta de um título científico muito o prejudicou durante a vida inteira.

"Creio que os seus sentimentos liberais - suspeita Clodoaldo -, tocando pelas rainas republicanas e o seu orgulho de mártir político criaram-lhe uma situação embaraçosa perante os donos da política nacional e provincial. O Imperador, que diziam ser protetor dos homens de mérito, nunca na verdade deu-lhe a devida proteção. Para se ver livre de Leonardo e sem mandar examinar seus planos, D. Pedro II o remeteu para o Arsenal da Marinha, onde depois de muito labutar não conseguiu coisa alguma. O conselheiro Saraiva tornou-se esquivo".

Não se entende perfeitamente o que seria o moto-contínuo de Leonardo. Alguns afirmam tratar-se de um mecanismo que disparado sobre a matéria em estado de repouso sairia do estado de inércia sem desprender energia. O que é impossível para as leis da física.

Em sua execução projetou o mecanismo para várias máquinas mirabolantes. Hora para um cavalo mecânico, para facilitar suas andanças, depois um motor para navegação fluvial, e por último inventou um pilão movido a mãos por uma máquina de madeira, sendo que nos dois últimos inventos o resultado prático foi excelente.

Em sua última viagem que fez a Lisboa com retorno em 1859, trouxe para a capela do povoado Retiro da Boa Esperança a imagem portuguesa de N. S. de Boa Esperança. O jornal O Propagador, ano II, nº 92, de 13 de novembro deste ano, deu notícia de Leonardo desembarcando em Teresina, vindo do Maranhão, em retorno de Lisboa.

De 1860 em diante, diz Miguel Borges que já se conhecia facilmente que a fecunda inteligência do venerado piauiense, oprimido sob o peso dos anos e dos trabalhos, começava a decair. É atacado finalmente por uma grave enfermidade, que se prolongou por alguns anos. Faleceu a 12 de junho de 1873, na idade de 85 anos incompletos, após construir enorme máquina de madeira e metal, que ele dizia ser o moto-contínuo.

Sobre Leonardo disse Clodoaldo Freitas:

"E assim foi a vida desse ilustre patriota, o único, afinal, que realmente sofreu pela causa da Independência entre nós e, por isso mesmo, menos mereceu dos poderes públicos".

A seu respeito disse Lucídio Freitas:

"Leonardo iluminou os longes de nossa vida, surgindo aos nossos olhos como símbolo primitivo da nossa raça, desconhecido e furioso como uma onda bravia, sonhador e sugestivo como um deus, firme nas suas convicções, leal e forte nas suas investidas, amando a liberdade acima de todas as coisas e vendo nas revelações o meio mais prático e mais eficiente para a conquista rápida dos novos ideais políticos. Foi uma das principais figuras das lutas em prol da independência do Piauí, representando papel saliente na nossa história. Começou pela poesia, sendo no Brasil quem primeiro tentou poesia científica".

Afirma Miguel Borges que Leonardo de N. S. das Dores Castelo Branco nunca teve e nunca requereu coisa alguma ao governo como recompensa dos relevantes serviços prestados ao país. Entusiasta das idéias liberais, sempre soube conciliá-las com os dogmas do catolicismo, do qual sempre foi extremoso e incansável defensor, como se evidencia nos seus versos publicados pela imprensa.

"Enérgico, ativo, empreendedor e perseverante, sempre o mesmo em todas as circunstâncias da vida, este distinto piauiense morreu pobre e pouco mais deixou para sua família além do exemplo duma existência honrosa e de estimáveis virtudes".



Músich

# Música no Piauí Anos 60

Geraldo Brito

Início dos anos sessenta na Distanteresina, como diria o poeta Torquato Neto. Uma cidade até então calma, com uma ou duas avenidas e poucos automóveis. Mesmo assim, no aspecto musical, poderíamos observar programas de calouros e, vez por outra, a presença de um astro ou estrela de renome nacional, sempre acompanhados pelo Regional Q3, conjunto pertencente ao quadro de funcionários da Rádio Difusora de Teresina, a pioneira no campo radiofônico da capital, uma vez que a primeira emissora de rádio do Piauí foi a Rádio Educadora de Parnaíba.

Como toda emissora que se prezasse, naquela época a Difusora possuía o seu conjunto regional. Entende-se por conjunto regional: o grupamento instrumental de música popular composto por dois violões, cavaquinho, bandolim, pandeiro, flauta, que surgiu na segunda metade do século XIX, através do flautista carioca Joaquim Antonio Callado, e que foi desenvolvido por outros compositores, entre os quais Anacleto de Medeiros. Com a aparição do disco elétrico em 1927, e principalmente do rádio em 1935, começaram a surgir os conjuntos de acompanhamento para os ídolos de massa do Brasil - os cantores. Voltando ao nosso convívio, o regional da Difusora era composto por: Antonio Simplicio (acordeon), Carlos Guedes (cavaquinho), Panfilo Abreu (violão), José Maria Doudment (violão de 7 cordas), Bruno do Carmo (bandolim/violão). Outros músicos como: José do Baião (sanfona) e Chico Sanfoneiro tiveram participação neste regional, que acompanhava cantores piauienses, como por exemplo: Totó Barbosa, João de Deus, Dalmier Chaves,

FOTO: TOTÓ BARBOSA



Totó Barbosa cantando, acompanhado pelo conjunto da Rádio Difusora, vendo-se, entre outros, Panfilo Abreu (violão), Nelson Costa (clarineta), Carlos Guedes (cavaquinho) e o locutor Luciano Freitas.

Clemilton Silva, Dagmar Pereira, Telva Neide, Francisco Guimarães, Damasceno, Helena Núbia, Walcir Moreira e eventualmente José Eduardo Pereira e José Lopes dos Santos (flauta), que compunham a diretoria da emissora. No decorrer dos anos cinquenta e sessenta, o regional Q3 acompanhou também estrelas de renome nacional, como: Ângela Maria, Carlos Galhardo, Núbia Lafayette, Dalva de Oliveira, Cauby Peixoto, Sivuca, dentre outros artistas internacionais como: Juanito Venâncio, Bievenida Granda e Roberto Lazama.

Era tempo da Voz de Ouro ABC, uma espécie de festival a nível nacional que selecionava os melhores cantores de cada Estado, havendo depois uma finalíssima para a escolha do melhor cantor brasileiro. Tivemos participação nesse concurso com alguns intérpretes como Dalmier Chaves. Em 1960, surgiu a Rádio Clube de Teresina, que não tinha um elenco de músicos definido, como a Rádio Difusora, mas que eventualmente apresentava os seus programas com calouros, como analisa o músico Edilson Freire, que na época participava dos regionais e atualmente é tecladista no esquema da noite.

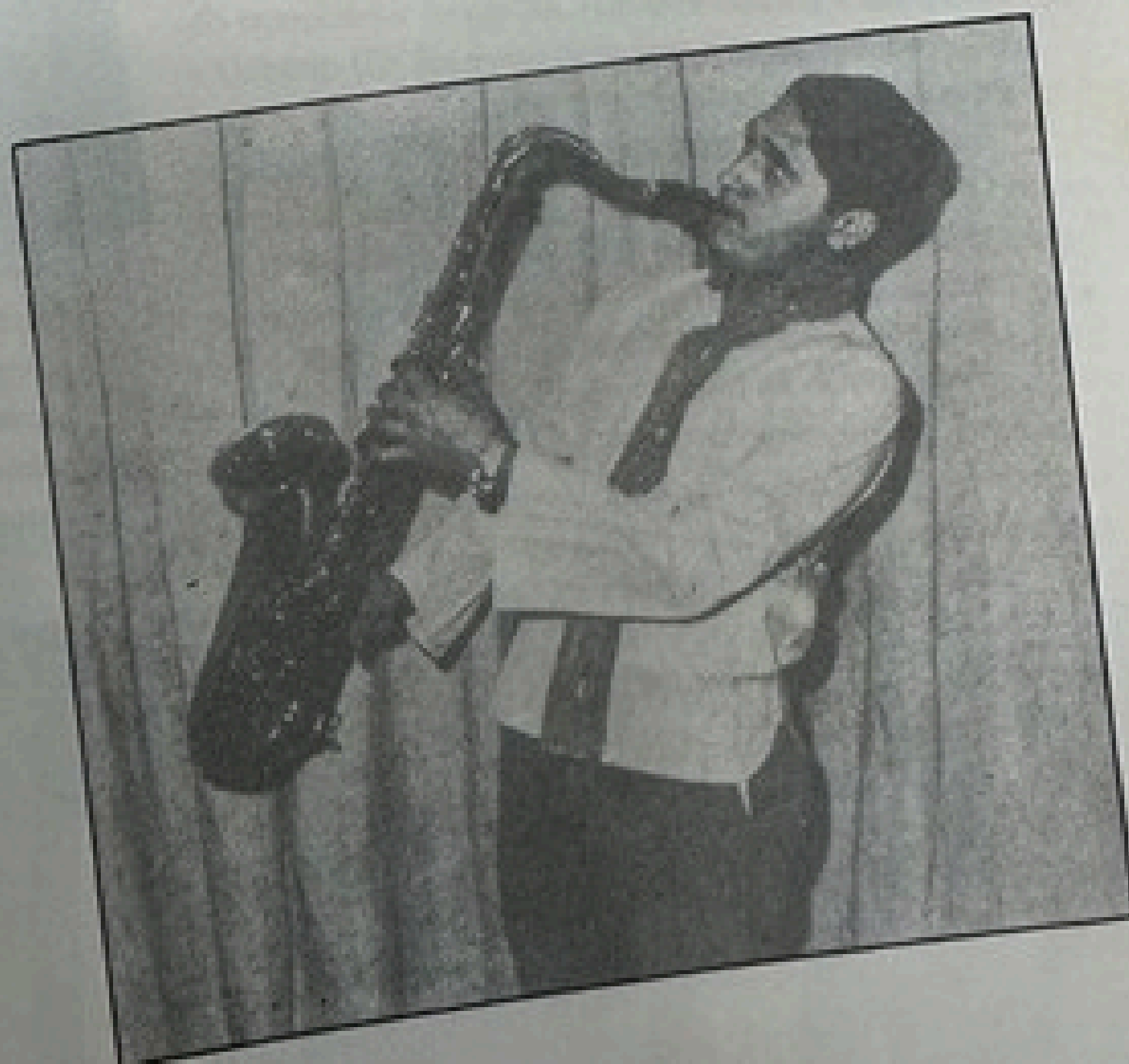
Em 1962 surge outra emissora de rádio. Desta vez a Rádio Pioneira de Teresina, fundada pela arquidiocese e que contribuiu bastante no âmbito musical, contando em suas instalações com um auditório para apresentações de programas de calouros e shows com astros nacionais. A nova emissora foi inaugurada com o seu conjunto regional composto por: Edilson Freire (sanfona), Ludimar (violão), João dos Santos (pandeiro), Chico Rosa (bateria), Carlos Guedes (cavaquinho) e Sansão (saxofone).

Esse regional acompanhava também artistas como: Núbia Lafayette, Orlando Dias, Orlando Silva, Carlos Alberto, Alcides Gerardi e Vanderléia (em início de carreira).

Entre os anos sessenta e sessenta e três, um trio quebrava a monotonia da cidade e mandava ver uns boleros bem conhecidos da época. Era o Trio Yucatan, composto por: Walter Sampaio, Silizinho e Mundicão. O nome do trio era uma homenagem à cidade de Yucatan, localizada no México, e foi sugerido por Miriam Lopes. Os rapazes logo conquistaram a cidade e eram os preferidos em festinhas de residências, de colégios e em gravações de jingles na Rádio Pioneira. Segundo Silizinho, Almeida Filho era quem empresariava o trio.

Aos poucos, a cidade foi se tornando pequena aos interesses do trio. Em 1963 eles partem com destino a Brasília e São Paulo, chegando a gravar seis compactos e fazendo muitas apresentações em programas de TV, como no do Alfredo Borba na TV Excelsior. O Trio foi desfeito em 1968, quando Walter seguiu rumo ao México. Mundicão fica em Brasília e Silizinho retorna a Teresina.

Em 1963, período do sucesso do Trio Yucatan, houve um recheamento de canções genuinamente piauienses como as de Levi Moura, irmão de Mundicão, integrante do trio. É de autoria de Levi Moura a bonita canção "Você não Meditou", interpretada por Rosinha Lobo nos anos 70 e que nos anos 80 foi gravada pelo piauiense Cabral Rios. Levi Moura foi morar no Rio de Janeiro, onde permaneceu até



1991, quando faleceu.

Ainda em 1963 outro piauiense de Piracuruca tornava-se sucesso nacional, gravando pelo selo CBS. Era Roberto Muller e sua mais famosa canção "Entre Espumas". Muller ainda gravou alguns LPs pela CBS. Embora tenha sumido de cena, ainda hoje é carinhosamente lembrado pelo público que acompanhou de perto o seu trabalho.

O ano de 1963 rendeu outro fruto musical, como o conjunto Os Milionários. Neste ano, a Polícia Militar do Piauí, que outrora tivera em seu quadro uma Jazz Band animando as tradicionais tertúlias do famoso Clube dos Diários, na pessoa do seu comandante coronel Torres de Melo, pede ao professor Luis Santos (pertencente ao quadro da Polícia) que crie um conjunto musical no sentido de realizar um elo entre o público interno e externo. O professor Luis Santos imediatamente agilizou a formação do conjunto que recebeu o nome de Os Milionários, numa justa homenagem ao compositor pernambuco José Bispo. Os Milionários se tornou popular e o comandante, de tão grande entusiasmo, mandou trazer

diretamente de Fortaleza a gravadora Orgacine, que, ao chegar, instalou-se nos estúdios da Rádio Pioneira. A gravação do LP teve prensagem na RCA Victor de São Paulo. Dentre as canções que compunham o LP estavam "Baão da Saudade" e "Simplicio e seu Clarinete" (de Luis Santos); "Milionário" (José Bispo); "Linda" (Bruno do Carmo) e "Olha a Bossa" (Simplicio). Esse histórico LP foi gravado em 1965 e Os Milionários era composto por: Simplicio Cunha (saxofone e clarinete), Edilson Setúbal (piano solovox), Artur Pedreira (bateria), Lourival Marques (baixo), Bruno do Carmo (guitarra), Gabriel Oliveira (percussão) e João de Deus (cantor). Segundo informações do professor Luis Santos, o conjunto atuou de 1963 a 1970. Em 1964 um novo cantor conquista a cidade verde. Era Herbert Arcoverde, muito talentoso e de voz agradável de se ouvir. Ele animava os programas de calouros e participava do elenco da Prata da Casa que se apresentava antes de shows de alguns astros renomados. Nessa época, as rádios apresentavam programas em que os locutores perguntavam ao público se preferiam ouvir determinada canção ao vivo ou em gravação. Na voz de Herbert, se situava a preferência dos ouvintes.

De 1964 para 1965, surge outro trio para alegrar os teresinenses. Era o Trio Guarany, formado por Bimba (violão e voz), Chicão (voz) e Jesus (voz). O Trio Guarany animava festas, participava de programas e tinha uma atuação quase que constante nos realizados pela Rádio Clube.

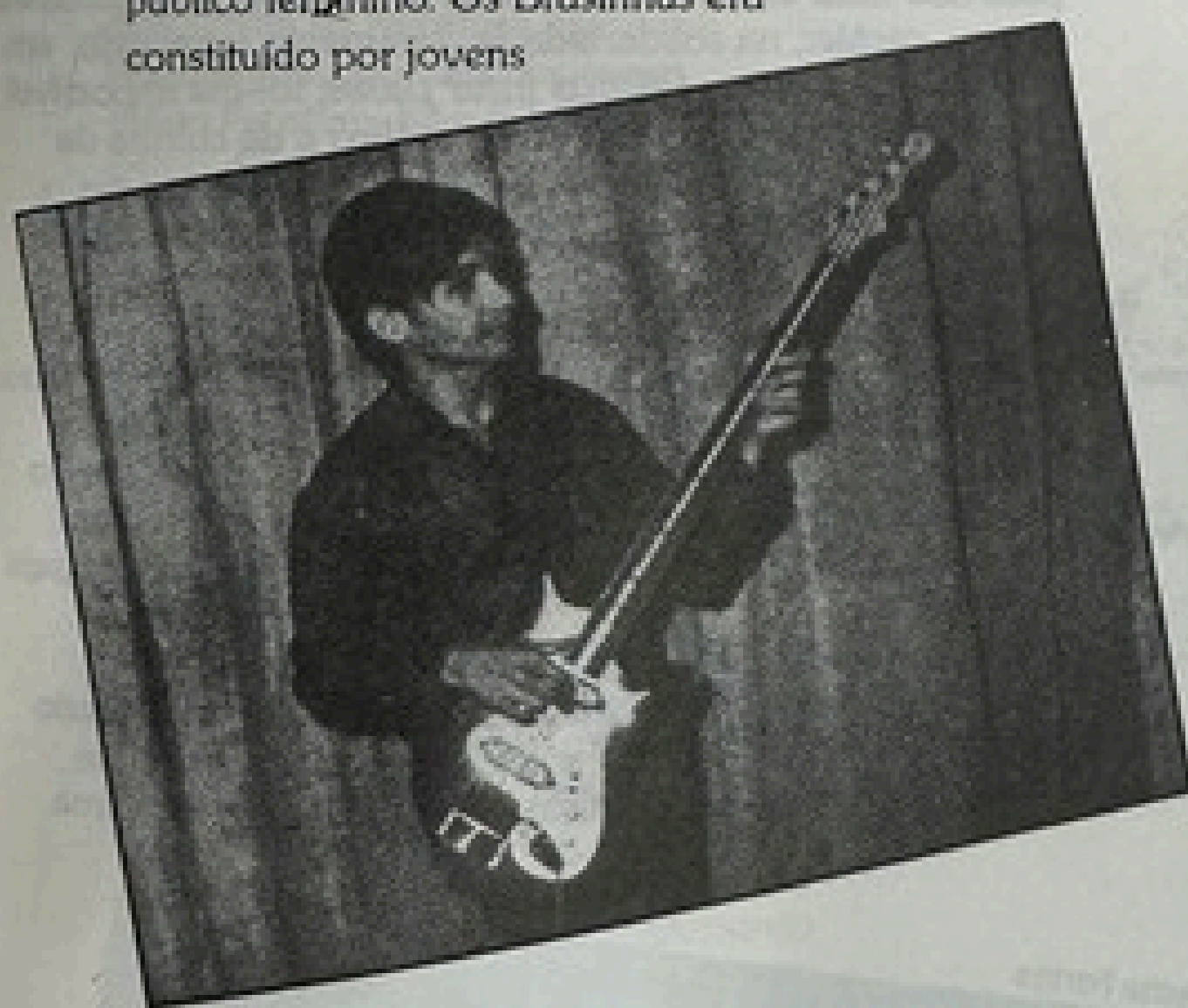
Em 1965, chega a Teresina o baterista Barbosa (famoso por fazer verdadeiras acrobacias com as baquetas) e com ele o também famoso conjunto Barbosa Show Bossa, incendiando o salão do Clube dos Diários. Tinha a seguinte formação: Colombo (guitarra), Orion (sax), Estelita Nogueira (cantora), Ivan Bandeira (vibrafone), Zé (baixo) e o próprio Barbosa (bateria). O acordeonista Antonio Simplicio também integrou o B. S. B.

No início de 1967, após alguns conflitos que normalmente ocorrem em grupos musicais, o B. S. B. foi desfeito e para preencher o enorme vazio deixado por eles surgiu imediatamente outro conjunto denominado Sambrasa, composto por alguns músicos do extinto Barbosa e acrescido de outros que estavam vindo do Ceará. A primeira formação do Sambrasa foi com: Edmilson Moraes (bateria), Zezinho Ferreira (baixo), Colombo (guitarra),





Antonio Simplicio (acordeon), Linhares (sax), Bossa (piston) e Vicente (cantor). O sucesso do Sambrasa foi imenso, culminando na gravação de um LP nos estúdios da Orgacine, em Fortaleza. O disco contou com a produção do empresário Aerton Cândido Fernandes, que também participava do LP com a composição "Turma do C2H60", título de um dos blocos famosos do carnaval teresinense dos anos 60. O LP do Sambrasa foi muito bem recebido pelo público local. As rádios executavam, a toda hora, diversas faixas do disco. Na época desta gravação, o conjunto já não mais contava com a presença do músico Antonio Simplicio. Em meados de 1967, a cidade tomava-se ainda mais quente com a aparição de um conjunto tipicamente da jovem guarda. Surgia Os Brasinhas, provocando uma tremenda reviravolta por parte do público feminino. Os Brasinhas era constituído por jovens



cabeludos, como mandava o figurino, e todos genuinamente piauienses. Compunha o conjunto, em sua primeira formação, os músicos: Ernesto (bateria), Chico (guitarra solo), Paulo Vasconcelos (guitarra base), Sidney (vocal) e Getúlio (baixo). Alguns meses depois, Os Brasinhas ganha a valiosa participação do guitarrista Assis Davis, um dos melhores músicos piauienses no que se refere à época da Jovem Guarda. Com a chegada de Assis, alguns meses após, saem do conjunto Chico Vasconcelos e Ernesto, indo para a bateria o vocalista Sidney. Com esta formação Os Brasinhas conquistou, em pouquíssimo tempo, o público teresinense e de algumas cidades do interior por onde passava. O conjunto ainda contou com a participação do saxofonista Pantico, que permaneceu por vários anos. Paralelamente, surgiu Os Metralhas, resultante da saída de Ernesto e Chico Vasconcelos dos Brasinhas. Juntaram-se a Rubito (baixo), Mário Lúcio (guitarra base), Paulo Chaves (cantor). A estréia aconteceu em frente ao prédio onde funcionava a loja Útil-Lar. Neste dia, Fernando Chaves tocou guitarra solo, em lugar de Chico Vasconcelos. Após os Brasinhas e Os Metralhas, foram surgindo, pouco a pouco, outros conjuntos como Os Lords, Os Tangarás, The Dandies, Os Fantasmas, The Shammers, Zé e Seus Quatro Azes.

Em 1967 mais um outro piauiense ganha destaque no cenário musical do país. Era Torquato Neto, um dos artífices do movimento Tropicália, juntamente com Caetano Veloso e Gilberto Gil. Torquato Neto ainda hoje é destaque em jornais, como a Folha de São Paulo, Jornal do Brasil e em especiais de TV, como o que foi mostrado pela TV Manchete, em 1992, com direção do cineasta Ivan Cardoso. Em 1969, um garoto florianense, Jonh Júnior, lançava um compacto simples com músicas já conhecidas do público, como "Tudo Passará", de Nelson Ned. Aos poucos a nossa discografia ia aumentando.

Walcyr Moreira, B. Assis e César Bianchi eram os nossos compositores do carnaval. Eles gravavam suas composições em fita de rolo e divulgavam através das emissoras de rádio. As músicas eram bastante executadas e todos ligavam pedindo para ouvi-las.

Em 1969 existiu também em Teresina o conjunto Golden Girls, formado exclusivamente por mulheres. Esse conjunto teve vida curta, embora tenha conseguido se apresentar em vários locais, como no auditório da Rádio Clube, onde futuramente seria instalado o da TV Clube. Neste mesmo ano surgiu na capital o cantor mirim Jurandi Vieira, causando uma grande sensação nos programas de auditório.



# Perfil

## Professor Clemente Fortes, Educador e Crítico do Direito Civil Brasileiro: Um perfil intelectual e histórico

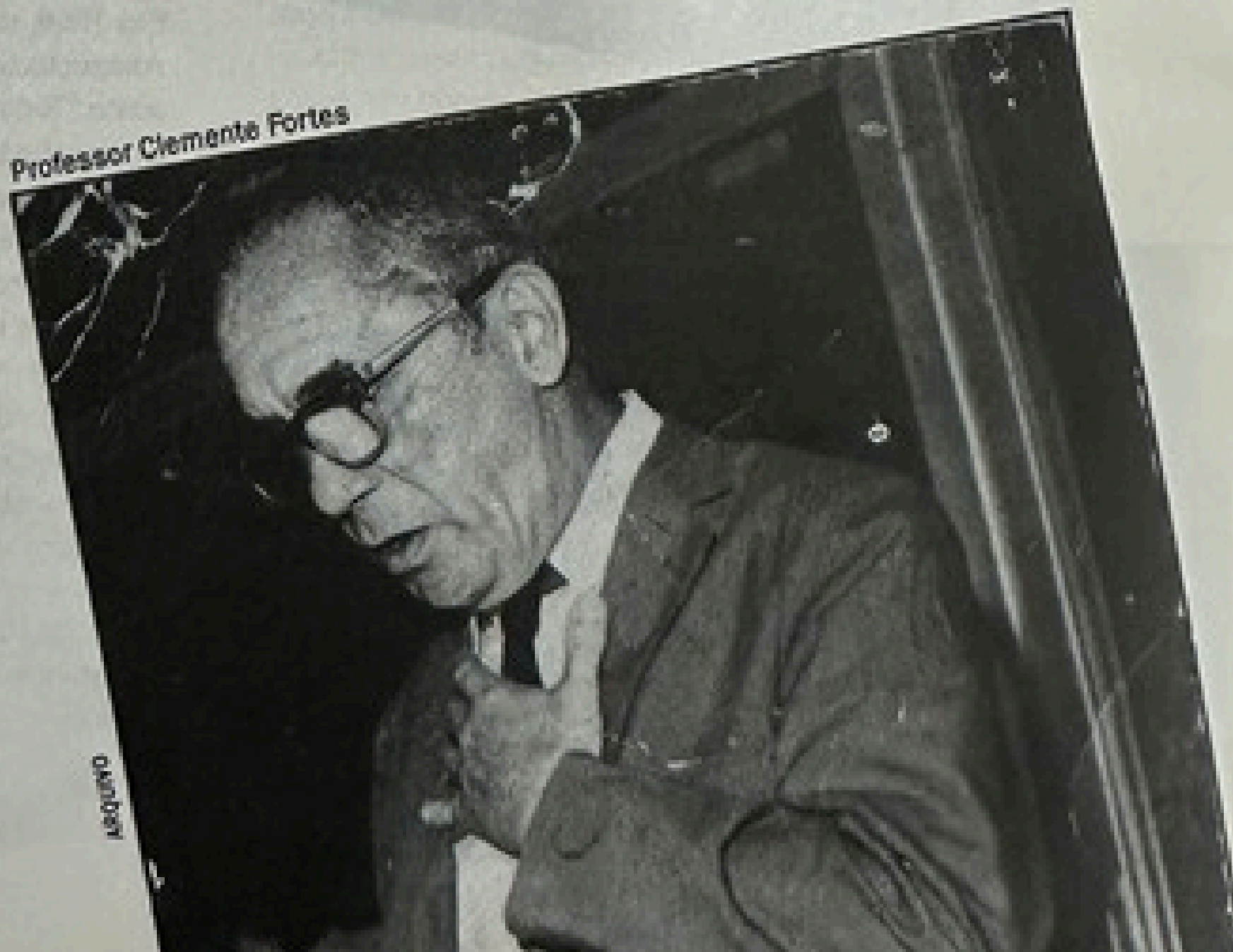
Antonio Francisco P. Fortes

# 1936

É difícil imaginar como seria Teresina, localizada em seu passado de antiga província do nordeste brasileiro. A visão de uma cidade do interior cheia de árvores nas ruas e de mangueiras nos quintais, ruas calçadas de pedras, uma arquitetura monótona de alguns poucos casarões escuros e muitas casas baixas e pobres, sempre escuras também, está petrificada até hoje na realidade urbana por todo o sertão nordestino. Mas a fama da cidade sempre foi outra. O calor intenso o ano quase todo é como que uma marca do encontro dos rios Poti e Parnaíba, desde tempos imemoriais; o céu povoado de urubus a circularem nos baços do ar quente que sobem até fazê-los desaparecer em minúsculos pontos negros no azul profundo; as noites, límpidas de estrelas, embaladas por muriquocas vorazes e o cricrilar de milhões de grilos; a pobreza, a rotina

dos dias, dos anos inteiros. Para os homens e as mulheres daquela cidade concebida para um transporte urbano cujas distâncias não excediam os 3.000 metros entre os dois rios, o mundo lá fora de fantástica prosperidade e riqueza dividia-lhes o imaginário com muitas lendas antigas. Como a se proteger do desassossego, a vida na cidade filtra vagarosa a história cultural e política do país e do mundo pelos seus caminhos ardentes e ruas estreitas, entre o centro do poder, o empório comercial e a sede da Igreja. É ali o berço reprodutor das elites, e a vida segue regida por uma extensa rede de influências familiares. É nesse berço entre duas águas que se graduava naquele ano, na Faculdade de Direito, *faute de mieux*, o jovem Clemente Honório Parentes Fortes, com apenas 21 anos de idade. Trazia consigo a convicção dos valores de uma cultura jurídica que ele aprendeu nos livros dos mestres do *status quo*: Clóvis Beviláqua, Pontes de Miranda, Orozimbo Nonato, e no código civil francês. Secretamente, ele quisera ser engenheiro, ter ido para a Escola Politécnica de São Paulo, no sonho que se alimentava na industrialização implantada pelo Estado Novo. Mas foi outro o seu destino individual. Na província, a retórica, herança da literatura portuguesa, era mais promissora que a revolução em uma indústria inexistente. De família pobre e numerosa, sua índole familiar o levou, ainda adolescente, a trabalhar para o sustento da mãe e do irmão caçula, que se graduou em agronomia em Maceió para não mais voltar. Já se definia aí um traço inconfundível do seu caráter, na solidariedade duramente aprendida em tempos de escassez. *Primus inter pares*, foi-lhe impossível transpor os limites do horizonte católico e da cultura de autodidata. A contradição entre o secular e o religioso, pensada filosoficamente, só muito mais tarde se revelaria uma verdadeira preocupação, diante da polarização ideológica entre a Igreja oficial, aliada e participante do poder oligárquico local, e a Igreja das comunidades eclesiais de base dos anos 60, a que se nutria em meio à pobreza mais atroz. Ali tiveram origem os segmentos modernos do radicalismo de esquerda no país. Mas, naqueles tempos longínquos, as chances eram poucas, e a presença da Igreja inescapável. Naquele mundo ele encontrou os elementos do humanismo universal, manifestos em sua visão do direito de família e da liberdade individual enfeixados por um estóico moralismo racionalista. Seu casamento com uma

Professor Clemente Fortes





na dignidade do indivíduo, dava-lhe a dimensão exata da teoria do abuso dos direitos face ao que ele chamava criticamente de individualismo jurídico:

*O individualismo jurídico que definiu o direito de propriedade com o absolutismo que as servidões legais mal arranhavam; que limitou a responsabilidade civil com as muralhas do conceito clássico de culpa; que repeliu qualquer adoçamento ao princípio **pacta sunt servanda**; que sancionou quase sem restrições o pátrio poder e ao marido, de companheiro fez senhor da mulher, o individualismo jurídico não pode resistir ao esforço de integração de novos direitos do homem ao quadro antigo.*

Mais afeito às generalizações teóricas que à prática cotidiana da advocacia, seu sucesso como advogado restringiu-se a uma ou outra causa de pouca importância, que ele não via de qualquer forma como meio eficaz de fazer valer suas idéias. Em algum momento de sua vida, ainda julgou possível uma indicação para uma desembargadoria do estado, frustrada pela sua intransigência de moralista insubmisso. É como professor que se revela o seu talento e sua influência. Assim começava um de seus discursos:

*Para quem não tem sido mais que um dador de aulas e com esta missão se sente plenamente satisfeito...*

Sua dedicação de toda a vida ao magistério deu-lhe os elementos para reconhecer as distorções com que o patrimonialismo da sociedade impregnou todo o sistema de ensino superior no país, a começar por sua crítica severa ao oportunismo político da vitaliciedade da cátedra, que, nas suas palavras, "estava longe de constituir seguro processo de escolha de docentes". Atingia assim em cheio a estrutura caduca e conducente à incompetência acadêmica que durante décadas cristalizava na cúpula docente das escolas superiores do país grupos de indivíduos mais inclinados à estabilidade do emprego de ridículo funcionário público que à tarefa de transmitir e criar conhecimento de uso social. É dele a longa definição do mestre, aqui reproduzida na íntegra, que ele utilizou para avançar suas críticas ao patronato da cátedra:

*Seria o [professor] capaz daquele trabalho humilde de transmitir, no sossego das salas de aula, despretenso de palmas e sem temor de invectivas, de transmitir quanto de ciência impunha o seu programa? Teria ele a paciência de formular, conscientemente, o roteiro do seu magistério? Teria ele a modéstia necessária a reformulações, a correções e a deixar patente aos moços inquiridores os erros de sua caminhada? Seria ele capaz de compreender que sua cátedra não era uma área autônoma no currículo da escola, mas parte integrante de um ensino que tinha endereço mais para o largo, para o universal? Teria ele a visão clara de que o seu mundo poderia mudar, e ensinar, pela palavra e pelo exemplo, que a mudança se poderia fazer sem violência, criatura da perseverança e da razão? Seria ele bastante honesto para deixar fora do recinto das aulas os assuntos fúteis e impertinentes com o que, não raro, se toma o tempo a elas destinado e trazê-las preparadas? Poderia despir-se de toda pretensão de saber definitivo e não deslembrar-se de que lhe impende estudar*

jovem normalista, fora das influências oligárquicas, revela-o um *paterfamilias* de prole numerosa. Ainda muito jovem deixou-se fascinar pelo romantismo de Antônio Francisco da Costa e Silva, sobre quem deixou uma expressiva e pouco conhecida crítica literária, publicada em 1950 pelo jornal local *O Meridiano*. Avido leitor das tragédias de Racine, de toda a literatura portuguesa, de Machado de Assis, da poesia lírica de Manoel Bandeira, do Dom Quixote, e amante das sinfonias de Beethoven, sua erudição foi tão caracteristicamente clássica que, se lhe serviu para conquistar os domínios de um humanismo verdadeiro, o impediu na maturidade de reconhecer a importância do movimento concretista na literatura brasileira, trazida, aliás, por um piauiense, Mário Faustino. Não foi assim um crítico do pensamento católico. Ao contrário. Sua leitura do Direito Civil brasileiro o levou naturalmente à afirmação legalista do indivíduo sobre a sociedade através da *instituição*, contrariando o grande sociólogo Emile Durkheim, e daí à afirmação da família como necessidade humana que o Direito deve disciplinar pelo casamento indissolúvel. Nada mais consistente com a posição moral da Igreja. Ele dizia em seu discurso de paraninfo da turma de 1966:

*O casamento é instituição e não contrato. [...] há de ter tratamento e inteligência específica, que o retire de vez aos esquemas mentais com que tratamos as obrigações em geral. O casamento é por natureza e em princípio indissolúvel.*

O casamento é a forma, a família, a realidade biológica pré-existente. E ensinava: "Família é pai, mãe e filhos". Divertia-se à larga com os amigos que levavam a sério identificar antepassados barões, condes e duques assinalados, inventando a estória de seu nobre antepassado, o Príncipe Ibn al-Akhbah - do árabe, O Mais Forte, de onde lhe vinha o sobrenome - que emigrara da Península Ibérica para o Brasil como exilado político. Sua crença na dignidade da inteligência

*sempre, todo dia? Aproximar-se-  
la dos moços disposto ao diálogo,  
sensível às suas reações,  
estimulando os atentos e atraindo  
os indiferentes e moderando os  
exaltados? Atenderia a que, no  
mundo que vivemos, as escolas  
não se destinam à formação de  
elites inúteis e exploradoras, mas  
são antes incumbidas de atribuir  
missões de servir à comunidade  
que exige revisões de valores para  
progredir? Aceitaria tanto  
trabalho, tantos deveres sem  
aspirar a mais compensação  
material que uma vida decente e  
compatível com a tônica de sua  
atividade intelectual?*

Além do discurso moralizante, não  
estaria aí uma descrição de sua  
convivência acadêmica? Não é  
exatamente isto que, nos dias de  
hoje, orça pesadamente a reputação  
da maioria das universidades  
brasileiras? Entender o presente  
requer o uso consciente das lições  
do passado tal qual elas são. Tem-se  
aí um decálogo. Mas tem-se também  
dez indicadores claros de alguns dos  
entresos à modernização da  
universidade brasileira.

Sua trajetória profissional passou  
longos anos pelo ensino secundário  
da língua portuguesa, complemento  
indispensável da renda familiar e  
ponto de partida de sua presença no  
raríssimo cenário intelectual da  
cidade. Como não poderia deixar de

ser, sua reputação trazia aquele dom da genialidade tão  
característico na sabedoria popular nordestina, forma de se  
consagrar o caráter distintivo de certas pessoas entre nós.  
Com todos os ingredientes para uma carreira política ao seu  
alcance, as ligações e os comprometimentos da política  
tácita das oligarquias com a miséria escandalosa e o mais  
reles obscurantismo eram o anátema para o idealista, cujas  
ambições habitavam os domínios eticamente impolutos da  
academia. Mas os limites estreitos e as contingências da  
provincia, escolhida afinal como campo de batalha de sua  
vida inteira, se revelariam insuperáveis anos mais tarde,  
reafirmando-lhe o elemento trágico do seu caráter, que ele  
encontrara nas suas leituras de juventude em Racine. Foi  
lhe impossível a ida para o Rio de Janeiro, destino do  
êxodo de gerações de intelectuais, nordestinos como ele,  
que permaneceu um plano de juventude. Enquanto lhe foi  
possível articular as possibilidades de sua visão de  
educador, atualizada nas leituras de Fernando de Azevedo,  
Anísio Teixeira e do Padre Leonel Franca, existiu difuso o  
sonho de uma universidade, trazida pela primeira vez  
àquela cidade pobre de idéias inovadoras. O atraso  
avassalador se encarregou de bloquear-lhe uma avaliação  
realista destas possibilidades. E bloquearia a de qualquer  
outro que tentasse o mesmo salto. Afinal, a política  
educacional do governo traduzida nas normas  
corporativistas do Conselho Federal de Educação e do  
Ministério da Educação para o país inteiro, e não somente  
para o Nordeste da pobreza, já vinha definindo  
historicamente os destinos da educação no país. E, no  
entanto, sua consciência de estudioso do direito e da  
filosofia provocava-lhe quase que uma veneração profunda



por estas instituições!

O período após a II Guerra Mundial foi de rápida expansão industrial e urbana em todo o país, ajudado pelos reordenamentos da economia mundial e pelos investimentos da indústria norte-americana no Brasil. Após o golpe militar de 1964,

Teresina já era não só o centro do poder político do estado, como também um pólo de migração do interior para a capital, de quase todo o vale do Parnaíba. O crescimento da classe média local gerou alguma prosperidade e forte demanda pelo ensino universitário, para além dos bacharéis, suficientes apenas à burocracia bancária e ao governo. A emergência desta pequena burguesia era a consequência do chamado "capitalismo político", como se refere Faoro à aliança entre o comércio e a política no Brasil do fim do século XIX, para identificar nele a falta de iniciativa empreendedora. Na província, atados todos por um poder para o qual "todo o pensamento político se resume em conservar as coisas como estão, em manter a presa", como nos diz Manoel Bomfim, os ecos da modernidade sempre chegaram meio fracos e tardios.

A criação da Faculdade Católica de Filosofia, Ciências e Letras do Piauí em 1960, com o suporte do arcebispo da cidade, foi assim sua realização suprema como professor. O reconhecimento federal da faculdade anos depois custou-lhe um ano inteiro de várias peregrinações aos corredores da burocracia do CFE no Rio de Janeiro. Foi-lhe penosa a tarefa de convencimento dos conselheiros, desconfiados de uma tentativa anterior vinda do mesmo Piauí, quando criou-se no papel uma universidade inteira de cursos os mais estapafúrdios. Mas conseguiu. Como diretor da Faculdade de Filosofia, que funcionava à noite, a um tempo em que continuava dando aulas de português pela manhã na Escola Industrial, de nível secundário, dirigindo a Faculdade de Direito e dando aulas de Direito Civil à tarde, a vida do Professor Clemente Fortes não conheceu descanso. Convidou um a um os novos integrantes do corpo docente da nova faculdade, compondo um mosaico, e um espelho, do

panorama intelectual possível de Teresina. Alguns dos padres italianos do colégio dos jesuítas também estavam lá, marcando ainda ali com sua presença a aliança secular e indissolúvel com o poder estamental. Historicamente onipresentes, eles também dividiam tarefas com a catequese religiosa para os adolescentes da classe média abastada da cidade, formando a geração futura dos donos do poder. Talvez para o Professor Clemente, a contradição de ser um dos pioneiros da idéia de implantar o ensino universitário público e gratuito no estado, livre e independente, enquanto criava e dirigia uma escola privada de orientação católica, fosse um motivo pessoal de tensão que só encontrava alívio no hábito de fumante compulsivo. Sua tática como educador o fazia vislumbrar no seu esforço a etapa possível naquelas circunstâncias.

Foi esta a razão existencial maior que lhe consumiu os últimos anos de sua vida. A Universidade de Brasília era então uma utopia grandiosa demais, um pólo de atração irresistível para não ser tentada, discutida, divulgada entre os seus alunos e ardentemente ambicionada. A originalidade intelectual não existe *ex nihilo*. Para se estar à frente de seus contemporâneos, é necessário que se entenda, no exercício livre da inteligência, o jogo completo das realidades física e social do seu tempo. É esta compreensão do mundo que distingue os grandes estadistas, os profetas, os grandes cientistas. Empolgado pelo projeto da universidade moderna, inspirada no dinamismo do modelo norte-americano, o Professor viu e entendeu as forças que se arregimentaram naquele microcosmo para sucedê-lo. Seu pensamento civilista o levava ao confronto inevitável: o liberalismo dos direitos e garantias do cidadão eram subversivos ao patrimonialismo da sociedade brasileira, aguçado ali pelo acaudilhamento do governo do estado pelas famílias dominantes.

Consciente das atrocidades políticas praticadas no país, comparava-as em condenação veemente à tirania stalinista cometida contra "os geneticistas russos" que se recusaram a subscrever o que estupidamente preconizava o governo soviético. Mas para o círculo fechado dos favorecidos do poder, a sua defesa lúcida e corajosa da liberdade individual - construída na mais pura tradição do chamado "Estado burguês de direito" - não fazia dele um protagonista confiável para a direção da Universidade Federal do Piauí, seu desafio e sua miragem. Nem o poderia ser de outra forma. Como Machado de Assis, sua compreensão do Direito Civil o fazia abominar o jogo bruto dos interesses em política, agravados ali pela prepotência e pelo arbítrio e dissimulados pela máscara da retórica bacharelesca vazia e bajuladora do poder.

Sua morte repentina no Natal de 1974 desimpediu o caminho para o controle definitivo da UFPI pela teia de influências das oligarquias.

Aos seus incontáveis alunos, de todas as classes sociais, por mais de quarenta anos a missão do civilista Clemente Fortes foi a mais nobre das missões, desta que é a mais numerosa profissão do planeta: professor. Os ensinamentos dos nossos melhores mestres têm aquela dimensão universal do disseminador da palavra verdadeira, a da permanência dos valores fundamentais da condição humana. Eles são parte indelével de nossa própria memória.

*"Great was the company of the preachers... Their sound is gone out into all lands, and their words unto the ends of the world."*

Antonio Francisco P. Fortes, 43, Ph.D. em Mecânica pela Universidade do Minnesota, USA, e Professor Adjunto da Universidade de Brasília.



# O QUADRINHO DE ARTE DE AMARAL

**A**s Histórias em Quadrinhos podem ser uma forma de expressão plástica que transmite idéias, conteúdos, refletindo o ciberespaço pessoal de um autor, com estilo.

Os quadrinhos podem ser arte, como a pintura do teto da Capela Sistina conta a história da Bíblia, as iluminuras dos livros medievais ilustram textos e a via crucis/via sacra das catedrais narra a morte de Cristo em imagens.

Como o cinema de autor reflete a visão de mundo de diretor( como Felini, Kurosawa, etc...) e seu estilo de contar, a literatura em imagens impressas que é o quadrinho também conta muito da biografia e das crenças do seu autor, e, por decorrência, reflete também o meio social, o ambiente cultural e a época na qual o autor-artista está inserido.

Assim um Bosch reflete a religiosidade medieval junto com a simbologia da heresia mística dos alquimistas.

Um Sautrer reflete os traços rápidos da pintura zen japonesa e mecla-a com recursos gráficos da arte do poster-cartaz impresso em gráfica.

E um Kawagushi usa animação em computador para criar vídeo-arte que profetisa a realidade virtual ao construir mundos que reflete sua preocupação Biónica e seu esporte-prazer de mergulho nas paisagens, da flora, fauna e ritmo submarino.

Pois é inserido nesta evolução da abstração, neste apurado senso de fruição estético que nossa época vem desenvolvendo em ritmo vertiginoso que surge a obra plástica-narrativa de Amaral.

Na época da manipulação da imagem de um Peter Greenaway, das hipermídias, o vídeo-game e vídeo-clip com sua sobreposição de ritmos visuais e janelas ( windows ) que pulverizam o "sentido" hermenêutico e fragmentam caoticamente os eixos semióticos, só poderia surgir na nova geração de quadrinhos, na nova linguagem icônica.

E Antônio Amaral é seu profeta.

Amaral está produzindo o que há de mais vanguarda nos quadrinhos do Brasil hoje, sua obra é inovadora em um nível internacional, pois nada pode ser encontrado no mangá japonês ou no quadrinho europeu que seja possível de comparação com ele.

E sem analogia é difícil julgar, tudo o que é muito novo à primeira vista assusta, rompe padrões, desnortea, quebra cânones consagrados e dogmas estéticos.

"O incomparável é incompreensível" disse o filósofo da comunicação e da arte Flusser no livro "Pós-História".

É preciso abrir-se para o novo ao ler Amaral, seu trabalho tem a ousadia inovadora de um Druiller e a

magnitude de um album como "Saga de Xam".

Estes são os critérios com os quais devem ser comparada sua contribuição às Histórias em Quadrinhos.

Tive o privilégio de conhecer o autor e a obra ainda inédita,

um prazer de descoberta do pesquisador e professor universitário.

Tive o privilégio de publicar trechos desta obra prima na revista alternativa Barata, que edito em Santos-São Paulo.

E agora tenho o privilégio de escrever sobre esta obra que não pode ser ignorada, que é história para o quadrinho do Brasil e do mundo, e, como toda ruptura, causa, à primeira vista, estranheza.

Paciência chegue-se a Amaral como quem chega a um novo país, pois é esta a magnitude de seu trabalho.

Amaral propõe e põe a nu um novo mundo, na nova realidade, virtual, ciberespaço!!!

Como Augusto dos Anjos na poesia, Antônio Amaral nos quadrinhos escapa às necessidades dos acadêmicos de classificação, ele é incertae sedis, à margem ou acima de todas as categorias, é o máximo da originalidade!

Seu traço veloz e manchado chega a graus "insuportáveis" de abstração, de economia, exercitando o hemisfério direito do cérebro do leitor e instaurando sua estética da abstração para a linguagem dos quadrinhos, historicamente figurativa e concreta.

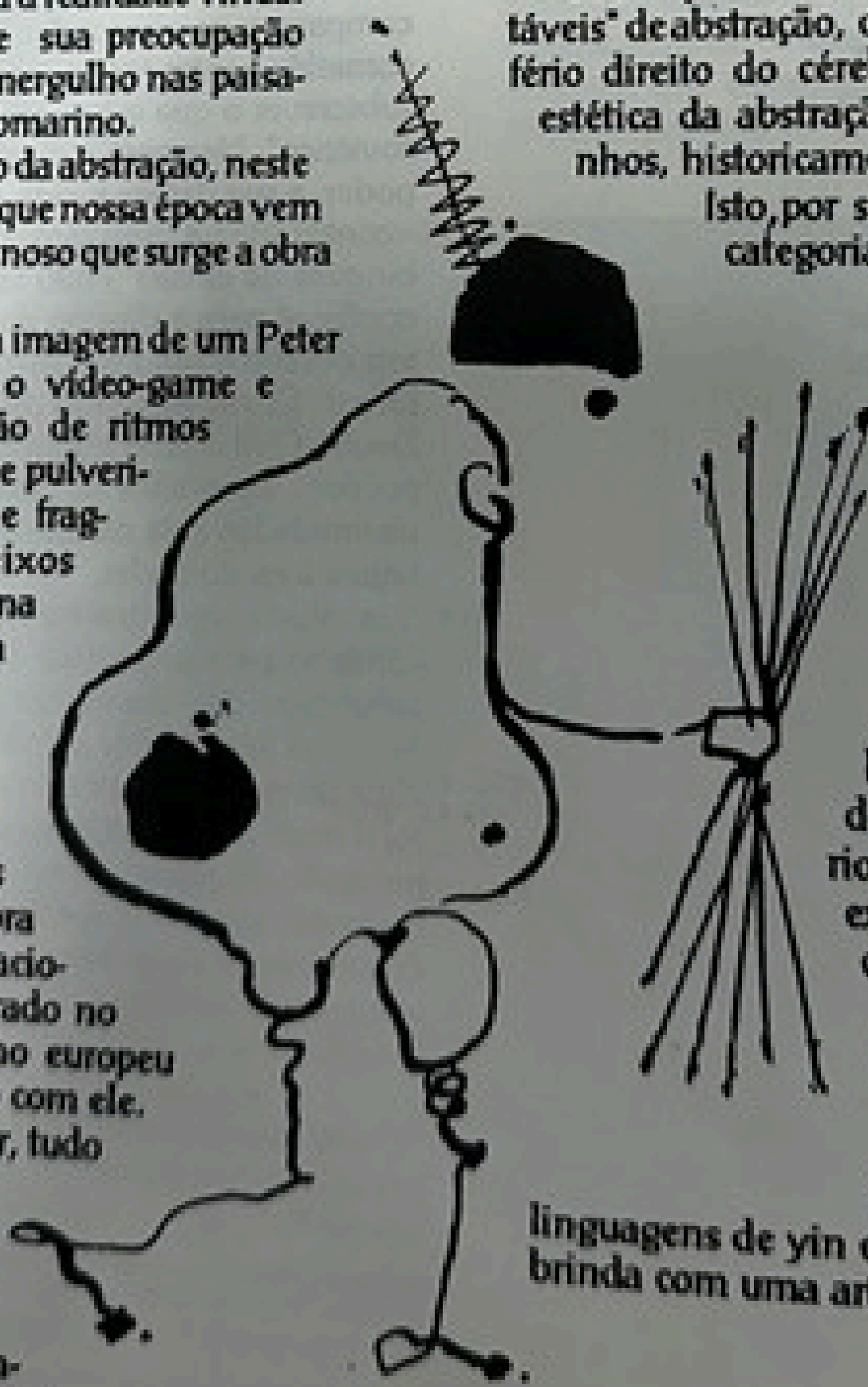
Isto, por si só, já bastaria para colocá-lo na categoria de gênio.

Mas soma-se a esta expressão plástica de ruptura um texto que reflete os cruzamentos heurísticos de arquivos de literatura pós moderna, onde ciberpunks mixam/sampleiam referências que vão da Política à Medicina, da Física à Literatura.

E este vocabulário pessoal, que lembra a obra poética de Augusto de Campos é o exercício do hemisfério esquerdo do cérebro do leitor, exigindo repertórios variados, estéticos, sofisticados.

Como Salvador Dali, com temas de cérebro direito e técnica de cor de cérebro esquerdo, como Escher tantos outros, Amaral

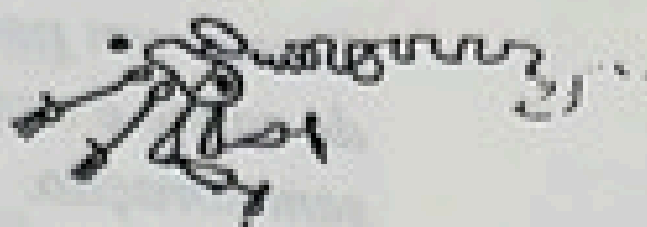
integra e equilibra em sua obra as linguagens de yin e yang, fruto de sua época, ele nos brinda com uma arte forte, atual, viva.



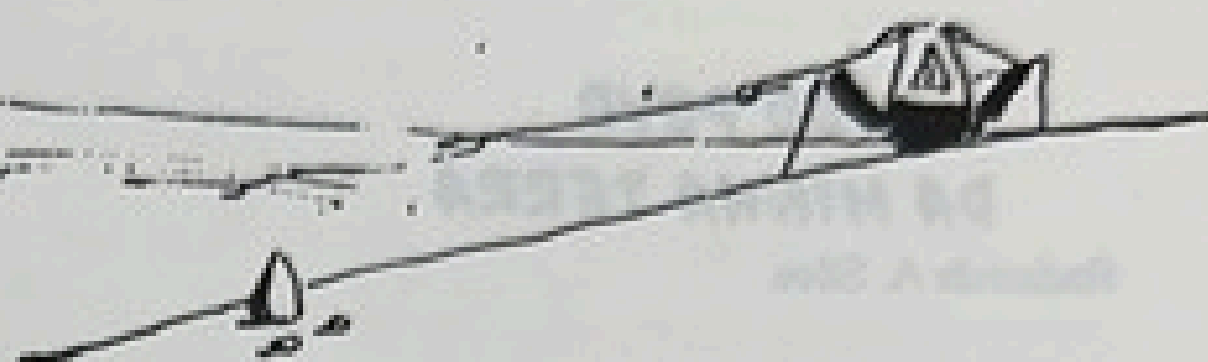
Flávio Calazans é Doutor e Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

# A PARÁBOLA DA FLOR LIGEIRA

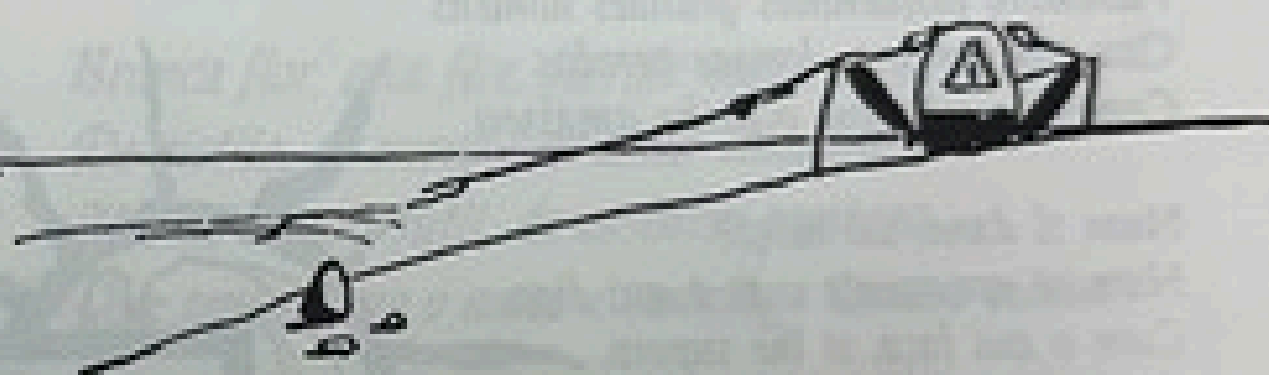
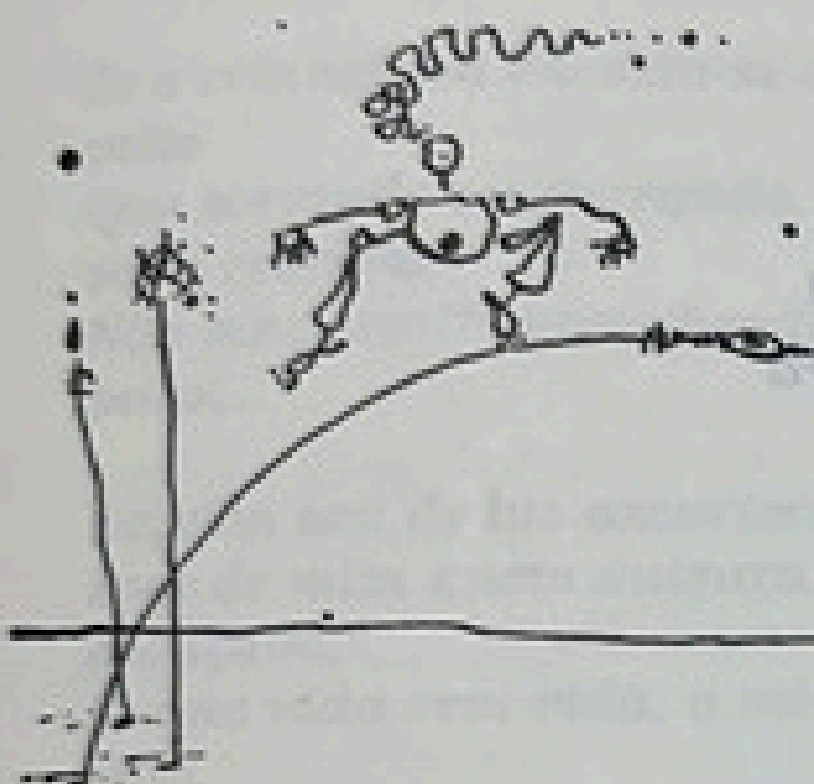
COM DELTA I E O TRIPULANTE DO NONO IMPULSOR.



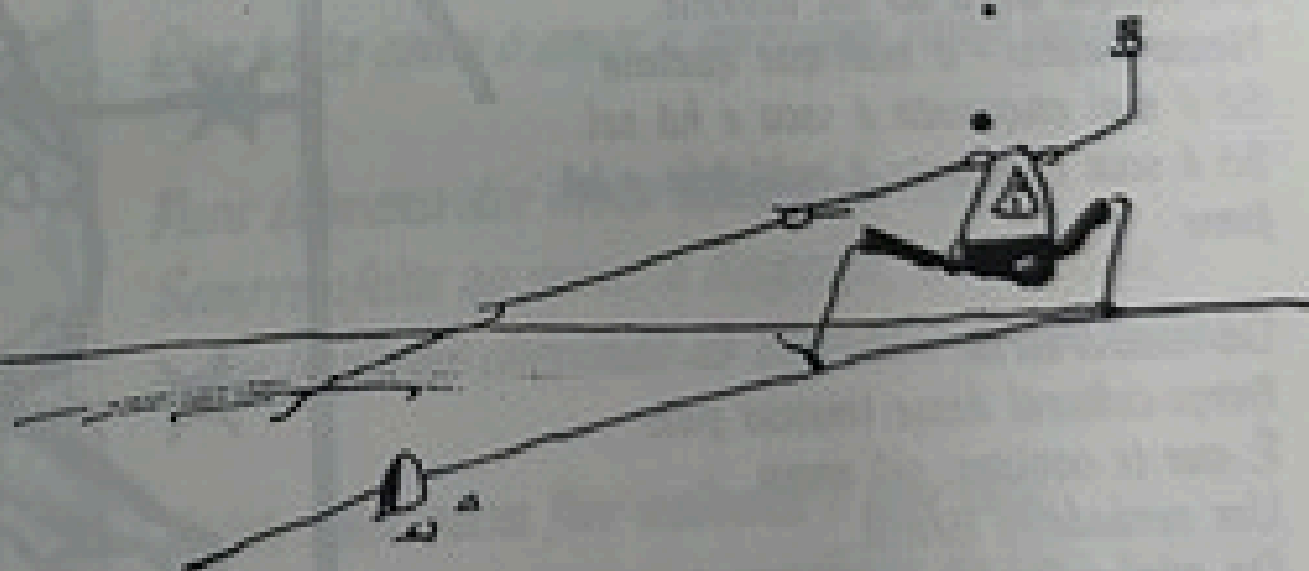
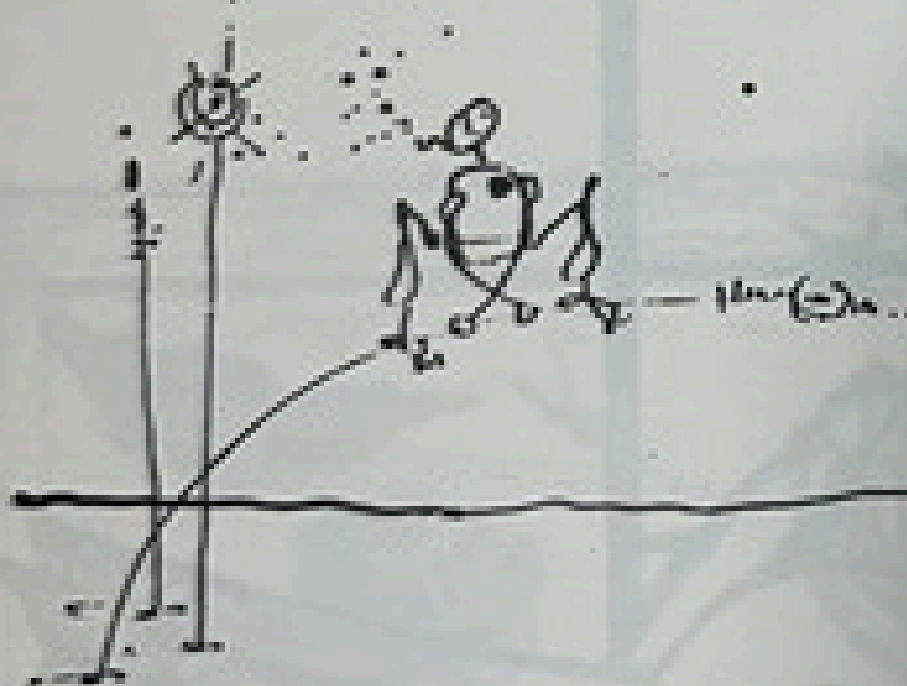
ADORMECIDO NA FUNÇÃO LOGARÍTIMA DE DOIS, DELTA I AO CUBO EXATO, NO AFA DA SALAMANDRA, DISPARCA O FIO DE AZUL NA PARÁBOLA DA FLOR LIGEIRA.



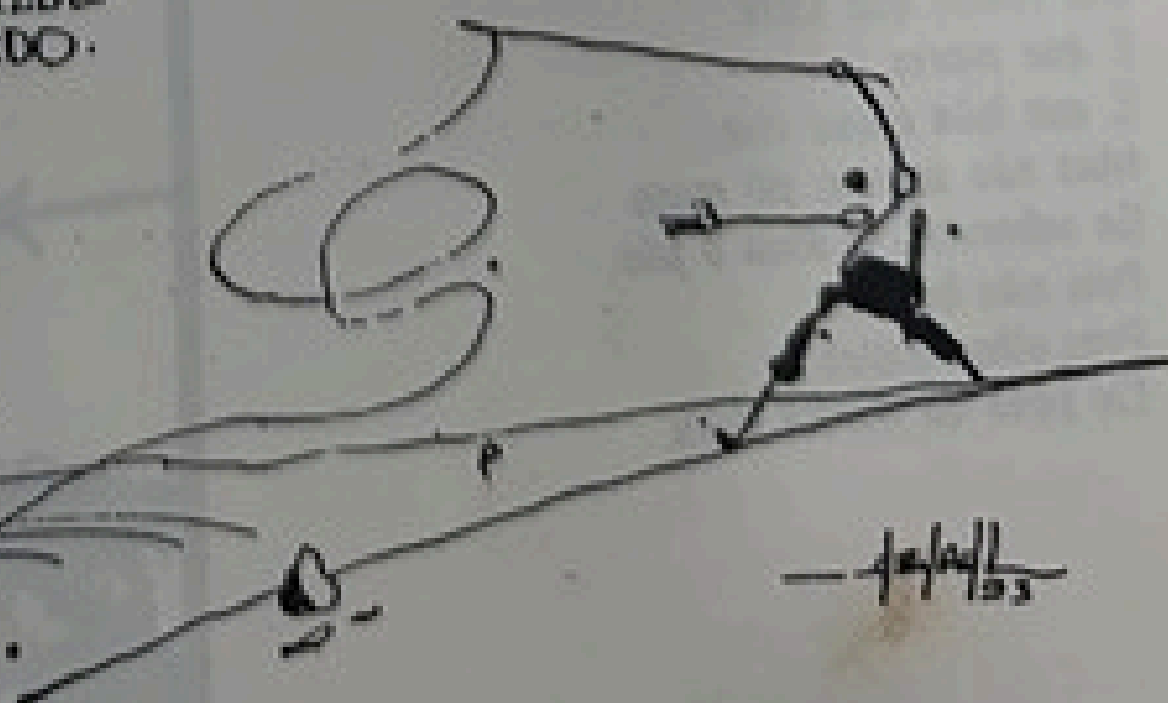
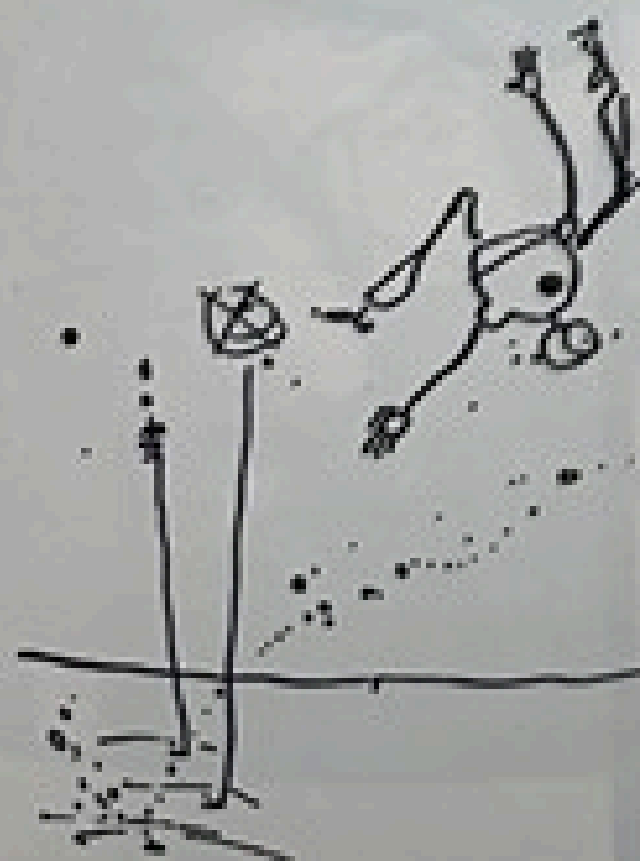
O TRIPULANTE DO DÉCIMO NONO IMPULSOR DE CARIÃO BENZIDO, ESTAFADO PELO INVERNO E QUINOCIAL, DESCANÇA A BASE DE FENOL, DECANTANDO OS SÓLIDOS LIDOS EM SEUS TANQUES DE LIPÍDIOS E ALCANCANDO O PULO E O TOQUE, ACINZENTA O IMPULSOR.



DELTA I ARNARA TUDO NA EXATA GEOMETRIA E SONHAVA COM AS CAS DA LAGARTA EM SEU ANZOL.



MAS O FAO É QUE O ALUM NÃO SABIA DO IMPREVISTO E TEMENDO PELO AZUL INVENTOU O ABGURDO.





Edinólia Fontinella

Possuo um poema  
de carne e osso,  
sem coração.

Porão  
onde escondo  
meus medos  
e disfarces.

Possuo um poema  
onde digo sempre  
NÃO!

Possuo um poema  
capaz de matar  
fraquezas  
vencer temores  
camuflar tesão.  
Possuo um poema  
com olhos de pedra  
refletindo  
a luz que guia  
os homens cegos!

### DO POVO DA MINHA TERRA

Radamés A. Silva

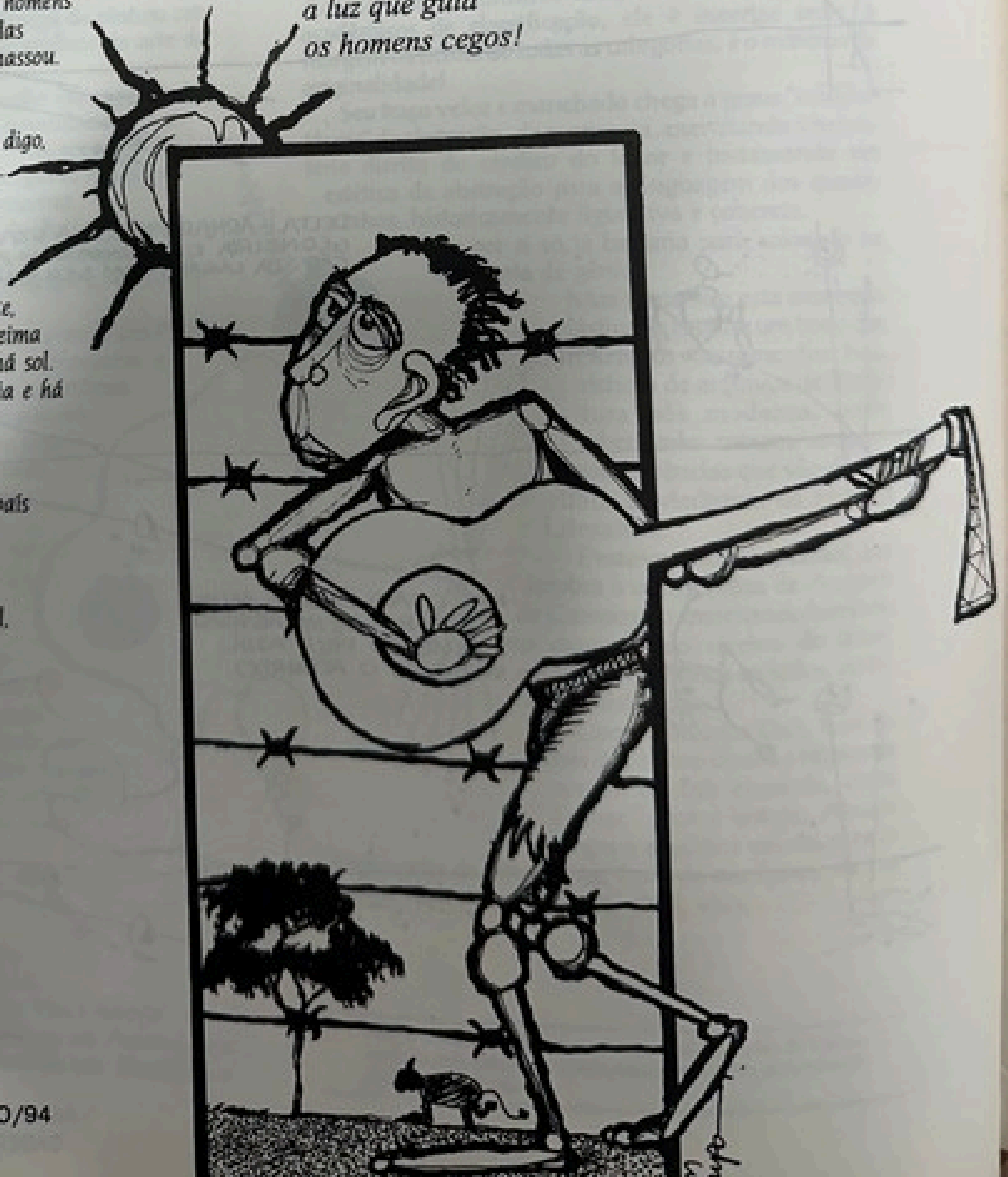
Num si 'stranhe, siô moço!  
Num si 'ngane cum a minha parecência.  
Sô nordestino, cabra da peste!  
Sô cabra-macho, muito porreta!  
Tenho sangue quente  
Do povo da minha terra.

Da minha terra de gente humilde,  
Florescem pequeninos grandes homens  
Que nos sertões - longas veredas  
Comem o pão que o diabo amassou.

Num si dane, siô moço!  
Num si apoquente cum o qui digo.  
Cum o qui faço, si lhe supero.  
Sô mais ôsado, sô revoltado!  
Tenho pulso forte  
Do povo da minha terra.

Da minha terra do sol ardente,  
Nosso flagelo - o mal que queima  
Sô é mal enquanto é seca e há sol.  
Sô é seca enquanto é indústria e há fome.

Da minha terra,  
Berço cultural desse imenso país  
É que te cantam, siô moço,  
Um verdadeiro Brasil...  
Da minha terra  
De seca e da indústria do sol,  
É que te cantam, siô moço,  
Um Brasil que sofre  
E que morre  
E que luta e que vive.  
Mas não se vive, siô moço.  
Se sobrevive, se ama o feio.  
Pois não há feio  
Pros olhos tristes  
Do povo da minha terra.



## JANELA DO PASSADO

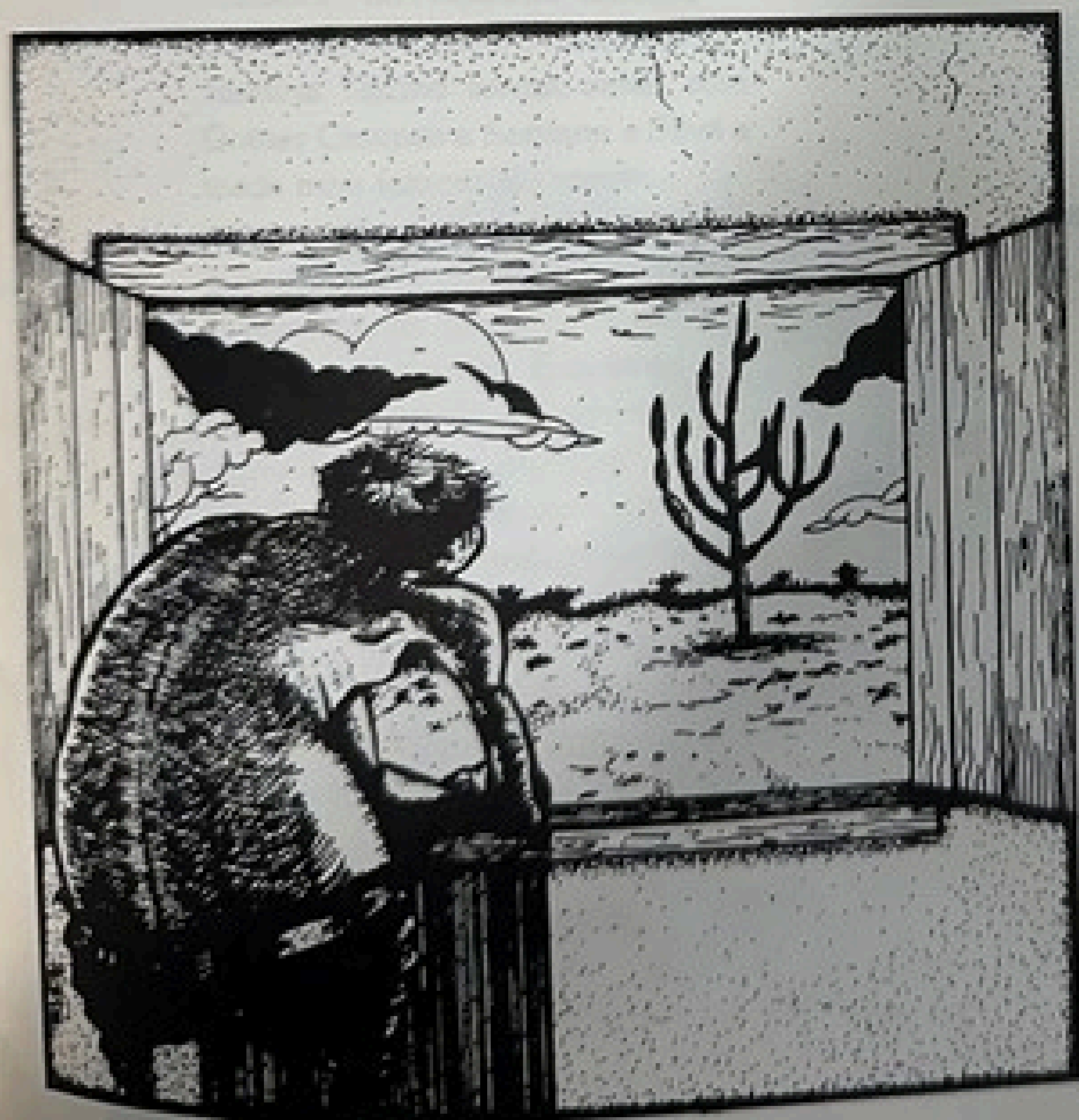
Adail Coelho Maia

*Debruçado na janela do passado,  
Ao longe, distingi longos  
caminhos,  
Repletos de cardos e de espinhos,  
Em fileiras de um lado e de outro  
lado!*

*Lembrei-me de mim mesmo, hoje  
isolado,  
Nos lugares desertos e  
mesquinhos,  
Qual ave a cantar fora dos  
ninhos,  
Num gorjeio saudoso e  
sufocado...*

*Se a criancinha encosta-se ao  
peito  
Que sorrindo ou chorando, a  
sorte escrava,  
Não me permite aconchegá-la ao  
peito!...*

*Espelho sou de luz amortecida;  
Foge de mim quem outrora me  
abraçava,  
É uma vida sem vida, a minha  
vida...*



## LÍRIO BRANCO

Lucídio Freitas

*Branca flor, alva flor, flor de neve e de arminho,  
De pistilo, de nervo e de alma veludosa;  
Flor de aroma sutil, de essência capitosa,  
Que tenta como o amor e embriaga como o vinho!*

*Lírios... Neves em flor ensombrando o caminho  
Da vida - Estrada real, escampa e misteriosa!  
Flor de aroma sutil, de essência capitosa,  
Que tenta como o amor e embriaga como vinho...*

*Para suprema dor desta alma dolorida,  
Sempre afeita ao pesar, à desgraça, ao martírio,  
- Ave implume chorando as saudades de um ninho.*

*Existe uma outra flor anêmica e sem vida,  
- Flor humana que tem a aparência do lírio,  
Branca flor, alva flor, flor de neve e de arminho...*

Teatro

# Tarciso Prado Um Grito Pazado no Ar

Acé Campelo  
Dramaturgo

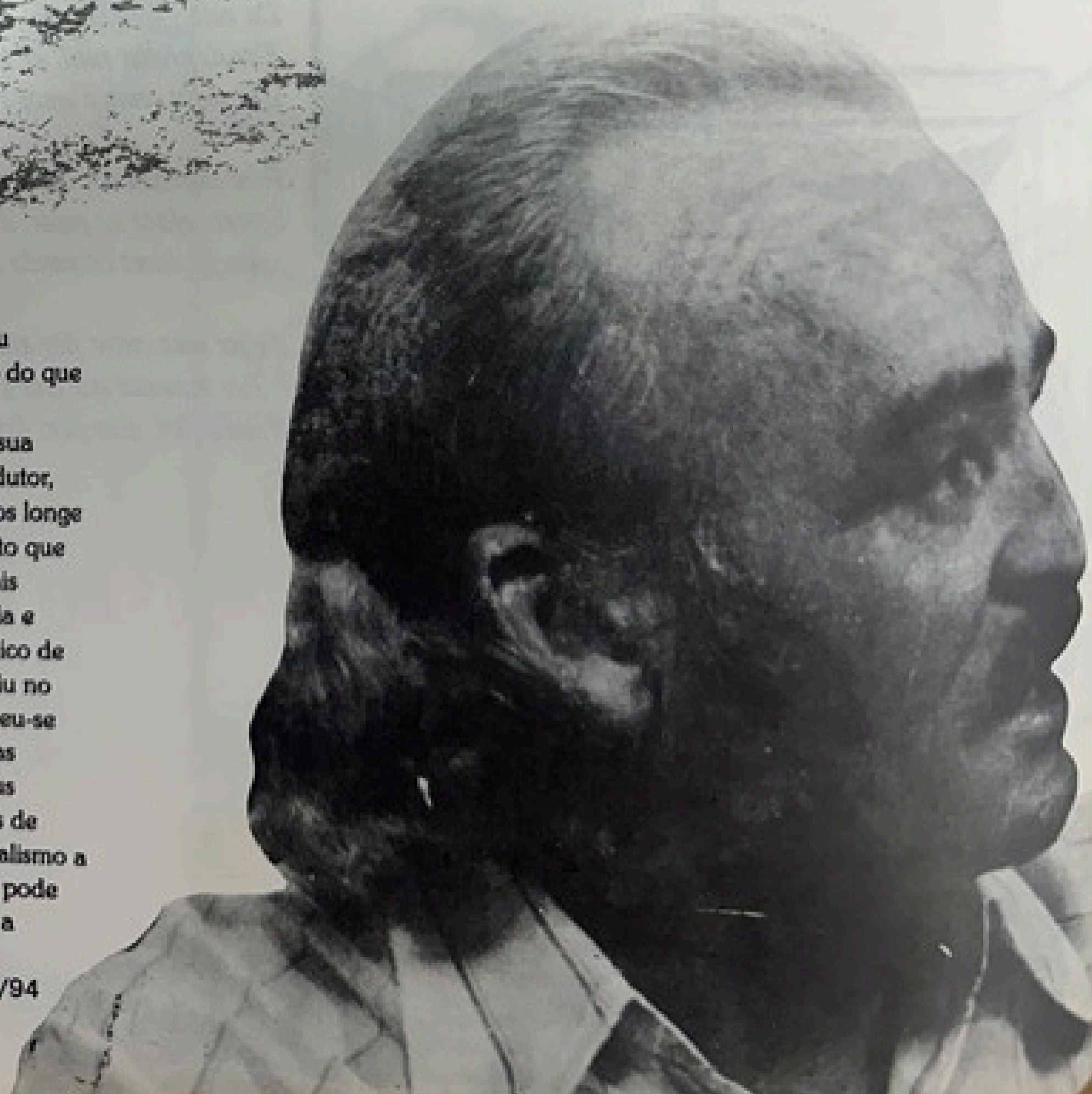
qualquer momento eclodir em belas cenas, levando o seu nome a iluminar em mil cores as marquises dos teatros. Tarciso Ximenes do Prado nasceu em Ibiapaba, Ceará, na década de trinta. De uma família que deu político, a exemplo do ex-deputado Elias Ximenes do Prado, Tarciso muito cedo enveredou pelas artes cênicas. Sua primeira morada no Estado do Piauí foi em Parnaíba, onde ficou por muitos anos. Foi em Parnaíba que começou a fazer teatro ao lado de Maria Bitencourt Lopes, dona Maroquinha, e foi lá também onde conheceu Benjamim

Santos, a expressão maior da dramaturgia parnaibana e, por que não dizer, um dos autores e diretores consagrados do teatro brasileiro, pois foi premiado várias vezes pelo antigo Serviço Nacional de Teatro e ainda hoje de intensa atividade nos palcos do sul do país.

De Parnaíba Tarciso Prado rumou para Brasília ganhar a vida como muitos nordestinos. Onde exerceu a função de gerente de loja de tecidos, mas não deixou de exercitar a veia artística fazendo recitais em qualquer lugar.

Como muitos de sua geração, também se encantou com o Banco do Brasil quando passa a exercer a função de bancário, àquela época, status e idolatria para o sexo feminino. Retorna ao Piauí e pega o cargo de gerente do BB na cidade de União, pacata província que lhe serviria apenas como atracadouro para outros vãos. De União, mantém contatos permanentes com Teresina, uma capital que começava a desabrochar, a sair de um compasso de

**N**ada mais apaixonada, instiga ou suscita idéias a Tarciso Prado do que o teatro; ele é um amante inveterado da cena em toda sua plenitude. Ator, diretor e produtor, Tarciso está há quase dez anos longe dos refletores, um afastamento que deixou o teatro piauiense mais pobre, menos rico em ousadia e criatividade, privando o público de um talento que não se exauriu no tempo, pelo contrário, recolheu-se involuntariamente talvez pelas dificuldades em viabilizar seus projetos teatrais sempre ricos de surpresas e de um profissionalismo a qualquer prova. Sua parada pode ser um grito no ar que pode a





espera, com a estudentada classe média, via Colégio Diocesano, Leão XIII e São Francisco, tentando mudar o panorama cultural e artístico da cidade. É, então, que Tarciso desembarca de vez para ficar em Teresina, o teatro continuando a dominar o homem. Rapidamente retoma seu fazer teatral, quando entra em contato com o professor e teatrólogo Gomes Campos, atuando em um grupo amador na União dos Moços Católicos.

No ano de 1964 estréia "A Canção Dentro do Pão", de Raimundo Magalhães Júnior, espetáculo que lança oficialmente o Serviço de Teatro do Estado do Piauí - Step, no Theatro 4 de Setembro. Depois apresenta-se na peça "Barco Sem Pescador", de Alejandro Casona, que inaugura o Teatro de Arena de Teresina. Tarciso forma, então, com Gomes Campos e Santana e Silva a tríade mais famosa do teatro piauiense daquela época, principalmente quando se apresentam no Teatro Nacional de Comédias, no antigo Estado da Guanabara, em 1968, com a peça "Auto do Lampião no Além", de Gomes Campos, montada pelo Teatro Estudantil Teresinense - Teste e premiada com o troféu "Negrao de Lima", do governo do Estado, como texto revelação do V Festival Nacional de Teatro de Estudantes, promovido por Paschoal Carlos Magno.

Quando o Teatro Estudantil Teresinense retorna a Teresina, estacela-se saindo os principais cabeças do grupo, mas o Teste ainda dá um último suspiro quando monta "A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água", de Gomes Campos, baseada na obra de Jorge Amado, último texto a se apresentar no velho Cine-Theatro 4 de Setembro, antes da sua reforma. Aliás, Tarciso Prado

foi o primeiro diretor do Theatro 4 de Setembro quando da sua reinauguração, em 1975. Foi ele quem montou a equipe técnica do Theatro com pessoas altamente capacitadas, dando dinamismo ao espaço e fazendo com que ele cumprisse com o seu papel de fomentador da cultura local e não um simples distribuidor de espetáculos. Todavia, com apenas nove meses Tarciso demite-se da direção da casa, quando entra em atrito com o governo que queria interferir nas pautas do Theatro.

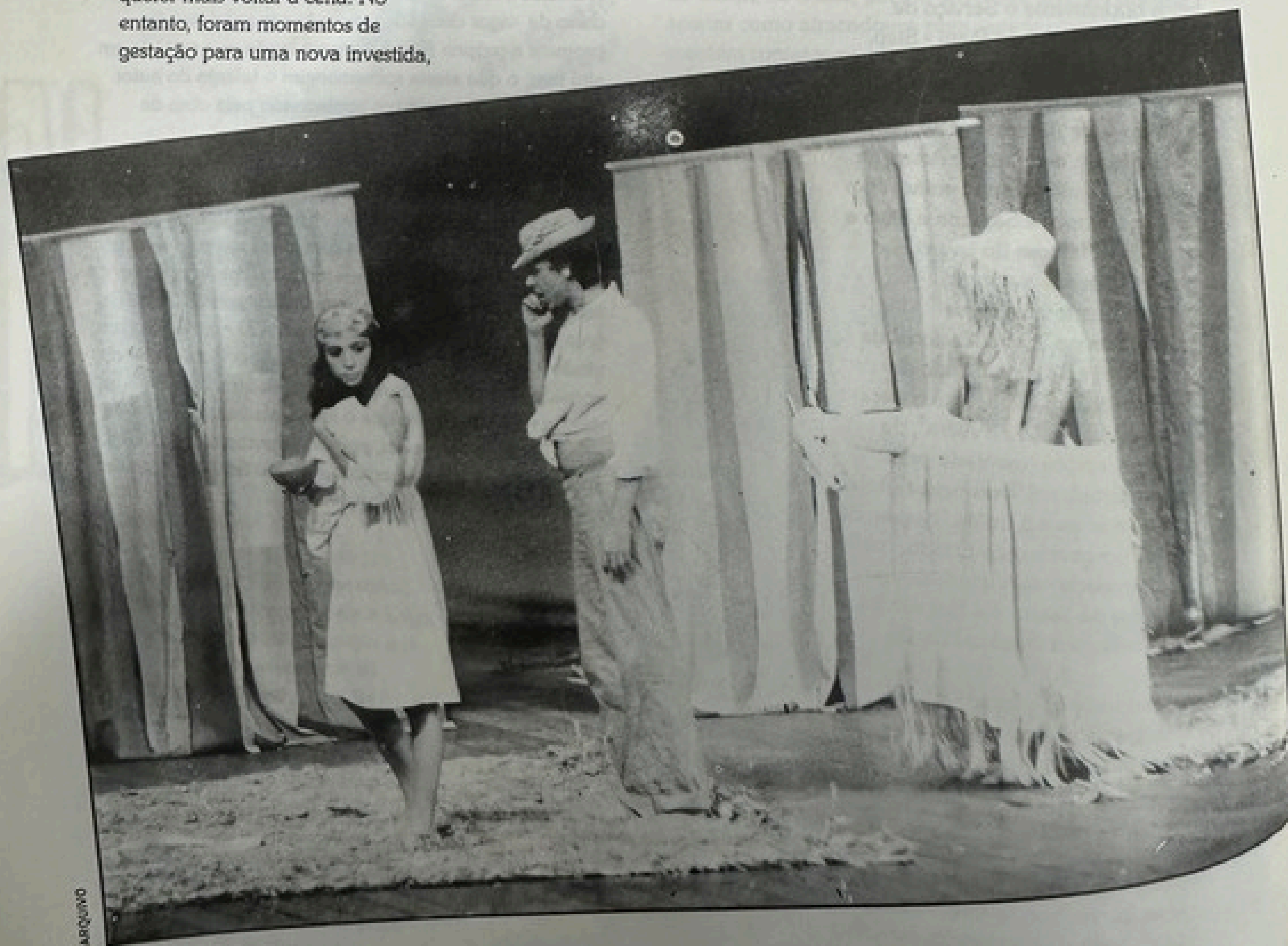
Tarciso Prado passa a atuar na vida cultural de Teresina com imensa desenvoltura em quase todos os segmentos culturais. É amigo de artistas plásticos, escritores, jornalistas e intelectuais, sem deixar as artes cênicas. Em 1975 interpreta "Transe", de Ronald Radde, depois produz "O Cabeça de Cuiá", de Gomes Campos; produz e dirige "A Revolta dos Brinquedos", de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, espetáculo infantil rico em detalhes cênicos. Tarciso organiza, com outros companheiros da classe, o movimento para a criação da Federação de Teatro amador do Piauí, debatendo em encontros, seminários e reuniões o avanço e a politização do teatro amador do Estado. Em 1979, dirige a atua em "O Reino do Mar Sem Fim", de Francisco Pereira da Silva, texto que resgata uma das maiores expressões da dramaturgia brasileira mas desconhecido no seu próprio Estado, o campomaiorense Francisco Pereira da Silva. A peça é de um tema insólito e cheio de vigor dramático, quando um pai pescador promete a própria filha à Iemanjá tendo que matá-la em alto mar, o que atesta sobremaneira o talento do autor. Desde então Tarciso é um apaixonado pela obra de Francisco Pereira da Silva.

Como diretor e produtor de teatro, Tarciso coroa sua carreira com a montagem de "O Príncipe do Piauí", de Benjamim Santos, primorosa encenação infantil onde o lúdico é fantástico e as cores compõem um painel belíssimo para a movimentação do personagem título a procura do seu próprio destino. Este espetáculo estreou em noite de gala no Theatro 4 de Setembro com a presença do autor, vindo do Rio de Janeiro, e a atriz Regina Duarte como convidada especial. Eram certos luxos que Tarciso podia se dar no meio do caos a que o teatro piauiense está acostumado a atravessar, por isso mesmo muitas vezes criticado por algumas pessoas do meio amador, que viam

nas suas produções uma ostentação fora das possibilidades do teatro local. Mas Tarciso não se incomodava, pois ao mesmo tempo que podia usar certos privilégios era um crítico mordaz da política cultural do governo, uma voz que se fazia ouvir com respeito, já que seus espetáculos eram produzidos numa relação de iguais, sem mendicância, e com resultados altamente favoráveis à cultura do Estado.

No início dos anos oitenta, Tarciso deu uma parada e parecia não querer mais voltar à cena. No entanto, foram momentos de gestação para uma nova investida,

talvez a mais importante do teatro piauiense na década de oitenta e um passo definitivo para sedimentar todo seu trabalho de homem de teatro. Em 1985, Tarciso promove a "Semana Chico Pereira", com seminários, cursos e a montagem de dois textos do autor "Raimunda Jovita na Roleta da Vida ou o Destino Quis Assim: de Pucella a Ninon" e "Raimunda Borborema ou o Amor de Lampião antes de Maria Bonita e Só Agora Revelado". Da Semana participaram convidados como Carlos Murcinho, Rosamaria Murcinho, Isis Baião, além de envolver os maiores talentos das artes cênicas do Estado. Foi um momento grandioso e que deixou a marca do teatro piauiense, pois os espetáculos rodaram vários estados do Brasil rendendo inúmeros prêmios a atores, atrizes e técnicos, a exemplo dos Festivais de São Mateus, Ponta Grossa e Campina Grande. Depois da Semana Chico Pereira, Tarciso recolheu-se. Aposentado do Banco do Brasil e casado com a professora Iveline Prado, o homem voltou-se para a natureza criando bodes e cabras. Do seu silêncio buscando a própria compreensão do ser, espera-se a qualquer momento que o teatro aflore à pele e ilumine a cena para a alegria do público. Com certeza, os gritos não ficarão parados na garganta.





Urbanism

# Considerações Sobre o Patrimônio Arquitetônico de Teresina

da situação centralizada na província. Por outro lado, a história tem esquecido a participação dos grandes proprietários da região na decisão da transferência da capital de Oeiras para o território campomaiorense. Oeiras já não detinha o poder político e econômico no Piauí. Por sua vez, Campo Maior, em cujas terras se instalou Teresina, tornara-se um grande centro pecuarista, base da economia provincial.

Na "Descrição da Capitania de São José do Piauí", memória manuscrita datada de Oeiras aos 15 dias de junho do ano de 1772, portanto dez anos após a instalação da vila de Campo Maior, o Ouvidor Antônio de Moraes Durão assim se expressava com relação à citada vila:

"Ao lado da vila de Marvão (hoje Castelo), ou ao norte da mesma, se encontra a Vila de Campo Maior, numa espaçosa e alegre campina, com 79 fogos e semelhanças de povoação do Reino defrontada de matos; é mais capaz de ser cidade que esta de Oeiras, que fica numa cafuná."

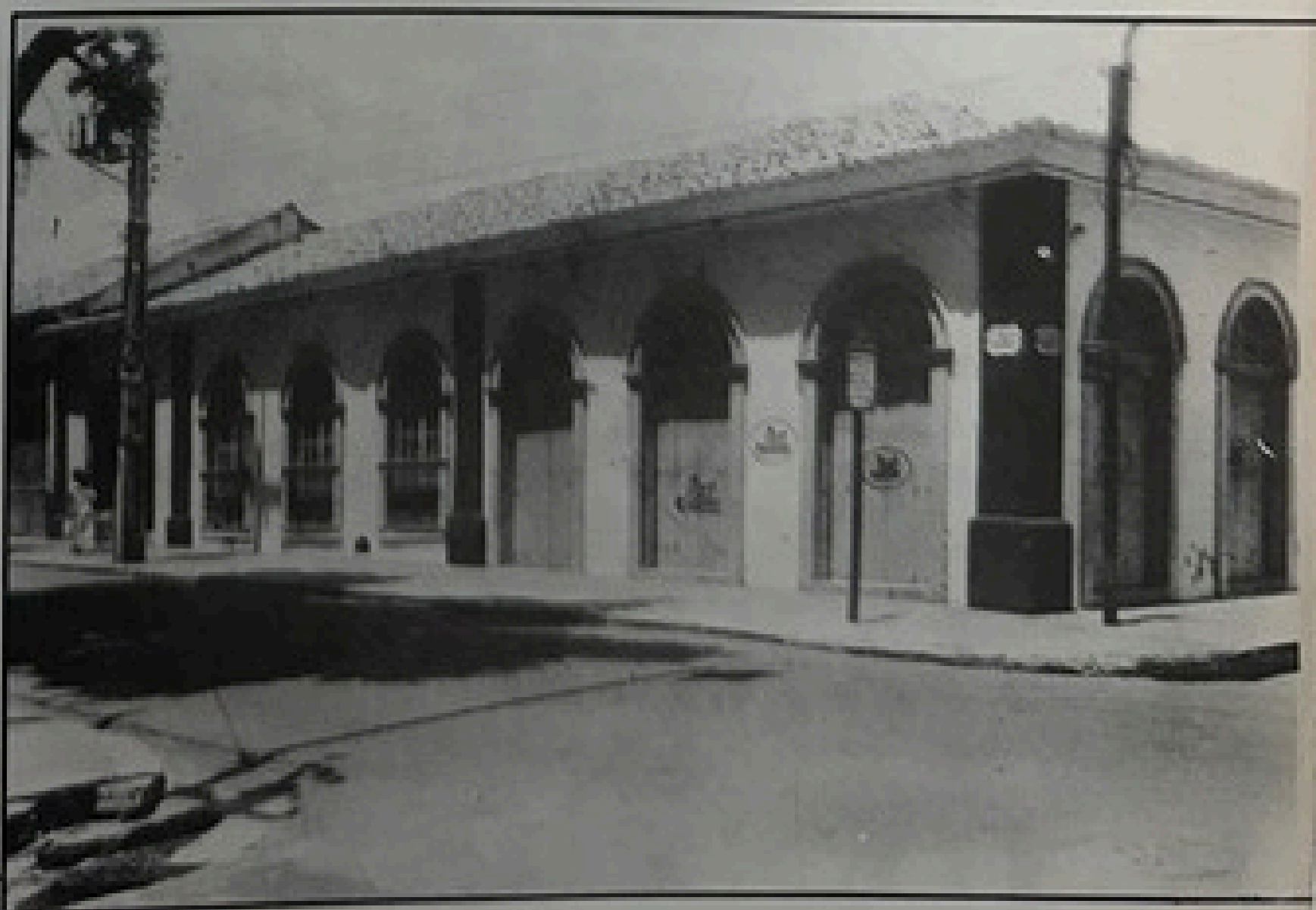
"Tem muito povo, muita fazenda e bons sítios; confina com o rio Parnaíba da parte norte, com a vila de Marvão quase ao sul, com a de Valença e de São João da Parnaíba."

Acreditamos que o prestígio e a força política dos grandes proprietários tenha influenciado na decisão do Presidente José Antônio Saraiva.

No início, as repartições foram instaladas em casas improvisadas ou em casas alugadas ou emprestadas. Elaborou-se uma planta para a nova capital, passando Teresina a ser a primeira capital do Nordeste a ser planejada, pois a cidade de Aracaju, capital de Sergipe, foi transferida de São Cristóvão para o antigo povoado de Sto. Antônio do Aracaju em 1855.

Pouco a pouco a cidade foi crescendo enfrentando as dificuldades dos primeiros passos. As construções foram

Exemplo do estilo colonial na capital piauiense.  
Esquina da rua Palissandu com a rua Rui Barbosa.



surgindo e se multiplicando com o passar dos anos. A arquitetura da nova capital, embora inicialmente colonial, adaptada às condições locais, se tornou eclética nas décadas que se seguiram com traços visíveis do neogótico e do neoclássico.

Paulo Thedim Barreto, estudioso da arquitetura piauiense, em "O Piauí e sua Arquitetura", afirma: "...as cidades do Piauí surpreendem pelo número de praças, pela unidade arquitetônica, pela largura das ruas e pelo seu bom traçado. Essas cidades que, desde então, vêm realmente crescendo se nos apresentam como se fossem delimitadas hoje, e em observância aos bons princípios." <sup>2</sup>

No momento da mudança da capital de Oeiras para as margens do rio Parnaíba, decisão política de relevância para a História do Piauí, os nomes de Jacob Manoel de Almendra, do seu cunhado Francisco da Cunha Castelo Branco, dos irmãos Pedreira, do Mestre Isidoro, do Coronel Aguiar e de João do Rego Monteiro, futuro Barão de Gurguéia, foram os que ficaram para a posteridade como edificadores, na nova capital, de prédios necessários à administração pública e de residências para seus habitantes. O Comendador Jacob Almendra, ao falecer em agosto de 1859, deixou doze prédios em Teresina, uma casa na Vila Velha do

Poti, além do sobrado em construção, que hoje abriga o Museu do Piauí. <sup>3</sup>

De acordo com Paulo Thedim Barreto, a casa piauiense era a morada inteira do Maranhão adaptada às exigências e recursos do Piauí. Apesar da planta baixa ser do Maranhão, a casa é do Piauí, assumindo, portanto, características próprias. A casa piauiense contava, em geral, com um só pavimento. Raros são os exemplos de dois ou três. A planta geralmente ou é em L ou em U. A morada inteira horizontal, com as paredes de grande espessura, caracterizou a casa do Piauí.

A arquitetura piauiense destacou-se, deste modo, pelas soluções técnicas e o material empregado, diferenciando das demais. Paredes em taipa, pedra ou tijolo cru, telhas de cerâmica, pés-direitos altos, meias paredes, avarandados abertos, pisos revestidos com ladrilhos de barro cozido. A morada inteira possuía corredor central e o quarto e sala se repetiam de ambos os lados. A varanda era sempre larga, servia de sala de jantar. Quando se necessitava de mais



Teresina tinha por características a horizontalidade e a aplicação do elemento construtivo decorativo ogival. Trecho da rua Paissandu, esquina com a praça Pedro II.

Detalhe de beiral trabalhado do século XIX.  
Praça Deodoro



cômodos, tinha o puxado que se prolongava, sendo a cozinha recuada, surgindo o corredor. Com o aumento do número de cômodos, aparecia do lado contrário um novo puxado, com outro corredor. Esta era a casa em U. Quanto à morada, caracterizava-se pela independência do quarto e da sala e, consequentemente, pelo maior comprimento da varanda. Em uma das extremidades do prédio aparecia o corredor. A sala tinha porta para o corredor, e o quarto, para a varanda. A parte íntima do prédio ainda era característica pois a parede divisória, entre a sala e o quarto prolongava-se transversalmente ao corredor, onde havia uma porta com bandeira. Externamente, o prédio tinha uma porta de entrada para o corredor e duas janelas na sala. Em face da temperatura elevada o problema de ventilação foi sempre preocupante: cômodos amplos; paredes internas

de meia altura; pés-direitos dos quartos e salas bastante altos; cobertura de telha vã. O madeiramento era de tronco de carnaúba, ao natural; o ripamento quase sempre do mesmo material. O telhado era o elemento construtivo decorativo de maior curiosidade e o que mais se destacava, pela grandiosidade, tornando as varandas tão acolhedoras e aconchegantes, lugar de maior vivência. Estas eram sempre abertas, sem rótulas, para maior ventilação.

A carnaúba foi, sem dúvida, o material mais usado na construção piauiense. A palha servia de cobertura para a casa do sertanejo e o tronco, para caibros e ripas das casas cobertas de telhas, como afirmamos anteriormente. Seu abandono se verificou quando os carnaubais passaram a ter uma destinação econômica com a exploração da cera. Atualmente, já se constata o uso da carnaubeira em determinadas construções, em face de sua desvalorização no mercado.

A forma em ogiva e suas variantes, dos vãos das portas e janelas foram elementos construtivos decorativos de larga difusão no Piauí, principalmente em Teresina. Na nova capital piauiense, tornou-se mesmo uma característica. Segundo Paulo Thedim Barreto, este detalhe provavelmente chegou ao Piauí através de Caxias, do Maranhão, onde havia abundante aplicação deste elemento. Nos dias atuais, raros são os exemplares existentes. É lamentável que este detalhe de bonito efeito tenha desaparecido da paisagem urbana de Teresina. A casa do Barão de Gurguéia, na praça Saraiva, presentemente em fase de restauração, é um dos mais expressivos exemplares de aplicação do elemento ogival, da capital piauiense.

No início da atual centúria, embora o estilo arquitetônico original ainda predominasse, verificou-se a introdução do platibanda em todo o Piauí. A introdução deste elemento construtivo, largamente usado em todo o país, se prende a vários motivos.

Com a imigração estrangeira para o Brasil, outros estilos

A casa do Barão de Gurguéia, na praça Saraiva, é um bonito exemplo de aplicação de ogivas. Atualmente o casarão do século XIX passa por restauração.





arquitetônicos foram introduzidos em todo o território brasileiro, alcançando em menor escala o Piauí. São os "chalés", com alguns exemplares em Teresina, Parnaíba e Floriano.

A introdução do platibanda se fez sentir em vários prédios da capital e do interior, o que motivou a destruição ou o abandono dos tradicionais beirais que marcavam as fachadas das residências e outros imóveis. Os beirais, muitos deles caprichosamente ornamentados, representavam uma outra característica da paisagem urbana de Teresina. Os proprietários mais abastados se esmeravam em decorar os beirais de suas residências com os mais variados desenhos. Raríssimos exemplares sobrevivem como lembrança de uma época marcante da arquitetura da cidade.

O estilo art déco também teria sua penetração no Piauí, principalmente

em Teresina e Parnaíba. Na capital podemos citar os seguintes edifícios: Cine Rex, Liceu, Hospital Getúlio Vargas, Primeira Igreja Batista. Por outro lado, o art nouveau deixou raros vestígios na arquitetura de Teresina. A grande transformação, entretanto, podemos constatar a partir da década de cinquenta. Em virtude da influência de outras regiões do país, multiplicaram-se pelas ruas de Teresina as construções de um ou dois pavimentos, com o uso intensivo do concreto, nos mais variados estilos. A partir daí, a descaracterização vem sendo uma constante. Hoje, a paisagem urbana de Teresina manifesta-se através dos múltiplos e modernos estilos arquitetônicos, na maioria estranhos ao clima e à realidade local numa transformação progressiva e incontrolável da cidade.

Restam poucas construções do século passado e do início do atual, concentrando-se o acervo nos prédios do Estado e do Município. Os particulares, quase todos se foram através da especulação imobiliária. A picareta desenfreada destruiu prédios de linhas arquitetônicas de várias épocas. A falta de sensibilidade vem destruindo a memória da capital piauiense através da demolição dos prédios e da desfiguração de antigos logradouros e praças.

O que os jovens de hoje conhecem de Teresina de outrora? Praticamente nada; a não ser por intermédio de algumas publicações sobre o tema, restringindo-se a bem poucos leitores. É realmente lastimável.

Infelizmente, a preservação de conjuntos urbanos não vem sendo possível, em virtude das dificuldades encontradas pelos órgãos pertinentes. O abandono e o descaso a que é submetida a cultura nacional é um fato incontestável. Apenas alguns prédios isolados vêm merecendo proteção e os cuidados devidos. O tombamento de conjuntos arquitetônicos, de incontestável importância para a memória das cidades, em Teresina não tem ressonância. A proposta atual de restauração do Theatro 4 de Setembro e do Clube dos Diários é das mais oportunas em termos de



Cine Rex: exemplo da arquitetura Art Déco em Teresina

conjunto. O Clube dos Diários, onde a sociedade teresinense se reunia em animados bailes, tertúlias e outros eventos, não merece o descaso e o abandono em que se encontra.

Algumas cidades brasileiras, embora enfrentando a presente crise nacional, conseguiram recuperar alguns conjuntos arquitetônicos do seu patrimônio cultural.

O vírus do moderno vem atingindo intensamente o urbanismo.

Submetido às exigências do mercado imobiliário, o patrimônio arquitetônico vem enfrentando um adversário poderoso e intransigente.

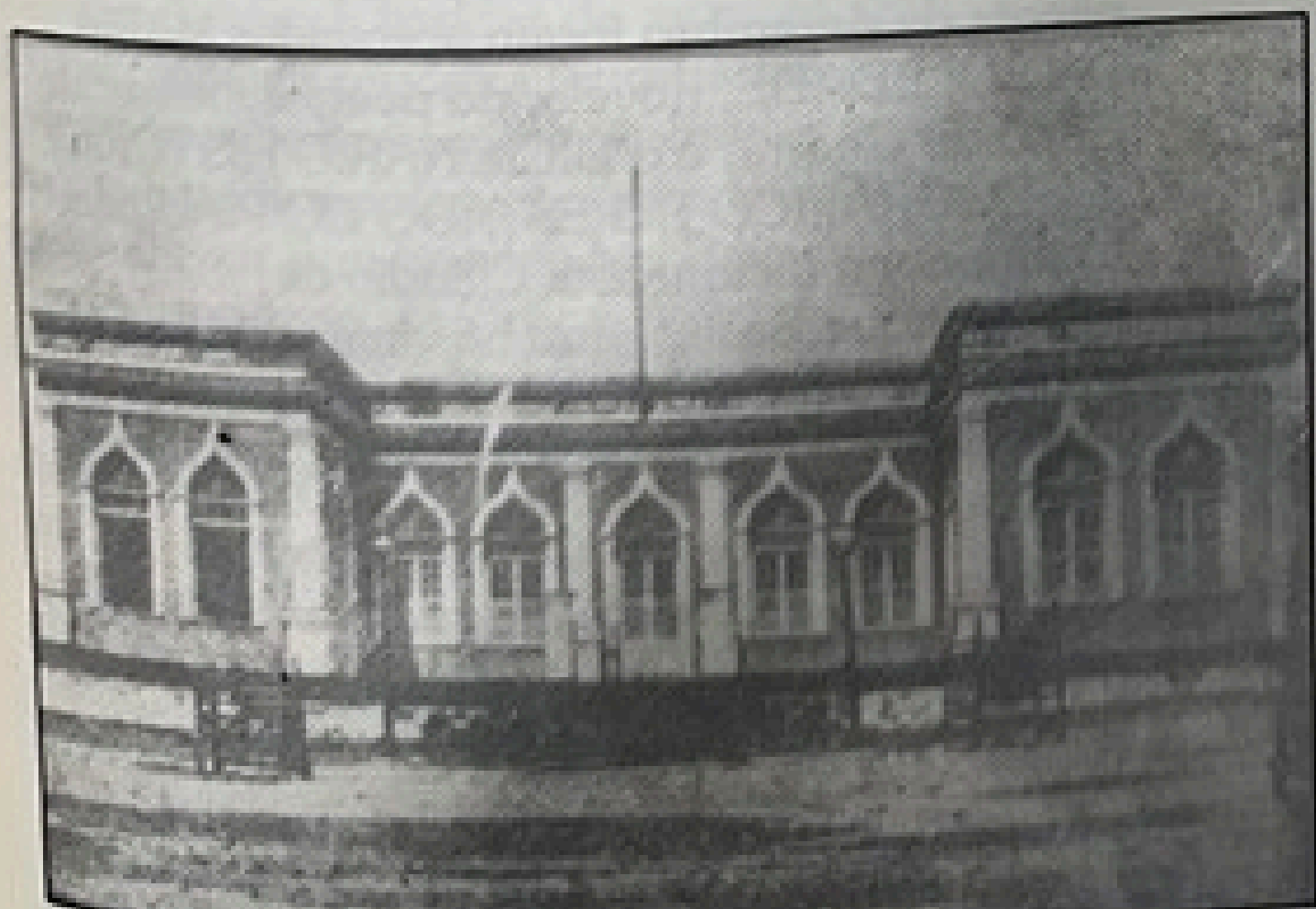
Para o arquiteto suíço Mário Botta, que responde por projetos na Europa, Japão e Estados Unidos, é necessário "revirar o passado e trazer de volta a memória das cidades". É, segundo ele, uma das chaves para afrontar a nova dimensão do moderno.

Teresina vem sendo sistematicamente mutilada em seu patrimônio cultural. A praça Marechal Deodoro, berço de Teresina, onde se encontram alguns prédios da época da fundação da cidade, poderia ter recebido maiores cuidados no que tange ao seu conjunto arquitetônico do século XIX. Naquele logradouro foram demolidos dois dos mais belos edifícios oitocentistas: o prédio do antigo Fórum, onde hoje se ergue o Luxor Hotel, e o prédio do antigo Tesouro Provincial, este demolido na década de sessenta, dando espaço para a construção do Ministério da Fazenda.

Uma cidade sem memória é uma cidade sem história.



Tesouro Provincial construído no século XIX e demolido na década de sessenta. No seu espaço foi erguido o edifício do Ministério da Fazenda.



Antigo Fórum da capital piaulense, hoje inexistente. No seu lugar foi construído o Luxor Hotel

## BIBLIOGRAFIA

- 01 - Mott, Luiz R. B. *Descrição da Capitania de São José do Piauí - 1772*. Separata da Revista de História, nº 112, São Paulo, 1972, p. 561.
- 02 - Barreto, Paulo Thedim. *O Piauí e sua Arquitetura*. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 2, Rio de Janeiro, 1938, p.p. 190/191.
- 03 - *Inventário dos bens do Comendador Jacob Manoel de Almendra*. Campo Maior, 1859, p.p. 22/25.
- 04 - Giudice, Claudia. *O fim das cidades pós-modernas*. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 04-06-1994, B. p. 8.



Adrião Neto

## LEI A. TITO FILHO

Os vários projetos submetidos à apreciação da Comissão Normativa da Lei "A. Tito Filho," editada pela Prefeitura Municipal de Teresina com a finalidade de incentivar a cultura na capital do Estado, mencionamos, a seguir, os sete primeiros que já foram totalmente executados: DISCO LUZ (disco), de Enes Gomes; 20º FESTIVAL DE VIOLEIROS DO NORTE E NORDESTE, da Associação dos Violeiros do Estado do Piauí; TELELELECO (teatro), de Fábio Costa; FESTIVAL DE VIOLEIROS, do Sindicato dos Cantadores e Poetas Cordelistas do Estado do Piauí; PROJETO CONFRONTO (show), de Dirceu Andrade; PROJETO "PIN-TURA," de José de Oliveira Leal, e NOTURNOS DE OEIRAS (álbum fotopoético), de Elmar Carvalho. Projeto em fase de execução MOSTRA VISUAL DE POESIA BRASILEIRA, da UBE/PI; PROJETO "DISCO", de Zé Marques; 21º FESTIVAL DE VIOLEIROS DO NORTE E NORDESTE, da Associação dos Violeiros do Estado do Piauí; CÂNTICO DE TODA MULHER (disco), de Fátima Lima. Outros projetos que estão sendo analisados: VIRNALISE (disco), da Fundação JET; ORQUESTRA SINFÔNICA, da Fundação JET; JOSÉ LUÍS DOS SANTOS



(disco), da Fundação JET; CORAL VERDE (coral), da Fundação JET; PROJETO "DISCO", de Fernando de Araújo da Silva; NÚCLEO DE JORNALISMO MUNICIPALISTA, de Iran Andrade, e ENSAIO VOCAL (disco), de Aurélio Melo.

## LIVROS EDITADOS PELA FCMC

Para o segundo quadrimestre deste ano, a Fundação Cultural Mons. Chaves, dando prosseguimento ao seu plano editorial, editou os seguintes livros: ALCORÃO RUBRO, romance, do acadêmico William Palha Dias; APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS E OUTROS, perfis, do acadêmico, historiador e biógrafo Mons. Joaquim Chaves; CASA BARÃO DE GURGUÉIA, memorial e considerações, de Benjamin do Rego Monteiro Neto, Diva Maria Figueiredo e Clodoaldo Freitas; JOSÉ MEDEIROS - 50 ANOS DE FOTOGRAFIA (reedição em fac simile); MEMÓRIA SOBRE A TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL DO PIAUÍ, reedição, do acadêmico Júlio Romão da Silva; ORGANOLOGIA, didático/ musical, do maestro Reginaldo Carvalho; OS LITERATOS DA REPÚBLICA: CLODOALDO FREITAS E HIGINO CUNHA E AS TIRANIAS DO TEMPO, da professora e historiadora Teresinha Queiroz.

## LIVROS APROVADOS

Dentre os livros apresentados ao Conselho Editorial da Fundação Cultural Monsenhor Chaves para publicação no pacote de dezembro foram aprovados MARIA DA SOLEDADE, novela, do poeta e romancista Cândido Guerra, e o DICIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO ESTADO DO PIAUÍ, do historiador e dicionarista Cláudio de Albuquerque Bastos, que há vinte anos vem se debruçando sobre livros e documentação primária num meticuloso trabalho de pesquisa.

## OUTROS LIVROS EDITADOS

Além do pacote editado pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves, os leitores piauienses foram contemplados com os seguintes livros: Oeiras Geografia Urbana, de Antônio Reinaldo Soares Filho; Aspectos da Literatura Piauiense, de Alcenor Candeira Filho;

Contra-Lei, poemas, de Élio Ferreira; O Caçador de Prosopopéia, poemas, de Durvalino Couto Filho; O Pulo do Gato, humor, de Zózimo Tavares; O Assassino Sai de Madrugada, romance policial, de Rosa Kapila; Nossa Terra, Nossa Gente de Cunha Neto; Supremacia de um Amor, romance, de José Teixeira Pacheco, Retratos e Fatos da História Recente, perfis, do jornalista Carlos Castelo Branco (edição póstuma), e Vultos da História de Barras, de Wilson Gonçalves Carvalho, álbum poético Noturno de Oeiras, de Elmar Carvalho; e Poemas que neguei e entre caminho, poemas, de Edinólia Fontenele. Para breve teremos: Asas para o Apogeu, poemas, de Ronaldo Alves Mousinho.



## ENCONTRO NACIONAL DE FOLGUEDOS

O governo do Estado do Piauí, através da Fundação Cultural do Estado, este ano promoveu o XVIII ENCONTRO NACIONAL DE FOLGUEDOS DO PIAUÍ. O programa incluiu várias atrações, entre elas mencionamos bandas de músicas, grupos de dança, grupo de capoeira, bumba-meu-boi, reisado, tambor de crioula, quadrilhas e outras. Dentre os participantes de outros Estados mencionamos Bumba-meu-boi Raio de Luz e Riso da Mocidade, de Timon, MA; Grupo de Projeção Artística Cenecista, de Fortaleza, CE; Tambor de Crioula do Maranhão; Grupo Folclórico "Mestre Romão", de Paranaguá, PR; Tropeiros da Borborena, de Campina Grande, PB. A programação teve início dia 17 e se estendeu até o dia 29 de junho.



## CENTENÁRIO DE LUCÍDIO FREITAS

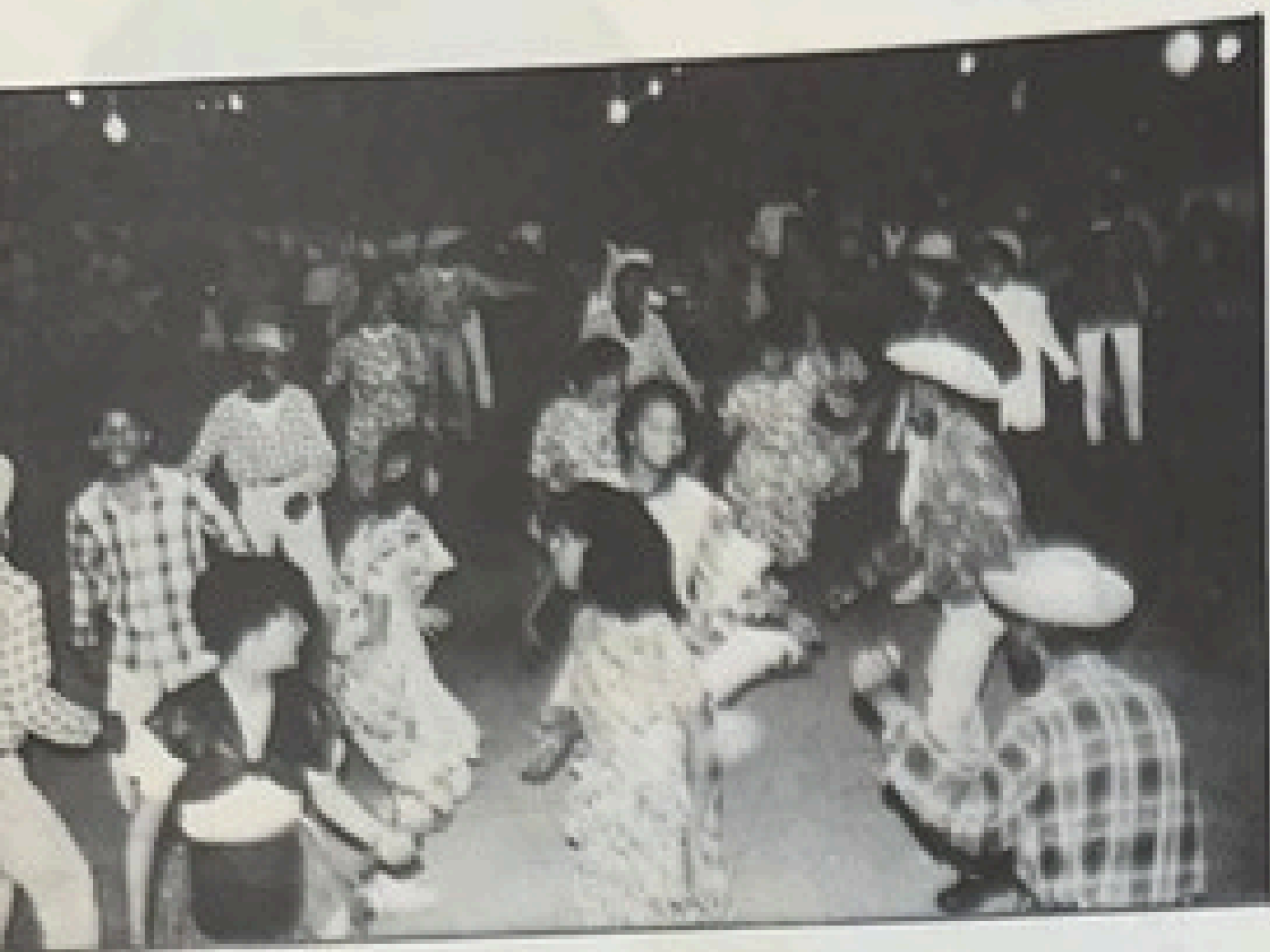
Nos dias 5 e 6 de abril do ano em curso, a Academia Piauiense de Letras promoveu um seminário comemorativo ao centenário de nascimento do ilustre poeta piauiense Lucídio Freitas, fundador e patrono da APL. O evento foi realizado no auditório da Fundação Cultural do Piauí. No primeiro dia verificou-se a abertura pelo presidente da academia, Manoel Paulo Nunes; discurso comemorativo à data pelo acadêmico Celso Barros Coelho; lançamento das publicações da APL; lançamento pela Fundação Cultural do Piauí do Concurso de Poesia "Lucídio Freitas". Na mesma ocasião, Amaury Teixeira Nunes fez uma exposição sobre a Atualidade da poesia de Lucídio Freitas. No segundo dia a professora e pesquisadora Teresinha Queiroz apresentou a conferência "Lucídio Freitas - Sonho e Tragédia". Para encerrar a efeméride, Francisco Miguel de Moura apresentou uma síntese da Literatura do Piauí.



## CONCURSO DE POESIA "LUCÍDIO FREITAS"

Por ocasião do seminário comemorativo do centenário de nascimento do poeta Lucídio Freitas, promovido pela Academia Piauiense de Letras, a Fundação Cultural do Piauí lançou o Concurso de Poesia "Lucídio Freitas". O tema foi livre e as inscrições ficaram abertas até o dia 5 de junho. A Fundação ofereceu prêmios de 300, 200 e 100 URVs para o 1º, 2º e 3º lugares, respectivamente. O concurso "Lucídio Freitas" foi um dos mais concorridos. Houve quase trezentas inscrições. A comissão julgadora foi composta por um membro da Academia Piauiense de Letras, um do Conselho Estadual de Cultura e outro da Universidade Federal do Piauí. O resultado só sairá em data oportuna a ser agendada pelo órgão promotor.

## FESTA JUNINA



A Fundação Cultural Monsenhor Chaves, contando com o apoio da SEMEL, promoveu festa junina em vários bairros da capital, entre os quais Mocambinho, Lourival Parente, Piçarreira, Satélite, Parque Piauí, Bela Vista, Parque Alvorada, Morada do Sol, Vila Maria e Vila Coronel Carlos Falcão, dentre as atrações, foram oferecidos Grupo de Forró, Bumba-Meu-Boi, Emboladores, Violeiros, Tambor de Crioula, Reisado, Capoeira / Maculelê, Quebra-pote, Reis Magos e Pau de Sebo. A FCMC também deu apoio na parte de transporte, ornamentação, materiais e mão-de-obra

## CONCURSO NACIONAL DE MONÓLOGO

Em agosto, no Teatro do Boi, situado no bairro Matadouro, sob a coordenação da atriz Lari Sales, a Fundação Monsenhor Chaves, realizará o concurso Nacional de Monólogo ANA MARIA REGO, prêmio teatrólogo "Santana e Silva". Esta é a quarta edição do concurso e a primeira vez de âmbito nacional. A premiação é de um salário e meio



"melhor diretor" e a FCMC já recebeu inscrições do Piauí, a FCMC já recebeu inscrições do Ceará, Pernambuco e Paraíba.

## OFICINA DE TEATRO

A Fundação Cultural Monsenhor Chaves mantém permanentemente oficina de teatro. A duração da oficina é de um mês. Qualquer pessoa poderá se inscrever na sede da Fundação, situada na rua Eliseu Martins, 1426, centro, Teresina, PI, CEP 64000-120.



## A IGREJA E O CORDEL

Nos dias 1º e 2 de junho do ano em curso, o Sindicato dos Cantadores e Poetas Cordelistas do Estado do Piauí e a Pastoral Operária, tendo à frente os poetas cordelistas Pedro Costa e Edvaldo Guerreiro, realizaram o I SEMINÁRIO DA PASTORAL DE VIOLEIROS E CORDELISTAS. A solenidade, que contou com o apoio de várias pessoas, aconteceu no auditório da Pastoral Operária do Bairro Dirceu Arcoverde.

## COMENDA

Dia 30 de maio, por ocasião da comemoração do dia do geólogo, o geólogo e escritor Antônio Reinaldo Soares Filho, membro do Instituto Histórico de Oeiras e da UBE/PI, autor dos livros Oeiras Municipal; Oeiras Geografia Urbana e outros, foi agraciado com a medalha honra ao mérito Wilhelm Kegel, outorgada pela Associação dos Geólogos do Piauí pelos relevantes serviços prestados na área de Hidrogeologia do Piauí. A



solenidade contou com a presença de várias autoridades, inclusive do embaixador da Alemanha no Brasil Herbert Limmer, que também foi homenageado.

## EXPOSIÇÃO

O Departamento de Artes da Fundação Cultural do Piauí está produzindo um vídeo sobre a produção artística do artista plástico Carlos Frederico de Moura Ramos, conhecido artisticamente como Fredd Ramos. Brevemente a FCMC fará uma exposição denominada "Retrospectiva Fredd Ramos". O local escolhido foi a Galeria da Rua dos Negros, situada na sede da Fundação.

## CONCURSO LITERÁRIO

O concurso literário "NOVOS AUTORES - PRÊMIO CIDADE DE TERESINA, 94", promovido pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves, encerrado recentemente, apesar de oferecer um prêmio de 100 URVs e a publicação dos trabalhos classificados em primeiro lugar nas categorias Pesquisa Histórica sobre a Realidade Piauiense, Ficção e Poesia, não conseguiu despertar o interesse dos escritores piauienses. As categorias pesquisa e ficção apresentaram apenas um inscrito em cada uma delas. A categoria poesia contou com doze livros inscritos. As comissões julgadoras ficaram assim compostas: Ficção: Francisco Miguel de Moura, Hector Pellizi e José Airton Ferreira de Sousa; Poesia: Rubervan Du Nascimento, William Melo Soares e Raimundo Alves Lima. Pesquisa: Alcebiades Costa Filho, Adrião Neto e Francisco Aci Gomes Campelo. Resultado: Apenas na categoria Ficção houve um ganhador: João Bosco da Silva, com a obra Geralho.

## HOMENAGEM

Em solenidade realizada dia 18.04.94, no salão nobre do Palácio da Cidade, a ECT lançou o selo em homenagem ao escritor e jornalista Carlos Castelo Branco, o Castelinho, autor da famosa Coluna do Castelo, reproduzido nos principais jornais do país. Entre os participantes da cerimônia destacamos os nomes da viúva do homenageado ministra Élvia Lordelo Castelo Branco, presidenta do TCU, o presidente da ECT, Antônio Correia; o diretor



regional da ECT, no Piauí, Alfredo Ferreira Neto, e outros membros da diretoria dos Correios. A solenidade reuniu também vários políticos, entre os quais o senador Hugo Napoleão, o ex-governador Freitas Neto, o ex-governador Alberto Silva, o prefeito de Teresina, Prof. Wall Ferraz, o ex-prefeito de Parnaíba Dr. Francisco de Moraes Sousa, o Mão Santa, o deputado federal João Henrique Sousa, vários acadêmicos e jornalistas. Entre os que falaram citamos o presidente da ECT, o acadêmico Celso Barros, o Senador Hugo Napoleão e a viúva de Castelinho. Na mesma ocasião foi lançado o livro Retratos e Fatos da História Recente, de Carlos Castelo Branco, edição póstuma. A solenidade contou ainda com a entrega pela viúva ao prefeito de Teresina do fardão que Castelinho usava na Academia Brasileira de Letras, além de uma coleção de livros para compor o acervo da biblioteca que leva o nome do imortal Carlos Castelo Branco, situada no espaço cultural da Casa Barão de Gurguéia.

## CONCURSO DE MONOGRAFIA

Dia 13 de abril, em solenidade realizada no Palácio da Justiça, o Tribunal de Justiça do Estado do Piauí firmou convênio com a Academia Piauiense de Letras com a finalidade de lançar um concurso de monografia sobre temas do Poder Judiciário Piauiense e personalidades a ele relacionadas. As inscrições estão abertas, e se prolongarão até o dia 24 de agosto e poderão ser feitas na sede da Academia Piauiense de Letras, na Avenida Miguel Rosa,



3,300, sul, de 08:00 às 12:00 horas. As monografias classificadas em 1º e 2º lugares receberão, respectivamente, 200 e 150 Reais e serão editadas pelo serviço gráfico do Poder Judiciário, do Tribunal de Justiça do Estado do Piauí. A comissão julgadora foi composta pelos acadêmicos Wilson de Andrade Brandão, Paulo de Tarso Mello e Freitas e Raimundo Nonato Monteiro de Santana.

## **I CONCURSO DE LITERATURA DE CORDEL**

Prêmio "Casa do Cantador, 1994"

# **I CONCURSO DE LITERATURA DE CORDEL**



A Associação dos violeiros e Poetas Populares do Piauí organizou o I Concurso Nacional de Literatura de Cordel. O tema escolhido foi "A Casa do Cantador em Teresina e o Repente no Brasil". O primeiro colocado receberá prêmio em dinheiro e as primeiras dez obras classificadas serão publicadas em forma de coleção em um livro que fará referência ao concurso. Os prêmios serão entregues durante o Festival de Violeiros do Norte e Nordeste.

## **LIVRO DIDÁTICO**

**T**ERESINA é o título do livro de Estudos Sociais do segundo ano do primeiro grau menor, adotado por algumas escolas da capital piauiense. A obra editada pela Editora do Brasil S/A é de autoria da professora Elzani Portela de Araújo Sousa. O livro transcreve os poemas "Teresina", de Zé Rodrigues, e "Ponte Metálica", de Adrião Neto. Além das composições mencionadas, constam também fragmentos de poemas dos escritores Socorro Santana, Felício Pinto, Adrião Neto, João Afonso Ferreira, Oliveira Neto, William Melo Soares e Beth Rego, co-autores do Álbum Poético "Postais da Cidade Verde," editado em 1989, pela União Brasileira de Escritores do Piauí-UBE/PI, com o patrocínio da Fundação Cultural Monsenhor Chaves.

## **ATALIBA, O VAQUEIRO**

**E**m solenidade conjunta da Universidade Federal do Piauí e da Academia Piauiense de Letras, realizada dia 7 de maio do ano em curso, diante de um público seletivo, no auditório da Casa de Lucídio Freitas, aconteceu o lançamento da reedição do romance Ataliba, o Vaqueiro, de Francisco Gil Castelo Branco. O livro em pauta foi publicado pela primeira vez em 1878, no Diário de Notícias do Rio de Janeiro. Sua segunda edição data de 1880, feita pela tipografia Cosmopolita, também do Rio de Janeiro. A terceira e última edição, feita através da gráfica da UFPI, data do início de maio do ano em curso. Ataliba, o Vaqueiro foi o primeiro livro do país a retratar o drama da seca no Nordeste. Na cerimônia de lançamento o reitor Charles Silveira foi agraciado com a medalha do Mérito Cultural Lucídio Freitas, outorgada pela APL. A mesma honraria foi distribuída para várias outras autoridades.

## **OFICINA DE TEATRO II**

**C**om o apoio da Fundação Cultural Monsenhor Chaves, a atriz Lari Sales está realizando uma oficina de teatro com jovens que estão fazendo teatro pela primeira vez. O curso vai até outubro, quando será apresentada a montagem da peça de João das Neves "A LENDA DO VALE DA LUA". As aulas estão sendo ministradas no Ciente Centro, situado na praça do Liceu.



# TERESINA

142 Anos

*Zé Rodrigues*

*Você me deixa tonto-zonzo  
Quase como louco de encantamento  
Eu desanoiteço no seu todo de mulher  
No verde dos teus olhos de menina  
Seu olhar de querubina faz o Sol me esquentar  
E quando é noite a Lua nina Teresina  
Que desatina até o Sol raiar*

*De manhã eu olho pra Timon  
E sinto o gosto bom de Parnaíba desaguar  
Então eu choro transbordantemente  
De alegre enchente no meu coração  
São dois veios vivos como as águas claras  
Desse Parnaíba que não voltam mais  
Apenas olham minha Teresina  
Como quem delira na beira do cais  
Ai troca, quem troca destroca  
Minha Teresina  
Não troco jamais.*

## VERSO



*Hélio Soares Pereira*

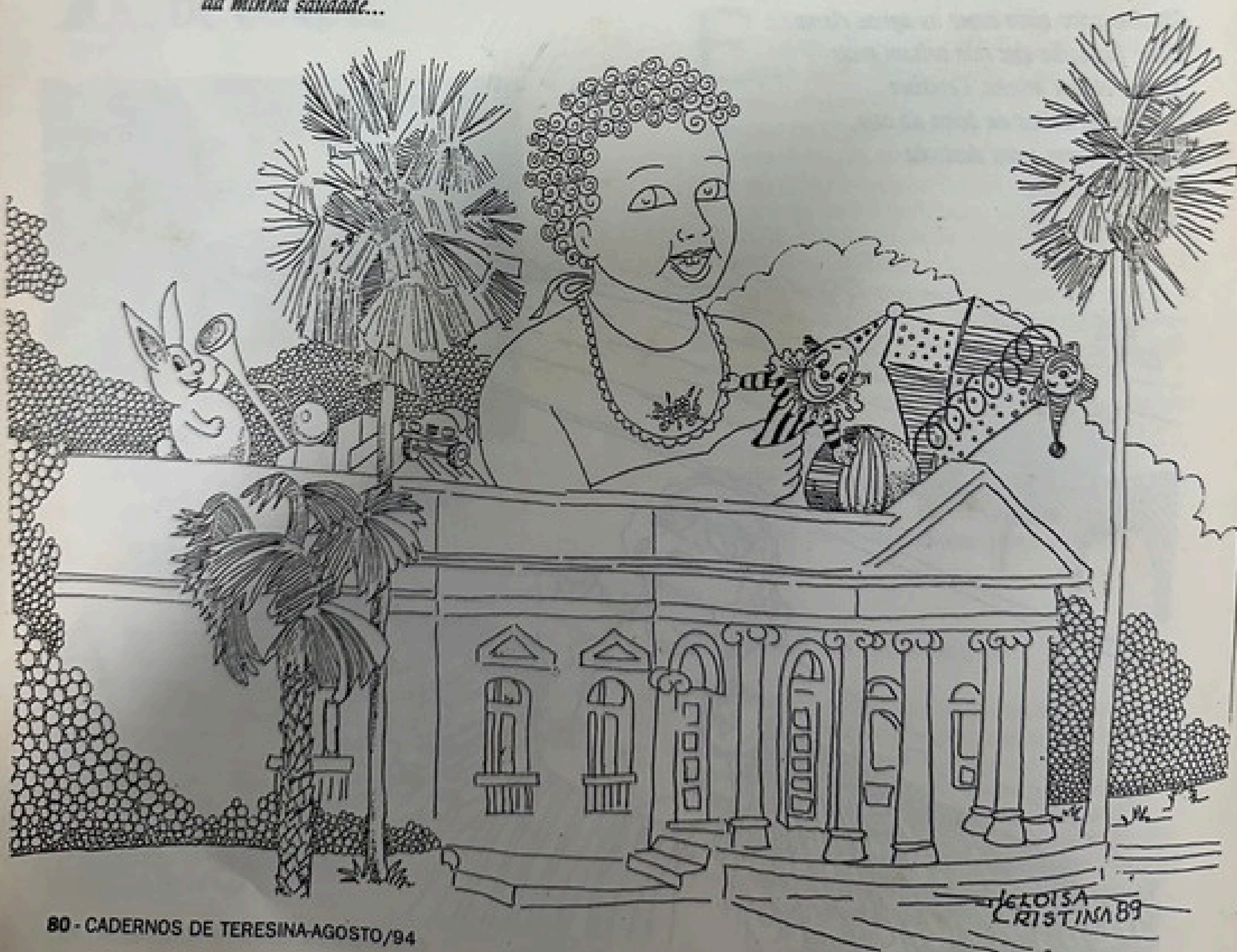
*Hoje eu te contemplei  
na fantasia  
dos meus olhos...*

*Eu te senti  
no calor da terra solta  
de minha infância...*

*Eu subi  
nas tuas árvores verdes  
de minha juventude...*

*Eu te molhei  
na água filtrada  
da minha saudade...*

# REVERSO





### ANTÔNIO AMARAL

Nasceu no sítio Muricituba, município de São Benedito - CE, mas passou a residir em Campo Maior desde um mês de idade. cursou Artes Plásticas na UFPI, durante mais de 3 anos, sem conclusão. As Histórias em Quadrinhos (HQ) foram suas primeiras e grandes influências, que ainda perduram. Passou por várias fases em sua pintura. Utiliza várias técnicas, sendo a aquarela a sua paixão. Profissionalmente, dedica-se à publicidade, na área de computação gráfica. Sua última fase é voltada para uma temática bíblica, mesclando recursos expressionista e impressionista.